

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DIANA GOLDMAN

PSICANÁLISE E TELEPATIA, UM CASO CLÍNICO

DIANA GOLDMAN

PSICANÁLISE E TELEPATIA, UM CASO CLÍNICO

PESQUISA DE MESTRADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ORIENTADOR: PROFESSOR FERNANDO AGUIAR BRITO DE SOUZA

FLORIANÓPOLIS

2003

Diana Goldman

Psicanálise e telepatia, um caso clínico

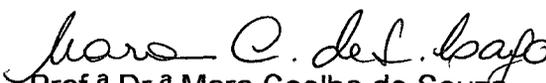
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2003.


Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Filgueiras Toneli
Coordenadora


Prof. Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa
Departamento de Psicologia, UFSC


Prof. Dr. Kleber Prado Filho
Departamento de Psicologia, UFSC


Prof.^a Dr.^a Mara Coelho de Souza
Departamento de Psicologia, UFSC

DIANA GOLDMAN

PSICANÁLISE E TELEPATIA, UM CASO CLÍNICO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Orientador: PROFESSOR FERNANDO AGUIAR BRITO DE SOUZA
Banca examinadora: PROFESSOR KLEBER PRADO FILHO
PROFESSORA MARA MARIA LAGO

FLORIANÓPOLIS

2003

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PSICOPATOLOGIA DA PARANÓIA	22
2.1. A Paranóia na Psiquiatria	22
2.2. O caso Schreber	24
2.3. A Paranóia em Freud	25
2.4. A Paranóia em Lacan	28
3. O CASO M.	34
3.1. Entrevistas preliminares	34
3.2. Primeiras sessões	38
3.3. Telepatia e sedução	45
3.4. A perseguição	46
3.5. A cena traumática	50
3.6. Epílogo	53
3.7. Epícrise	54
4. PSICANÁLISE E TELEPATIA	
4.1. Freud e a Telepatia	67
4.1.1. 1899. Uma Premonição onírica cumprida	67
4.1.2. 1900. Crença na casualidade e a superstição	68
4.1.3. 1912. Tomem e Tabu. Animismo, magia e onipotência das idéias	73
4.1.4. 1914. A " <i>Fausse reconnaissance</i> "	75
4.1.5. 1921. Psicanálise e telepatia	77
4.1.6. 1922. Sonho e telepatia	79
4.1.7. 1925. A significação ocultista do sonho	82
4.1.8. 1927. Uma experiência religiosa	85
4.1.9. 1932. Sonho e ocultismo	86
4.2. Lacan, telepatia e <i>déjà vu</i>	96
4.2.1. Da ressonância nas redes comunicantes do discurso	96
4.2.2. Entre o reconhecido e o visto	99
5. CONCLUSÕES	103
6. BIBLIOGRAFIA	109

RESUMO

Apresentação do tratamento analítico de uma mulher diagnosticada como psicótica, que pergunta “estou louca ou tenho poderes paranormais?” e da leitura psicanalítica dos textos de Freud no que diz de sua teoria da paranóia e do que chama de fenômenos ‘maravilhosos e fantásticos’: a telepatia, previsão do futuro ou sonhos premonitórios, o *déjà vu*, o *déjà raconté*, os encontros singulares, a casualidade e superstição; sua posição perante ao ocultismo, os adivinhos, quiromantes, astrólogos; e o caso P., um de seus pacientes em análise, que teria captado seus pensamentos, e por Lacan, sua teoria da psicose, e sua leitura dos textos de Freud sobre telepatia. A partir do caso e da leitura dos textos se sustenta a possibilidade de uma escuta analítica da telepatia como fato da percepção ao serviço do desejo inconsciente.

ABSTRACT

The psychoanalytic treatment of a woman diagnosed as psychotic, who asks “Am I crazy or do I have powers?” justifies searching through Freud’s theory of paranoia; his articles which study phenomena such as telepathy, prediction of the future or premonitory dreams, the *déjà vu*, the *déjà raconté*, chance and superstition; his position towards occultism, future tellers, card readers and astrologists, and the case of one of his patients, who would have read his thoughts, and a searching through Lacan’s theory of psychosis and his interpretation of Freud’s texts on telepathy. It is sustained, based into the analysis of the case and the texts, the possibility of a psychoanalytical listening of telepathy as a fact of perception to the service of unconscious desire.

PAVAVRAS CHAVE

PSICANÁLISE

TELEPATIA

PARANÓIA

1. INTRODUÇÃO

*Estou hoje dividido entre a lealdade que devo à tabacaria do outro lado
da rua como coisa real por fora,
e a sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro*
Fernando Pessoa

A justificativa e proposta de minha pesquisa surge como resultado de uma experiência profissional e um percurso intelectual que acho melhor consignar. Formo parte da quarta geração de uma família atéia e marxista, e na educação que recebi, a religião se considera “o ópio dos povos”. Não nasci com poderes paranormais nem contatei, que eu saiba, seres de outras dimensões. Decidi ser psicanalista aos 15 anos, após ver um documentário sobre a história da loucura que falava de Freud. Formei-me como Psicóloga na Universidade Nacional de Buenos Aires em 1975 e comecei imediatamente a trabalhar na linha lacaniana porque iluminou minha incipiente experiência clínica. Como experiência institucional mais importante tive cinco anos de residência no Serviço de Psicopatologia do Hospital Israelita de Buenos Aires, outros tantos na Associação de Psicólogos de Buenos Aires e a Fundação CIAP, cargos que obtive através de concursos. Fui Supervisora da Equipe de Psicose do Hospital Israelita, e Coordenadora da Equipe de Urgências da Associação de Psicólogos.

Levar a psicanálise ao maior número possível de pessoas e a questão do tratamento da psicose, foram sempre dois temas de minha prática que me interessaram especialmente, e que pela sua vez, me levaram a investigar os problemas da psicanálise nas instituições e adquirir experiência com quadros nosográficos variados e difíceis, como a psicossomática, a perversão, a dependência química, além da psicose, temas sobre os quais escrevi e apresentei trabalhos.¹

Mesmo não sendo de meu interesse central, algumas vezes tentei ler Jung, ou os trans-pessoais como Tart e Wilber, mas os abandonei ao não encontrar neles utilidade

clínica, ao menos como eu a praticava. Com Jung, não conseguia superar a irritação epistemológica que me causava sua maneira de utilizar o inconsciente freudiano para dar fundamento científico a suas hipóteses, outorgando-lhes estatuto de objeto, quando em Freud trata-se de um conceito.²

Um belo dia, ganhei um I Ching de um amigo que, apesar de sua indicação, me rejeitei a comprar argumentando falta de interesse por “essas coisas”. Assim chegou em minhas mãos o tradicional oráculo chinês de transmissão oral e origem desconhecida, introduzido no Ocidente a partir do texto estabelecido por Richard Whilheim Sua publicação original em alemão inclui uma introdução de Carl Jung, já famosa pela descrição do conceito de sincronicidade³, princípio causal predominante entre os chineses em que se baseia a lógica do seu funcionamento. Foi traduzido com todo o respeito de um texto erudito a uma grande quantidade de idiomas. Em espanhol, para dar um exemplo de seu prestígio, foi publicado com prólogo de Jorge Luís Borges. O que aconteceu com o I Ching é parte dos fenômenos da Nova Era: o resgate de conhecimentos ancestrais, traduzidos, explicados ou estilizados para sua publicação em massa no Ocidente.⁴

Em honra à generosidade de meu amigo, comecei a jogá-lo, principalmente em rodas de amigos curiosos, e imediatamente me chamou a atenção algo que eu batizei de *pertinência* das respostas. Como eram dadas através de figuras simbólicas, tais como o exército, o vento, a inundação, etc., era notável a correspondência com o tema da pergunta. Por exemplo, consultando sobre relações amorosas, costumava responder com A família, O cortejo, O amante, ou O matrimônio, ou seja, um dos quatro únicos hexagramas – dentre os 64 que são em total – que falam diretamente do assunto. Um amigo matemático, por sua vez, falou desafiante: “vou lhe perguntar se Deus existe”. Ao jogar as moedas, obtive como resposta o hexagrama 4, “A inexperiência da juventude”, que vale a pena citar:

Não sou eu quem procura o jovem tolo
 é o jovem tolo quem me procura
 se pergunta duas, três vezes, é incomodo
 se me incomoda, não dou informação.

Uma resposta que eu achei muito lacaniana... Outra coisa que também chama a atenção do ponto de vista matemático, é que a mesma pergunta pode ser respondida com o

mesmo hexagrama, que resulta da combinatória binária de jogar 6 vezes, três moedas. A probabilidade de acontecimento deste sucesso é de uma em 64, segundo o cálculo de probabilidades, e se acrescentarmos os casos em que desse três vezes a mesma resposta, onde a probabilidade é de uma em 4.096 vezes, pode suspeitar-se que o I Ching manifesta um comportamento não ao acaso. Porém, ainda penso que este mistério pode ser estudado cientificamente, e não é o único mistério que a ciência ainda não conseguiu desvendar.

O I Ching não teve conseqüências ou aplicações no meu trabalho; fazia parte de meu espaço lúdico. Porém, a experiência despertou minha curiosidade por autores chamados genericamente de esotéricos, como Steiner, Gurdieff ou Castaneda⁵, mas insisto, não significava em hipótese alguma que eu tivesse abandonado a leitura de Lacan, que ocupava a maior parte de meu tempo. Considerava essas leituras esotéricas parte de meu *loisir*.

A respeito de Castaneda por exemplo, eu achava a cosmogonia tolteca coerente e científica, só que referida a uma anatomia de corpos luminosos completamente alheia a minha percepção. Aliás, ao mesmo tempo, lia “Une douleur irresistible”, onde o psicanalista argentino radicado em Paris, Fernando Geberovich⁶, levanta preciosas hipóteses psicanalíticas sobre a clínica da dependência química e dedica todo um capítulo a estudar os textos de Castaneda – utilizados por alguns drogados como justificativa ideológica de seu comportamento – estabelecendo uma diferença entre o uso ritual de substâncias alucinógenas do primeiro, contra o gozo não socializado que comporta para o drogado. O interessante é que o relevo da doutrina de formação do xaman tolteca mostra muitos pontos de coincidência com a psicanálise, especialmente lacaniana, como por exemplo a noção do ego como lugar de desconhecimento. A teoria de que o que chamamos realidade, é um “arranjo da percepção” que resulta da criança ser treinada pelos adultos ao seu redor desde que nasce, a entendia com esta citação de Lacan⁷ “... nos contentaremos con observar que es únicamente por las articulaciones simbólicas que lo enmarañan con todo un mundo como la percepción toma su carácter de realidad.”

Esta coincidência entre a psicanálise e a tradição tolteca recolhida por Castaneda também era mencionada por Juan Carlos Indart em grupos de estudo da década de ‘80 em Buenos Aires. Mas nem Indart, nem Geberovich e nem eu acompanhávamos Castaneda nas manobras extravagantes que visam alterar a percepção para acessar a outras

dimensões... e nos limitávamos a testemunhar uma confirmação das noções lacanianas vinda de culturas alheias.

Em 1987 conheci o autodenominado parapsicólogo Osvaldo Micheletti, que já nos primeiros instantes de conversa evidenciara ler meu pensamento, e demonstrara essa capacidade telepática e precognitiva em experimentos caseiros, em reiteradas oportunidades. Vou dar um exemplo que me convencera: estávamos em minha casa, conversando sobre tudo isto, quando ele se inquietou dizendo que em poucos minutos aconteceria um acidente na rua, expressando seu desejo de descer à estrada para ajudar e que eu o acompanhasse para testemunhar a veracidade de sua predição. Eu rejeitei o convite, pensando na verdade que estava louco, quando logo, enquanto ele ainda descia pelo elevador, escutei o som inconfundível de uma batida de carros...

Segundo este senhor, a telepatia e a previsão do futuro não têm nada de mágico, pois consistem em uma série de cálculos que a mente (inconsciente só em sentido descritivo) realiza em grande velocidade, com base em dados geralmente desprezados de uma situação, coisas insignificantes mas exclusivas, por exemplo uma linha desfiada em uma meia calça ou uma roupa emaranhada em um varal. Ou seja, trata-se de um treino da percepção que qualquer pessoa poderia desenvolver. Não tentei pessoalmente, fiz uma ou duas provas que pareciam confirmar a teoria de seu Micheletti, e desisti por falta de interesse. O que poderia acrescentar à clínica, onde a dificuldade é que o paciente faça consciente o inconsciente, e não que a escuta analítica seja incapaz de fornecer suficiente informação?

Para compreender este ponto deve-se entender que a efetividade da interpretação analítica não consiste na revelação bruta do inconsciente, senão nas inversões dialéticas que o analista pode produzir no discurso que o paciente lhe dirige, tal como exemplifica Lacan⁸ com o caso Dora de Freud⁹, na pergunta que este lhe formula, logo que Dora falara das mentiras com que sua família ocultava em relação à infidelidade matrimonial do pai: “e que parte tem você na desordem que denuncia, visto que você também o encobre?” A resposta da paciente é outro desenvolvimento de verdade, ao qual o analista responde com uma nova inversão dialética e assim por diante. Em resumo, para a manobra do analista não tem aplicação nenhuma informação qualquer que não provenha do discurso do paciente.

Circunstancialmente li alguns artigos de revistas de Parapsicologia independentes, de caráter experimental, que achei pouco inspirados, mas por eles descobri que existia essa disciplina, fundada em universidades norte-americanas. Controvertida e pouco prestigiada nos círculos acadêmicos, mantinha-se fundamentalmente apoiada por iniciativas privadas. Consultei os textos de Freud, poucos artigos ao longo de toda sua obra, nos quais fala da telepatia e do ocultismo. Curiosamente, menciona a teoria de prever o futuro por meio de cálculos, análoga à mencionada por seu Micheletti, só que na sua opinião não seriam praticáveis. No momento não me detive nisso, mas sim, em que admite que a telepatia pode existir. Freud (1932) escreve a respeito dos temas abordados pelos ocultistas, que até que os investigadores consagrados ao estudo da especialidade alcancem uma decisão, “seguiremos abandonados à dúvida e a nossas suposições pessoais”. Porém, se ele reconhecia esse direito e aceitava a existência positiva do fenômeno, não vi razões para me inquietar intelectualmente em reconhecê-la também. Aliás, não é uma possibilidade que desafie necessariamente os princípios da ciência, principalmente quando interrogantes análogos existem a respeito do contato entre as abelhas, as aves migratórias ou as partículas subatômicas. Finalmente, a idéia mais forte que a leitura de Freud me deixou foi sua opinião de que a psicanálise poderia trazer alguma luz ao esclarecimento da telepatia.

É notável que, tanto no meu caso como no de Freud, quem testemunha seu convencimento final pela contribuição de “experiências em círculos íntimos”¹⁰, a aceitação da existência positiva da telepatia precisou uma experiência direta. Minha crença – como a de todos aqueles que não possuem o dom – apoia-se na comprovação objetiva, e não pretendo que outros cheguem a esta mesma conclusão prescindindo dela.

Assim, conheço em 1990 uma mulher de 30 anos a quem chamarei de M, que manifesta ter sonhos telepáticos. Vou detalhar a maneira singular em que se produziu nosso encontro. A pessoa que a enviou realizava um trabalho social em uma instituição que atendia imigrantes e marginais diversos. Ela tinha me questionado, numa das entrevistas que eu realizava com diferentes pessoas me apresentando profissionalmente ao me radicar em Barcelona, que os psicanalistas são tão susceptíveis com a ortodoxia na hora de aceitar pacientes, que não contava muito com eles, sendo que seus clientes costumavam apresentar nós de problemas sociais psiquiátricos e econômicos, difíceis de desatar. Já escutara o mesmo de outros, e lhe respondi, apelando à minha experiência em instituições, que se

pode encontrar a forma de manter a ortodoxia da escuta analítica apesar das restrições colocadas pelas normas institucionais à liberdade requerida pelo dispositivo analítico, e que valia a pena, pois, às vezes, a instituição (hospitalar, privada ou semi-privada) é a única opção terapêutica de um indivíduo – não somente por motivos econômicos, mas também transferenciais. Mencionei as possibilidades para o tratamento da psicose que abria a especulação lacaniana, e outras circunstâncias de nossos respectivos trabalhos com sujeitos que estão muito longe de ser o ideal de paciente analítico. Foi neste contexto de não confundir ortodoxia com convencionalismo que comentei com esta pessoa meu conhecimento do I Ching e minhas recentes leituras de temas e autores esotéricos. Eu achava que me deparava com as vicissitudes de um analista imigrante para se formar uma clientela.

Este assistente social ligou um belo dia para perguntar se eu receberia M, uma moça muito inteligente mas complicada, que havia feito diversos tratamentos psicológicos e internações psiquiátricas, e que tinha evoluído de cliente a voluntária, como freqüentemente se sucede nestas instituições, para dar espaço a pessoas que conservam certa capacidade operacional. O problema era que M não queria uma consulta psicológica: perante o conselho de encarar um novo tratamento, manifestou que não consultava mais terapeutas porque eles não entendiam nada de espiritualidade, ao que a mulher respondeu não ser verdade, porque havia conhecido uma psicanalista lacaniana argentina que lia autores esotéricos, e conhecia o I Ching. M, que o tinha como um de seus livros de cabeceira, e que pela sua formação profissional sabia de escolas psicanalíticas – coisa incomum na Espanha – manifestou então seu desejo de me conhecer, no entanto explicitou que não era uma consulta o que desejava.

Concordei com a assistente social que esta poderia ser uma forma de conseguir com que M se abrisse para um tratamento, embora eu prefisse desenrolar no contato direto com ela, o que poderia ser o quebra-cabeça da demanda na histeria ou as dificuldades do estabelecimento da transferência na psicose. Aceitei que desse meu telefone a ela.

Pouco tempo depois, M telefona, apresenta-se muito corretamente e solicita um encontro para me consultar sobre a resposta que deu o I Ching a uma pergunta sua...! Eu disse não me sentir capacitada para tal coisa, e que não era uma atividade à que me dedicava, mas ela insistiu em me conhecer, pensando que qualquer comentário poderia lhe

ser útil. Aceitei e marcamos uma entrevista em minha casa que era também meu consultório.

Quando a recebi, convidei-a a desembrulhar logo sua questão. Ela consultara o I Ching para confirmar sua suspeita da intenção verdadeiramente maliciosa de sua chefe e companheiras de trabalho que, temia, tramavam alguma coisa para forçá-la a abandonar o emprego. Não entendia a resposta do I Ching, o hexagrama 53, O cortejo. Não registro aqui o emaranhado de supostas intrigas e interesses criados em que se teciam suas especulações, que por outra parte não vão ter, como se verá, outra relevância que a de formar parte de uma série de repetições. Se ela tem ainda alguma dúvida é porque se baseia em boa medida em indícios de caráter telepático. Desde menina ela observa que tem a capacidade de ler a mente das pessoas e de saber o que vai acontecer, porém não a pode controlar por vontade própria. A premonição pode aparecer em sonhos, ou em imagens hipnagógicas e hipnopômbicas¹¹, mas para estar segura de seu caráter espera que o acontecimento as confirme, pois tem outros sonhos que não são premonitórios.

Sonhara, por exemplo, com o irmão – que consumia drogas e tinha um comportamento delituoso – na cadeia, e ele dois dias depois foi detido pela polícia, e outros exemplos equivalentes. Mas às vezes tem sonhos confusos ou que não mostram seus elementos premonitórios até depois, quando o acontecimento os recorta retrospectivamente como sinais. Por outro lado, não tem certeza do que acredita ler na mente das pessoas se não o conferir com testemunhas ou dados comuns, e muitas vezes pode-se confundir, como é o caso presente. Para M uma percepção deste tipo pode desencadear-se a partir de qualquer coisa que chame sua atenção, objetos achados na rua, uma casualidade, sincronicidades; por exemplo, o mesmo número repetido em diferentes situações durante um dia., etc.

Outra dificuldade para estabelecer com certeza se possui “poderes” é a de discernir o significado das imagens que percebe, que muitas vezes se mostram confusas. Uma grande quantidade de imagens evanescentes se cruzam em sua mente, principalmente ao cair da noite. Na literatura da Nova Era que ela frequenta, e que não exclui a possibilidade de devoção às figuras de fé católica à que pertence, os dons desse tipo poderiam se contar entre os do Espírito Santo, como o da cura, da profecia ou de falar diferentes línguas. Ela pensa que talvez poderia dar a seus dons um uso que ajude os outros

e seja um meio de trabalho para ela... Observa-se que tem uma atitude ambivalente a respeito de seus “poderes”; por um lado parecem ser de uma superioridade, de uma excepcionalidade invejáveis, e por outro a perturbam.

Respondi a M – que tem cabelo e olhos castanhos escuros, usa óculos, veste-se com simplicidade, sem nada que chame a atenção, a não ser essa inquietação ávida do olhar que manifestam alguns doentes dos nervos – que eu não tinha a menor idéia de como interpretar a resposta do I Ching. Efetivamente, não a tinha, e a propósito, era um contraste notável com a transparência do que permitia suspeitar a escuta analítica, uma situação de perseguição paranóica bastante clássica.

Perguntei a ela se este tipo de coisa, como a de ver-se perseguida, tinha acontecido anteriormente. Na realidade sim, responde. Na sua história profissional abundavam os conflitos que a obrigavam a retirar-se dos empregos. Tinha sofrido humilhações, quando estudava ao ser descoberta como antiga paciente psiquiátrica por uma enfermeira que violou o segredo profissional, motivo pelo qual apresentara petições e queixas - o que faz pensar no tipo de querela reivindicatória típica de certas paranóias - até que enfim me pergunta “e você o que pensa, tenho poderes ou estou louca?”.

Por minha parte, não tinha dúvida nenhuma que M pudesse efetivamente ter uma capacidade telepática, mas o delírio de perseguição era o que me preocupava. Também observava que era justamente a dúvida sobre o caráter de suas percepções o que aliviava a certeza delirante de estar sendo atacada, pondo à distância dois perigos igualmente catastróficos: o de estar louca e o de estar à mercê da onipotência do Outro. Lacan¹² marca que um elemento de diagnóstico diferencial é dado pelo efeito que produz uma interpretação que aponta ao sem sentido. Enquanto o neurótico, com ou sem agressividade, suporta a inversão dialética, e põe em movimento seu discurso, o psicótico se angustia e pode chegar a desestruturar-se. Pensei que convinha considerar a possibilidade de que M fosse bem mais psicótica que neurótica – embora a situação paranóica não fosse suficiente para estabelecê-lo, pois circunstancialmente pode se apresentar em qualquer estrutura – e que não era conveniente lançar-lhe a pergunta “porque *ou*”, “porque poderes *ou* loucura? – para responder a uma demanda que, a meu ver, era antes de tudo, a de uma sinal que confirmasse o caráter real do ataque das colegas – ainda mais em um encontro que M solicitara que não fosse analítico e ainda mais, existindo a opinião generalizada na

psiquiatria, o senso comum e boa parte da cultura, que os fenômenos do tipo são manifestações patológicas.

A questão é que tive uma atitude muito mais ativa, visando limpar o campo para uma possível análise, e lhe disse que eu não punha em dúvida que ela tivesse efetivamente capacidades telepáticas, mas que também tinha problemas psicológicos sérios: ela reconhecera que às situações em que sua carreira fora interrompida por conflitos que se repetiam. A propósito, era sempre com mulheres com quem se apresentam conflitos? Deve reconhecer que sim, mas não consigo que fale mais disso.

Acrescentei então que na minha opinião, se não realizasse um tratamento psicológico para ver o que havia por trás da repetição de situações que, segundo seu próprio discurso da Nova Era, reais ou não, ela fabricava, não ia poder liberar suas capacidades, nem extraordinárias, nem tampouco as ordinárias... A propósito, digamos que a Nova Era e a psicanálise têm uma coisa muito importante em comum, que é a ética da responsabilidade pessoal, onde a primeira na verdade vai muito mais longe, fazendo o sujeito responsável não só pela própria liberdade frente as situações, mas também pela manifestação material da situação, criando literalmente a realidade, até nossos pais, que “escolhemos” ao nascer... É claro que quase ninguém, mesmo entre os esotéricos, age como se o acreditasse, mas isso não me impediu usá-lo como argumento. Então, ela me pergunta se estou lhe aconselhando a abandonar o emprego.

Respondi que não lhe aconselharia em sentido nenhum, e que possivelmente nesse momento ela mesma não estava em condições de tomar uma decisão consciente sem saber o que estava em jogo. Adiantei que não poderia entrar em análise até ficar livre das exigências de tomar decisões vitais pelo período de tempo que durasse o tratamento, conselho de Freud que costumo deixar explícito, e que me pareceu oportuno colocar nesse momento. O que fazer quando, como no seu caso, as circunstâncias parecem exigir uma decisão? Pois se deve tomar qualquer uma, assumindo que não se conhecem os motivos inconscientes que a análise poderá estabelecer mais adiante, mas que permita a estabilidade que requer o tratamento.

Apesar de concordar comigo e acalmar-se, procurou abrir uma conversa sobre o I Ching. Então lhe interrompi manifestando que sua eleição de uma psicanalista para fazer uma consulta sobre o I Ching podia não ser inocente, e que, desconhecendo as opções

terapêuticas às quais ela podia acessar, pela minha parte ficava à sua disposição caso quisesse me consultar profissionalmente, e que então teria de passar pelas tradicionais entrevistas, acordos de horários, honorários etc.

M tinha compreendido tudo o que eu falei e concordou que precisava de um tratamento. Ela não carecia de pessoas como referências para procurar um terapeuta, mesmo assim não tinha nesse momento uma pessoa ou um nome presentes, e a meu respeito não sabia, mas supunha que as entrevistas também poderiam servir para que formasse uma opinião de minha pessoa. Assenti. Ela também disse que nosso encontro tinha sido frutífero para ela, e me agradeceu calorosamente.

O tratamento de quatro anos que realizamos com esta mulher não se caracterizou pela emergência de manifestações telepáticas, nem dentro, nem fora da análise. Não é o fenômeno em si o que mais interessa no caso, mas sim sua relação com a subjetividade. Minhas perguntas fundamentais no decorrer do tratamento giravam em torno de se tratava-se de uma psicose e posteriormente, se atingiu um fim de análise, e não as que possam se referir ao tema das capacidades paranormais. Foi mais adiante, ao observar um crescimento do discurso da Nova Era em muitos pacientes, e na cultura geral, que despertou em mim a idéia de que podia existir um fio condutor nos fatos da minha experiência que relatei, que valia a pena voltar aos textos de Freud sobre a telepatia, e que uma elaboração mais profunda do caso M poderia iluminar também essa questão.

Um primeiro problema que se apresentou foi a necessidade de definir de um ponto de vista científico a Nova Era, embora não fosse meu objeto de estudo. O problema era que não tinha um perfil conceptual estabelecido na academia; transbordava categorias antropológicas, sociológicas e psicológicas e podia confundir a respeito da seriedade de meu propósito. Foi no início do verão de 2002, já avançado o trabalho de minha pesquisa, que achei o livro "*Carnaval da Alma. Comunidade, essência e sincretismo na nova era*" de Leila Amaral¹³ - que estuda o problema da *errância religiosa* como uma das novas condições da existência espiritual e religiosa na sociedade contemporânea, e a define como um *mercado de bens simbólicos*¹⁴ - que, ao meu ver, resolveu-se aquele problema, de uma maneira perfeitamente compatível com um pensamento laciano. Vou fazer citações extensas procurando resumir suas idéias, em especial suas definições da Nova Era:

Trata-se, assim, de um fenômeno heterogêneo e não se apresenta como um movimento organizado. A esse fenômeno estarei me referindo com a expressão Nova Era, focalizando-o como um campo de discursos variados, mas em cruzamento, por onde passam a) os herdeiros da contracultura com suas propostas de comunidades alternativas b) o discurso do autodesenvolvimento, na base das propostas terapêuticas atraídas por experiências místicas e filosofias holistas, fazendo-as corresponder às modernas teses de divulgação científica c) os curiosos do oculto, informados pelos movimentos esotéricos do século XIX e pelo encontro com as religiões orientais, populares e indígenas d) o discurso ecológico de sacralização da natureza e do encontro cósmico do sujeito com sua essência de perfeição interior e e) a reinterpretação yuppie dessa espiritualidade centrada na perfeição interior, através dos serviços new age oferecidos para o treinamento de Recursos Humanos, nas empresas capitalistas. (pág. 15-16)

Provém dessa heterogeneidade a dificuldade para encontrar um termo que possa cobrir, sem controvérsia, uma cultura religiosa descentralizada e errante, em um campo onde diferentes discursos se cruzam e diversas áreas da vida – negócio pessoal e espiritual – se misturam. Para nomeá-la, mantenho o termo Nova Era, primeiro, porque ele surge no movimento histórico que, nos anos 1960-70 tornou visível essa cultura religiosa, cuja forma de expressão espiritual tem sido dominada pela metáfora da “transformação” e pelo experimentalismo religioso, e segundo, porque até hoje não existe um termo comparável que cubra todos os aspectos da cultura religiosa em questão. (pág. 16)

... os elementos culturais, sejam eles símbolos religiosos ou não, são extraídos das diferentes tradições orientais indígenas, milenares ou modernas e articulados com as psicotecnologias alternativas ou a elas incorporados. Apresentam-se, pois, mais como recursos simbólicos ou de linguagem, com grande grau de flexibilidade e imprevisibilidade, do que como uma doutrina ou sistema fechado de significados. (pág. 32)... concepção de uma colaboração multidimensional na criação ininterrupta do mundo. (pág. 49) Diria que se trata de uma ritualização do princípio da dádiva – o dar, receber e retribuir analisado por Mauss. (pág.54)

Certos elementos do xamanismo são, assim, apropriados como símbolos e, por não estarem mais circunscritos à sua comunidade de origem, podem ser recobertos com uma alta diversidade de significados e ser usados para uma variedade de propósitos... apresentam-se, dessa forma, mais como uma “linguagem” do que como uma leitura fiel dos mitos e valores de uma cultura particular. (pág. 87)

Nova era: espiritualidade que se constitui no espaço da “diversão” e do “consumo”. Em outras palavras, busco apresentar uma concepção e uma experiência específica do sagrado (do divino ou do espírito) que precisam do consumo para sua expressão e

atualização...{que implica uma} ...descanonização da relação entre lugar e essência, que vem se apresentando como o aspecto distintivo e central do estilo Nova Era de lidar com o sagrado, aliada à idéia de uma dispersão do sagrado, implica na criação de uma prática na qual as pessoas precisam de mercadoria para produzir significados espirituais e mesmo morais. Poderia dizer que, nesse caso, eliminar a mercadoria seria o mesmo que eliminar o espírito. (pág.187)

{Observa-se a} ...compatibilidade dessa cultura religiosa errante com a emergência de um padrão de civilidade que surge no mundo contemporâneo, refletindo parcialmente uma faceta do processo de globalização. (pág. 187)

No meu caso, o interesse na Nova Era se deve à consulta cada vez mais freqüente de pessoas que se podem considerar pertencentes a ela, ou utilizam significantes desse discurso. A proposta da presente pesquisa é a de realizar um percurso por um caso clínico onde o sujeito se reconhece vinculado à Nova Era e se interroga como sujeito em relação a sua capacidade telepática e precognitiva; remetendo aos artigos de Freud onde fala de ocultismo, telepatia e outros fenômenos fantásticos; e recolhendo algumas questões a respeito da telepatia a partir de textos de Lacan.

Antes gostaria de levantar um horizonte de perguntas, às quais, quase com certeza, não poderei responder, mas que de alguma maneira impulsionaram meu movimento. Desde o começo da psicanálise existe uma vizinhança desta com as disciplinas que abordam o estudo da alma, que produz confusões, concorrências e polêmicas que, ao meu ver, exigem uma atualização, pois com o decorrer da história os discursos mudam. Se esta atualização não é uma exigência do desenvolvimento interno da teoria analítica, de qualquer forma, responde a seu interesse pelo 'mal-estar na cultura', e à posição de seu discurso com relação a outros. Efetivamente, cabe a pergunta por exemplo, de se eu estava, a respeito de M, só frente às vicissitudes de uma psicanalista imigrante para conseguir clientes, ou as da psicanálise perante a Nova Era, Nova Era enquanto *mercado de bens simbólicos* tal como o define Amaral.

Isto leva a outra questão, que se refere ao limite da exterioridade da psicanálise em relação ao simbólico social, exterioridade que, por sua vez, seria uma exigência dos princípios de seu funcionamento. Freud (1929) diz que a psicanálise não é uma religião nem uma cosmovisão, portanto, em princípio, o analista teria a liberdade de aderir a

qualquer religião ou cosmovisão. A famosa psicanalista Françoise Dolto (1984), por exemplo, escreveu, sem ser excomungada, um livro – perfeitamente subjetivo – sobre sua interpretação do Evangelho. Porém, pode-se pôr em questão o argumento de Freud: poderia um fundamentalista islâmico ser aceito como psicanalista? Poderia eu, ao fim da presente investigação, reconhecer meu interesse no I Ching sem precisar de toda esta justificativa? Este tipo de preocupação vem interessando autores contemporâneos como H.G. Fenchel, que apresentou um artigo na 56ª Convenção Anual Internacional de Psicólogos em Melbourne, Austrália, com o sugestivo título “*Pode a Psicanálise aceitar a espiritualidade?*”, onde resume a posição de alguns autores psicanalíticos que questionam a posição de Freud perante a religião e a experiência religiosa, e começa dizendo:

While the founder of psychoanalysis, Sigmund Freud, wished to establish a new scientific method and for that reason took an active stance against religion, recent trends in the literature assume us that such a defensive stand against subjective beliefs, represent just another belief and cannot be validated¹⁵

Enfim, trata-se do limite da autonomia da psicanálise das relações simbólicas “que a emaranham com todo um mundo” que estabelecem socialmente o real.

¹ Por exemplo em “*Ética, Instituição e Psicanálise*” (GOLDMAN, D, *Jornadas Clínicas del Departamento de Orientación y Prevención Psicológicas (DOPP)* - Publicação interna da Asociación de Psicólogos de Buenos Aires, (APBA), 1986) relevando a transferência em uma série de casos de pacientes atendidos pelo DOPP - APBA, afirmei que a instituição, em seu caráter de combinação gremial-profissional, suporta a função saber suposto sujeito (fr. *sujet supposé savoir*) de uma maneira singular, mas que não impede o progresso do tratamento, sempre que se leve em conta que no ponto em que a análise leve à sua queda, se precisa elucidar a relação imaginária do analista com a instituição no seu papel obturador da castração do Outro.

² Porém, esta entificação do inconsciente, cujos perigos já têm sido abundantemente denunciados na literatura lacaniana, em verdade, e para tristeza de todo este mal-entendido, seria um direito da teoria junguiana de conceitualizar entes para ela perfeitamente existentes como o Arquétipo ou o Inconsciente Coletivo.

³ Não consiste na relação de origem de um fenômeno em outro de nossa causalidade, mas na unidade de sentido de fenômenos diferentes e discretos que podem se situar na mesma coordenada temporal.

⁴ Outros também são sistemas oraculares: as Runas Celtas, o Calendário Asteca, o Leelah ou Tarot. Ver Amaral, Leila. *O Carnaval da Alma*. Ed Vozes. 2001

⁵ CASTANEDA, Carlos *The teachings of Don Juan; A separate reality; Journey to Ixtlan; Tales of Power*; Ed Pocket Books New York (best/sellers editados em diversas linguas); STEINER, Rudolf, *Tratado de Ciencia Oculta*, Ed Dedalo, Bs.As.1976, OUSPENSKY, P. *Tertium Organum*, Ed Kier Bs.As, 1950.

⁶ GEBEROVICH, Fernando, Paris, 1987, Ed do autor.

⁷ LACAN, Jacques. *Escritos*, “En respuesta al Comentario de Jean Hyppolite”, Siglo XXI, 1978, Tomo II.

⁸ *op.cit.* “Intervención sobre la transferencia” Tomo I.

⁹ FREUD, Sigmund, *Obras Completas*. “Análisis fragmentario de una histeria”, Ed.Biblioteca Nueva, Madrid, 1973

¹⁰ Com sua filha Anna, que parecia possuir o “dom” e com Ferenzi, seu discípulo e colaborador. Ver CAP. 4

¹¹ Aquelas que se produzem imediatamente antes ou depois de dormir.

¹² LACAN, Jacques. *Seminário III- 1955-1956 "La Psychose"*, Ed Seuil

¹³ AMARAL, Leila, *O Carnaval da Alma*, Editora Vozes, 2000

¹⁴ Op.cit. pág. 9

¹⁵ FENCHEL, H.G. "Can Psychoanalysis accept Spirituality?" em *A matter of Life. Psychological Research and Practice. Proceedings of the 56th Annual Convention Internacional Council of Psychologists* – Agosto 1998, Melbourne, Austrália, (pág. 221) (Tradução livre: *Freud, o fundador da psicanálise, desejava estabelecer um novo método científico e por isso tomara uma atitude ativa contra à religião, mas a literatura recente nos diz que essa posição defensiva contra as crenças subjetivas é somente uma outra crença e não pode ser validada*) Ver também os autores que cita: CHAPMAN, C. *Freud critique of religion reflect of the anxiety theory*, em *Psychoanalysis and Conterporary Thout*, 1997, pág. 20; DE MELLO, Franco, *Religious Experience and Psychoanalysis*, em *International Journal of Psychoanalysis*, 1998, n 79 pág. 113; LE MOTHE, A. e C. *The penunbra of religious discours*, em *Psychoanalitic Psychology*, 1998, n 15 pág. 63.

RESUMO: Diferentes fatos levaram uma analista conhecer o I Ching, a telepatia, a parapsicologia, e o discurso da Nova Era, e os textos de Freud sobre telepatia e ocultismo, quando se lhe apresenta à consulta uma mulher que padece um episódio de angustia paranoide e manifesta possuir poderes telepáticos.

2. PSICOPATOLOGIA DA PARANÓIA

Então me dei conta de que todo mundo sofria constantemente

Charles Bukovski

2.1. PARANÓIA NA PSIQUIATRIA

A paranóia – do grego ‘loucura’ ou ‘desordem do espírito’ – é descrita no Dicionário de Psicoanálisis de Laplanche e Pontalis¹ como uma “psicose crônica caracterizada por um delírio mais o menos sistematizado, com predomínio da interpretação, e uma evolução que geralmente não compromete uma deterioração intelectual”. Existem divergências quanto à extensão e delimitação do quadro nosográfico nas diferentes escolas psiquiátricas (Freud inclui nele o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de ciúmes e de grandezas).

O Tratado de Psiquiatria de Henry Ey² descreve os Delírios Crônicos de temas de ficção delirante como as idéias de perseguição ou grandeza, acompanhadas de fenômenos ideiofetivos: intuições, ilusões, interpretações, alucinações, exaltação imaginativa e passional, etc., que se correspondem com a paranóia da semiologia francesa, (diferenciados da esquizofrenia paranoide pela sua evolução muito mais benigna e pela conservação das capacidades de adaptação).

Ele os classifica por tema: a) delírio de reivindicação, entre os que se contam os querelantes, inventores, e idealistas; b) delírios passionais, que incluem os de ciúmes e o erotomaniaco; c) de interpretação, que consiste em “inferir duma percepção exata um conceito errado”, e que se sub-classificam em delírios de interpretações exógenas, nas quais se dá uma interpretação subjetiva aos dados proporcionados pelos sentidos, ou endógenas, onde a interpretação delirante refere-se a sensações corporais, pensamentos, sonhos ou imagens que se apresentam na mente do sujeito, do que resulta uma transformação

delirante do mundo que não sempre fica clara já que por não estar totalmente sistematizado, permanece em seus olhos como um embrulho, um labirinto ou uma farsa da qual não conseguem reconstruir o quebra-cabeça.

M poderia se enquadrar neste último grupo, mas sobretudo no próximo: d) delírio sensitivo de Kretschmer, onde se dá a experiência crucial dum conflito do Sujeito com outro, ou com um grupo (cônjuge, família, vizinhos etc.) que fora da França é chamado ‘delírio de referência’, em que o sujeito se sente objeto de um “interesse, de uma indicação ou de uma malevolência particular, aborridível e humilhante.”³ Para mais clareza serão apresentados num quadro a parte.

querelantes	
inventores	de reivindicação
idealistas	
ciúmes	passionais
erotomaniaco	Delírios crônicos
exógenas	dê interpretação
endógenas	

de relação ou sensitivo de Kretschmer

Neste mesmo tratado, ao abordar o problema psicopatológico da paranóia, se sublinha que os autores modernos têm uma tendência a considerá-la uma reação aos acontecimentos e não uma psicose totalmente endógena, e introduz a escola psicanalítica como uma das mais importantes teorias explicativas de sua etiologia. Menciona o trabalho de Freud “Observações sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito” de 1911, a partir das “Memórias de um doente dos nervos” de Daniel Paul Schreber, que acreditava que, por desígnio divino, sofria um processo de transformação em mulher, para receber de Deus a semente destinada a fundar uma nova estirpe humana.

2.2. O CASO SCHREBER

Ao fins do século XIX na Alemanha, Schreber era, depois do suicídio de sua irmã e a morte de seu pai – um famoso pedagogo de idéias singulares –, o último descendente de sua estirpe. Seu desejo de ter filhos foi frustrado, já que sua esposa perdera múltiplas gestações, e ao ser nomeado presidente da corte de justiça sofre uma crise psicótica de evolução insidiosa que o leva a longos anos de internações psiquiátricas, ao cabo dos quais consegue a restituição de seus direitos civis e a autorização para publicar suas Memórias, escritas a principio para instruir a sua mulher sobre suas novas idéias a respeito da natureza humana, e sua missão redentora, mas também para utilidade da ciência:

Tenho a inamovível certeza de que disponho, neste domínio, de experiências que – uma vez obtido o reconhecimento geral de sua exatidão – poderiam atuar da maneira mais frutífera possível sobre o resto da humanidade.⁴

Para tranqüilidade da alma de Schreber poderia se dizer que este propósito tem sido cumprido: Marilene Carone, no artigo que acompanha a primeira edição brasileira das Memórias, diz:⁵

A partir da tradução inglesa e do ensaio, hoje clássico, intitulado “D’un question préliminaire a tout traitement possible de a psychose” {de Jacques Lacan}... começam a se multiplicar nos Estados Unidos, França e Inglaterra os trabalhos psicanalíticos sobre Schreber. Em 1962, em Atlantic City, realizou-se o primeiro simpósio internacional sobre Schreber...

Em 1884 Schreber tinha sofrido uma crise hipocondríaca sobre a qual consultara o Dr. Fleshig. Logo após uma breve internação, a recuperação total deixara o casal muito grato a ele, e naturalmente, foi consultado de novo na ocasião desta segunda crise de 1893. Desta vez as idéias hipocondríacas chegam à crença de que seu corpo está sendo submetido a manipulações, que está morto, sua insônia se estende por muitos dias, realiza várias tentativas de suicídio e sofre de idéias persecutórias: um “*assassinato da alma*” supostamente perpetrado pelo Dr. Fleshig contra sua pessoa.

Nos pródromos de sua crise teve um pensamento crepuscular “que belo seria ser uma mulher no momento do coito”, a partir da qual vai se elaborando a idéia de sua transformação em mulher – transformação real do corpo à qual dá-se o nome de *eviração* – a princípio experimentada como um grave dano do que se defende, é logo aceita, por meio de todo um sistema de pensamento delirante, em que Deus o fecundará para criar uma nova estirpe.

2.3. PARANÓIA EM FREUD

Em “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito”⁶ Freud levanta a hipótese da paranóia como uma defesa perante um impulso homossexual. Partindo da hipótese de um hermafroditismo psíquico no humano, cujo componente homossexual sublimado na evolução normal, aporta energia às relações sociais com o mesmo sexo, interpreta o delírio persecutório de Schreber como a súbita aparição de um desejo homossexual, que leva o sujeito a uma regressão a um estágio narcicístico em que o sujeito acha em si mesmo seu primeiro objeto amoroso, e que se encontraria entre o estágio autoerótico e o estágio da libido objetal.

Deve entender-se que Freud constrói uma teoria do desenvolvimento psicosexual a partir da clínica. A noção de narcicismo por exemplo, parte da necessidade de explicar a eleição de objeto homossexual, ao observar que o homossexual ama a si mesmo no seu objeto, enquanto está identificado com a mãe. Foi com o caso Schreber, que Freud estabeleceu a existência de uma fase em que a pessoa se tomaria si mesma e seu próprio corpo como objeto de amor, o que permite uma primeira unificação das pulsões sexuais. No curso da evolução, estas tendências sofrem um desvio do fim sexual e passam a constituir os instintos sociais, camaradagem e amor à humanidade.

As pessoas que sofrem uma fixação nesta etapa podem manifestá-la patologicamente quando um incremento da libido impõe a seus instintos sociais uma sexualização. Freud supõe em Schreber um forte vínculo amoroso primitivo com seu pai, e

com seu irmão três anos mais velho, que derivou sobre o Dr. Fleischig por um processo de transferência, que se ativa nas crises, ambas desencadeadas após uma nomeação e promoção, o que implica uma mudança de posição entre pares, uma concorrência, com que Schreber não parece poder se defrontar.

A importância da pulsão homossexual na paranóia é central na hipótese de Freud, que em 1915 escreve o artigo “Um caso de paranóia contrário à teoria psicanalítica”⁷ para discutir um caso que parece contradizê-la. Trata-se de uma mulher que contratou um advogado para denunciar seu namorado, convencida de que ele tirara uma fotografia durante um encontro íntimo, com a finalidade de comprometê-la no emprego, onde ambos trabalham. O perseguidor é aparentemente uma pessoa do sexo oposto, mas numa entrevista mais profunda, demonstra que existe uma mulher à quem ele teria contado sobre seu primeiro encontro, a chefe de ambos, com quem a paciente imagina que seu namorado mantém uma relação. Vejamos como Freud levanta a questão do Complexo de Édipo:

Reconocemos sin dificultad que la anciana directora, de cabellos blancos, es una substituta da madre, que el hombre amado es situado, a pesar de su juventud, en el papel del padre, y que el poderío del complejo materno es lo que obliga a la sujeto a suponer la existencia de un amorío entre los dos protagonistas tan desiguales”⁸ “La directora conoce las relaciones amorosas de los jóvenes, las condena e las da a conocer por medio de misteriosos signos”... “La ligazón al propio sexo se opone a los esfuerzos por adoptar como objeto amoroso un individuo de sexo contrario”⁹

É um fato clínico, a existência de uma figura persecutória do mesmo sexo na paranóia, porém possa aparecer em alguns casos dissimulada em uma trama mais complexa. Mas o específico da defesa paranóica é o desenvolvimento de um delírio persecutório. O mecanismo em jogo seria a projeção: uma representação interna que é substituída por outra do mesmo conteúdo que aparece como percepção externa, a pessoa amada se converte em perseguidor. Todas as formas de paranóia podem derivar-se da afirmação “eu o amo”, por transformações gramaticais em sucessivas negações, como segue:

- no delírio paranóico : “não o amo => o odeio, eu não o odeio => ele me odeia”
- na erotomania: “não amo ele => amo ela, não amo ela => é ela quem me ama”
- nos ciúmes delirantes: “eu não o amo => ela o ama”
- na megalomania: “não amo ninguém”

...dependendo a negação opere sobre o sujeito, o verbo ou complemento da frase. Porém, o delírio paranóico não é um sintoma inicial, mas sim uma elaboração, uma cura com a que o sujeito trata de reconstruir o mundo que para ele acabou. Este fenômeno inicial do desencadeamento de muitas psicoses que se conhece como *vivência de fim do mundo*, do que Freud diz:

...el enfermo ha retirado de las personas que lo rodean y del mundo exterior en general, la carga de libido que hasta entonces había dirigido a ellos, e así todo ha llegado a serle indiferente y ajeno, teniendo que ser explicado, por una racionalización secundaria, como ‘encantado e hecho a la ligera’. El fin de mundo es una proyección de esta catástrofe interior; su mundo subjetivo se ha hundido desde que él le ha retirado su amor.¹⁰

Porém uma retração libidinal se produz sempre quando as cargas libidinais devem retirar-se do objeto, por diferentes motivos, por exemplo por causa de sua morte ou afastamento, o que constitui o *fator desencadeante* das três *séries complementárias*, que intervêm no estabelecimento da patologia (as outras duas: *fatores herdados e experiências infantis*). Mas enquanto o sujeito normal mantém a libido flutuante até encontrar um substituto, o sujeito neurótico as deriva em inervação somática ou angústia, só na psicose se retrotraem ao Eu (o que pode-se ler bastante claramente no delírio de grandeza). A retração da libido ao Eu é o fator realmente patológico da psicose, porém ficam muitas perguntas a responder, por exemplo, por que a retração arrasta junto com ela os investimentos não libidinais que o Eu mantém com o mundo exterior.

Freud reúne paranóia e parafrenia, caracterizadas ambas pela retração da libido com regressão ao Eu – ou seja, ao estágio narcicístico do desenvolvimento psicosssexual – como duas formas de psicose, por sua vez diferenciadas pelo ponto específico de fixação dentro deste estágio: a parafrenia a um momento ainda mais primitivo, autoerótico e a

paranóia ao momento da constituição do Eu.

Freud coloca os pontos de articulação chave da psicose, como problemas do narcisismo, que por sua vez perturbam a identificação sexual do sujeito, que por sua vez arrastam sua relação com o conjunto da realidade, culminando em um delírio mais ou menos elaborado, porém não formula uma teoria da psicose que permita distingui-la rigorosamente da neurose, e não formula uma etiologia específica do processo psicótico, ou seja, sua teoria não explica o porquê de um sujeito desenvolver uma psicose.

2.4. PARANÓIA EM LACAN

Lacan procura iluminar os problemas da psicanálise com ferramentas conceituais que não estavam disponíveis nos tempos de Freud, tais como a antropologia de Levy Strauss¹¹ ou a lingüística de Saussure¹², e que levam a marca de um estruturalismo que inspirou todas as áreas do conhecimento ao redor de começos do século XX. Anika Rifflet-Lemaire sintetiza¹³:

En las actas del Congreso de Roma celebrado en 1953 Lacan define el significante como el conjunto de los elementos materiales del lenguaje vinculados por una estructura: el significante es el soporte material del discurso, “la lettre” o los sonidos. El significado es el sentimiento común a todos de una experiencia referida en discurso; se exterioriza en la globalidad de los significantes sucesivos y no se sitúa en parte alguna, de forma precisa, en el significante de la frase.

La originalidad de Lacan radica en el hecho de haber querido suministrar la prueba de que el significante actúa con independencia de su significación y a espaldas de sujeto. La figura, el carácter literal del significante, en cuanto elemento constitutivo del inconsciente, produce sus propios efectos en la conciencia sin que la mente tenga ni mucho menos que intervenir. El “ello” piensa en un lugar donde es imposible decir “yo soy”.

O sujeito humano ingressa a um universo simbólico já constituído e vem a ocupar um determinado lugar numa determinada linhagem. Toda sua relação com seu meio – natural e social – passa pela cultura, que por sua vez assimila no seio de uma

família. Se a antropologia estuda como as culturas produzem a identidade ou o gênero, a psicanálise estuda como o aparelho psíquico se constitui nesse ponto de intromissão do simbólico no natural, e toda a sintomatologia que isto ocasiona. Lacan entende o Complexo de Édipo freudiano como uma estrutura normativa da que idealmente deve resultar um sujeito, com uma identidade sexual, uma capacidade de manter relações sexuais, e ao ser que eventualmente delas nasce. Opera, segundo ele, seguindo as leis da linguagem, em uma substituição significante: o *Desejo da Mãe*, que a criança em princípio gostaria de encarnar, pelo *Nome do Pai*, graças ao qual o sujeito acede ao simbólico e à significação fálica.

O mais problemático é que o indivíduo tem que se fazer representar a ele mesmo no universo simbólico por um significante. O poder do significante na vida humana pode-se ilustrar no efeito que produz reconhecer-se dentro de uma categoria lógica, por exemplo: brasileiro, mulher, escultor, etc. O que me permite incluir-me em uma classe não é uma identificação, uma imagem, mas uma operação eminentemente simbólica. A Metáfora Paterna opera do mesmo jeito, dando uma inscrição singular do sujeito no simbólico, que pode ser alienante na neurose, e falida na psicose.

Lacan propõe diferenciar a estrutura psicótica da neurótica atribuindo um mecanismo psíquico específico a cada uma delas. O *recalque* próprio da neurose, tal como a descreve Freud como uma força que empuxa o desejo para o inconsciente, e o *repúdio* da psicose (fr. *forclusion*) definida no Dicionário de Psicanálise de Laplanche-Pontalis como:

El rechazo primordial de un 'significante' fundamental (por ejemplo: el falo en tanto que significante del complejo de castración) fuera del universo simbólico del sujeto. El repudio se diferenciaría de la represión en dos sentidos: los significantes repudiados no se encontrarían en el inconsciente del sujeto; no retornan 'desde el interior' sino del seno de lo real, especialmente en el fenómeno alucinatorio.

No Seminário IV¹⁴ (1965-66) Lacan põe o acento no valor fundante da frustração na psicologia humana. A frustração da presença da mãe é o que introduz o termo fálico, o que responde à pergunta: o que ela faz quando não está com a criança; isto supõe já uma capacidade, porém sem forma, de atribuir um significado à alternância da

presença-ausência da mãe, uma lógica que a suporta, um Outro que a ordena. A frustração do objeto que a mãe pode lhe aportar ou não, introduz a dimensão do dom do amor, e do desejo; a descoberta de que a mãe não tem falo, a frustração de não ser o falo da mãe, introduz ao pai e a Metáfora Paterna. É sempre a falta de objeto o que motoriza as vicissitudes do desenvolvimento libidinal colocando o sujeito frente à castração simbólica em que a falta toma caráter estrutural e normativo: o fato de que a falta não pode faltar. Esta é justamente a falta que falta na psicose.

Schreber conseguiu se manter aparentemente normal até ser nomeado presidente do tribunal de Dresden, porque não tinha tido que responder pela função paterna em que a carência deste significante fundamental se evidenciara. É esta carência o que a sua vez leva “necessariamente al sujeto a poner en causa el conjunto del significante”¹⁵. Quer dizer, é a falta de um significante, o que chamando a significação, põe ao sujeito em situação de questionar o conjunto do significante. Este processo leva à vivência de fim do mundo, e à elaboração de uma metáfora delirante que faz às vezes de Metáfora Paterna no processo psicótico.

Para Lacan a Psicopatologia se ilumina com a compreensão das leis da linguagem. Em “Sobre Todo Tratamiento Posible de la Psicosis”¹⁶ toma Schreber para ilustrar o que se pode classificar de perturbações da linguagem na psicose. Podem-se agrupar em *fenômenos de código*, como a ‘língua fundamental’, um alemão arcaico em que as vozes falam a Schreber; ou *neologismos*, como a ‘anexão de nervos’, na qual “es el significante mismo (y no lo que significa) lo que constituye el objeto de la comunicación”, e *fenômenos de mensagem*, que são mensagens interrompidas “en los que se sostiene una relación entre el sujeto y su interlocutor divino, que tiene la forma de un challenge o prueba de resistencia”¹⁷. Lacan fala da importância de não procurar ‘compreender’ o sujeito psicótico, extrapolando nossa própria subjetividade, senão escutar sua maneira de produzir a significação.

O neologismo psicótico é um termo a partir do qual o sujeito pode construir uma significação, mas a ele, não se lhe deve procurar uma significação. Por exemplo, “Ossinhos de morto” era um pó utilizado pelos inimigos de um sujeito para perturbar sua paz, lhe causar doenças, males, inconvenientes, até um cano entupido, mas para a pergunta

de que são os ossinhos de morto, se surpreende e não tem resposta.

Se Schreber encontra finalmente seu equilíbrio através de sua transformação em mulher é porque a *eviração* responde a uma exigência simbólica: “a falta de poder ser el falo que falta a la madre, le queda la solución de ser la mujer que falta a los hombres”¹⁸

Para Lacan a homossexualidade na psicose é um sintoma e não uma causa da enfermidade. Poderia pensar-se que se separa de Freud, mas na realidade o que faz é ler o tema desde um nível mais alto de análise. A atração que exerce a figura do próprio sexo na paranóia é a da necessidade de uma identificação fundante, problemática pela sua parte pela base de rivalidade e concorrência com o outro: “Es en una rivalidad fundamental, en una lucha a muerte primera y esencial que se produce la constitución del mundo humano como tal”¹⁹

Uma e outra vez vamos ver aparecer na paranóia a história de uma confrontação aniquilante com um outro, na situação prévia ao desencadeamento do primeiro surto, que pela sua vez, encontra seu antecedente na relação com o progenitor do mesmo sexo. Vejamos esta extensa citação do Seminário III²⁰ em que Lacan fala da função paterna:

El padre no es simplemente el generador. Es también el que posee el derecho de la madre, y en principio, en paz. Su función es central en la realización del Edipo, y condiciona el acceso del hijo al tipo viril. Qué sucede si una cierta falta se produce en la función formadora del padre?

El padre ha podido tener efectivamente, un cierto modo de relación tal que el hijo toma una posición femenina, pero esa no es la angustia de castración. Son conocidos los hijos delincuentes o psicóticos que proliferan a la sombra de una personalidad paterna de carácter excepcional, uno de esos monstruos sociales que se llaman sagrados²¹ Son personajes a menudo muy marcados por un estilo de brillo y éxito, pero de modo unilateral, en el registro de una ambición o autoritarismo, notables, tal vez de un talento o genio. No es necesario que exista genio, mérito, mediocridad o mal, es suficiente que tenga algo de unilateral y monstruoso. No es por casualidad que una subversión psicopática de la personalidad se produzca especialmente en una situación así.

Supongamos que una situación de este tipo implica para el sujeto la imposibilidad de asumir la realización del significante ‘padre’ a nivel simbólico. Qué le queda? Una imagen a que se reduce la función paterna. Es una imagen que no se inscribe en una dialéctica triangular, pero donde la función de modelo, de alienación especular, da de todos modos al sujeto un punto de apoyo y le permite una aprehensión en el plano imaginario.

Si la imagen cautivadora es desmesurada, si el personaje en cuestión se presenta bajo el orden del poder y no del pacto, aparece una relación de rivalidad, de angustia etc. en la medida en que la relación queda en el plano imaginario, dual y desmedido, no hay significación de exclusión recíproca que implica la confrontación imaginaria, sino la otra función, aquella de la captura imaginaria. La imagen toma ella misma y de entrada, la función sexualizada, sin necesidad de ninguna mediación, identificación a la madre o lo que sea. El sujeto entonces toma esa postura intimidada que observamos en el pez o el lagarto.²²

Destes parágrafos também poderia extrair-se o que marca Alain Juranville²³, que para Lacan e também seus seguidores, na psicose, a carência do Nome do Pai é um “buraco original, um defeito na constituição do sujeito” e seu resorte último, em definitiva, não se conhece. Com o que Lacan tampouco teria uma hipótese etiológica da psicose.

Em outro aspecto da função paterna que nos interessa nesta investigação Juranville diz: “O significante que garante o mundo da percepção é o Nome do Pai”... “O nome do Pai é o significante da lei que organiza o mundo para o sujeito”.

Nos interessa porque o Nome do Pai é a função que se vá achar convocada nos casos em que a organização do mundo se vê ameaçada por um fenômeno de natureza contrária a suas leis, como os fenômenos paranormais ou as experiências místicas.

Juranville observa pertinentemente que no repúdio não falta um saber da castração, “mas o ‘sujeito’ psicótico se recusa a ser sujeito dele”. Não é o significante o que some, senão que o sujeito se subtrai a sustentá-lo. Isto nos permite colocar a diferença entre a alucinação, como retorno do reprimido, da experiência paranormal, como real não simbolizado, onde não necessariamente o sujeito se recusa a um saber, nem a ser sujeito dele. Não é o mesmo a carência do Nome do Pai do sujeito, que a carência de significantes da cultura para certos objetos.

RESUMO: Na psiquiatria o caso M. pode se considerar um tipo de delírio paranoide, o delírio de relação ou bem um delírios de tipo querelante. A paranóia se desencadeia na vida adulta quando o sujeito não consegue ocupar o lugar de quem fora seu modelo de identificação, experimentando um conflito mortal com o outro, de quem se sente perseguido. Freud explica a paranóia como uma fixação ao estágio narcísico da libido e uma defesa da pulsão homossexual intensificada pela retração da libido ao Eu que se produz quando não consegue achar o caminho de seu objeto. Para Lacan, existiria um mecanismo específico de defesa na estrutura psicótica, o repúdio da castração simbólica constituinte da função sujeito. O encontro com o objeto resulta uma ameaça

devido a falta de inscrição da metáfora paterna que estabiliza as diversas identificações imaginárias (moi) em uma estrutura simbólica ternária. O delírio é propriamente a cura do sujeito psicótico, a produção simbólica que lhe permite compensar com seu mito, a falta do significante fundamental.

-
- ¹ LAPLANCHE, J. - PONTALIS, J. B. *Diccionario de Psicoanálisis*. Ed Labor, Barna 1971
- ² EY, Henry - BERNARD, P. e BRISSET, CH, *Tratado de Psiquiatria*. Ed Toray-Masson, Barcelona, 1965, pág. 507.
- ³ Idem, pág. 508
- ⁴ SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*. Ed Graal, Rio de Janeiro, 1984, pág..31
- ⁵ Idem, pág. 19
- ⁶ FREUD, Sigmund, *Obras Completas* Ed. Bilioteca Nueva, Madrid, 1973
- ⁷ Idem, pág. 2010
- ⁸ Idem, pág. 2012
- ⁹ Idem pág. 2013
- ¹⁰ Idem, pág.1522
- ¹¹ Estabeleceu as leis de parentesco que proibem sua superposição com os laços de aliança que permitem formular o Complexo de Édipo como uma estrutura universal.
- ¹² Fundou as bases da lingüística moderna ao abandonar as especulações sobre sua origem, para estudar seu funcionamento numa combinatória de unidades opositivas.
- ¹³ RIFFLET-LEMAIRE, A. *Lacan* Edhasa, Barcelona, 1971, pág 77
- ¹⁴ LACAN, J., *Seminario de las Relaciones de Objeto*. Inédito.
- ¹⁵ LACAN, J., *Le Seminarre livre III, "Les Pscychoses"* Sueil, Paris, 1981 pag 229.
- ¹⁶ LACAN, Jacques. *Escritos*. Siglo XXI, Mexico, 1978, Tomo I pag. 223,
- ¹⁷ Idem pág. 225
- ¹⁸ Idem, pág 251
- ¹⁹ LACAN, J., *Le Seminaire livre III, Les Psychoses*, Seuil, pág 51 :
- ²⁰ LACAN, J., *Escritos*, Tomo I. pág. 217
- ²¹ É O caso do pai de Schreber.
- ²² LACAN, J., *Escritos*, Tomo I. pág.230
- ²³ JURANVILLE, Alain, *Lacan e a Filosofia*. J.Zahar Ed. SP 1987

3. O CASO M

*E porque tudo é belo
e porque tudo é belo
para meu Deus amado...*

Hinário da Madrinha Regina do Santo Daime

3.1. ENTREVISTAS PRELIMINARES

Um par de meses depois de nosso primeiro encontro, M ligou para solicitar uma entrevista formalizada como consulta profissional. Realizamos três, nas quais relatou que tinha abandonado o emprego que motivara sua consulta ao I Ching, achando que era melhor sair daquele ambiente angustiante, já que essa colocação não era de toda maneira muito importante na sua vida, e que tinha acolhido o *paro*¹, com o que pensava financiar pelo menos um ano do tratamento que estava decidida a realizar.

Conta que tem um título de auxiliar psiquiátrica, que a capacita para coordenar grupos de recreação e arte com pacientes psicóticos, profissão na qual trabalhou muito pouco tempo, entre outras coisas porque uma professora, que a conhecia de um dos locais nos que estivera internada, 'denunciara' seu passado psiquiátrico, faltando com o segredo profissional, motivo pelo qual tivera que terminar o curso com a etiqueta de "louca". Fala de sua indignação, o que a levou a apresentar petições e queixas que não serviram de nada, e sua raiva se apresenta no relato, grita, critica o sistema, etc.

Pergunto sobre o passado psiquiátrico que a professora conhecia: estivera internada entre os 15 e os 17 anos a primeira vez. Não lembra os sintomas, nem o tipo de tratamento que recebera. M tem muita reticência em falar de suas internações que, aliás, não lembra bem. A primeira parece motivada em uma tentativa de suicídio aos 15 anos, ficando internada no hospital por dois ou três dias, o que fala de sua seriedade. A proibição de se encontrar com um rapaz, companheiro de colégio, com quem namorava, parece ter sido o motivo, porque era o que acabava de acontecer, mas ela reconhece que não parece suficiente para o justificar. Ela não especulava um suicídio nem sequer lembra de ter imaginado sua morte ou pensado nas suas conseqüências. Insisto para que fale tudo

o que consiga dizer do episódio: voltou a sua casa, entrou no banheiro, pegou todos os comprimidos que achou no armário e os tomou. Depois acordou no hospital.

Aproveitei para comentar que ela seguramente sabe que o trabalho analítico pode ajudá-la a reconstruir esses vácuos de sua memória e que isso vai ser preciso para se reencontrar consigo mesma. O que ela pensa agora, que pode dizer da situação na que se achava? Então vivia, como no presente, com os pais aposentados e o irmão, segundo ela, quatro seres praticamente sem diálogo nem relação. Reconhece que os pais estavam muito velhos, eram semi-analfabetos, pessoas frustradas, e não se podia esperar muito deles. Pelo irmão, quatro anos mais velho, sentia compaixão; era dependente químico e tinha as vezes problemas com a polícia. Até poucos anos ainda se podia dialogar com ele, mas ultimamente desaparecia da casa por vários dias ou aparecia drogado. Segundo ela os pais se mostravam resignados em ter filhos enfermos, sem a menor consciência de sua dimensão psicológica ou de sua implicação no problema.

A mãe fora empregada doméstica, o pai, funcionário. Ela nunca foi testemunha de manifestações de afeto entre eles. Casaram já velhos, resignados a não achar nada melhor. O pai não tinha família; para a mãe, era importante o vínculo com suas irmãs, casadas e com filhos, que ficaram no vilarejo natal no sul da Espanha, mantendo contato por telefone e visitas durante as férias. Os pais radicaram-se em Barcelona depois que ela nasceu. Eram, pois, migrantes em uma região fortemente nacionalista, na qual se fala catalão, mais um motivo para seu isolamento social. Em seguida ela tivera outra internação e uma passagem por um hospital – dia. Ainda assim, conseguiu graduar-se, e, depois de abandonar o trabalho na sua profissão, tentou outro tipo de colocação, mas não conseguiu se estabilizar por muito tempo em nenhum deles. Reconhece que muitas vezes se sentiu pressionada, talvez por alguma fraqueza de sua parte. Ela não se considera muito bem adaptada ao sistema porque o sistema é injusto e alienante.

A respeito das brigas com pessoas pelas quais se sentiu perseguida, pensa que reagiu ao julgamento e desprezo dos outros. Pergunto a respeito da responsabilidade que tem de sua parte: ela pensa que deve existir uma maneira de se defender melhor. Além do mais, tivera encontros amorosos e sexuais satisfatórios, mas não duradouros. Inclusive

um noivado sério que rompeu, não fica claro por quê, mesmo que mencione a falta de maturidade do noivo.

Eu não consegui estabelecer tampouco sua história terapêutica, se bem que seja quase fanática a respeito da necessidade de fazê-lo. Tivera, entre outros, um terapeuta jovem, psiquiatra, numa instituição, com quem logo continuara em privado. Ela lembrava vagamente que tinha uma grande dependência dele, perguntava tudo o que tinha de fazer, mas claro – comenta com um sorriso – ele dizia tudo o que tinha de fazer. Pouco mais de um ano antes, abandonara uma análise que tinha durado outros dois anos e que não mudara nada de seus problemas.

Vemos que M se responsabiliza de um modo muito geral pelo que acontece com ela, e não tem consciência da repetição de situações de querela com mulheres de autoridade, nem sequer parece sentir-se obrigada a se interrogar sobre sua tentativa de suicídio. Até aqui pode-se observar na sua história essa catástrofe que repetidamente encontra o paranoico cada vez que se aproxima do horizonte de alguma realização, causada por um confronto aniquilante com um outro, em que se originam as amnésias e confusões, das quais, para minha surpresa, tenho a impressão que M se interroga pela primeira vez, apesar dos tratamentos anteriores.

Todas as frustrações de sua vida fazem com que ela passe cada vez mais tempo refugiada em sua casa. Em seu quarto entra às vezes em estados de sonolência nos quais se entrega a fantasias banais, de encontros amorosos, ou tem pensamentos erráticos, ou trata de ler, ou se ocupa de coisas que lhe agradam, bordar e outros labores femininos. É nessa situação que às vezes se apresentam imagens, em que gostaria de achar alguma inspiração para jogar na loteria, por exemplo, ler o tarô, ou qualquer outra coisa que a ajude na sua vida, ou seja, basicamente desenvolver uma profissão a partir daquelas capacidades. Não tenho registro pormenorizado de seu discurso sobre a falta de reconhecimento das pessoas com capacidades paranormais e da falta de espiritualidade e materialismo da sociedade, com o que rapidamente M desvia a reflexão sobre sua problemática pessoal. Interrogo-a sobre o que ela chama de imagens, que vamos chamar também assim, mesmo que às vezes também incluem idéias e sensações. Às vezes são agradáveis de experimentar, às vezes a irritam porque no caso de possuírem um

significado ela não consegue decodificá-lo. Peço algum exemplo mas só registro que são imagens simbólicas, parecidas a imagens de sonhos.

Expus para ela explicitamente o método freudiano da regra de associação livre, porque é o que faço como norma, inclusive com pacientes de grande cultura analítica, e me estendi na sua aplicação à interpretação dos sonhos, decompondo seus elementos para associar a partir deles por separado. Mencionei os trabalhos de Freud sobre telepatia, propondo-lhe trabalhar essas imagens da mesma maneira que os sonhos. Aquilo que, deste trabalho, não levasse a seu inconsciente pessoal, ela poderia considerar a possibilidade de que se tratasse de premonições ou precognições.

Vou adiantar uma reflexão: eu verdadeiramente acreditava nisso. Mas rapidamente tivera que comprovar que essa forma de trabalhar as imagens não favorecia minha escuta – e não iluminava nada a respeito da telepatia, que era a última de minhas preocupações. Aos poucos, a aparição e associação sobre cada imagem particular tomou parte de seu discurso habitual sem ocupar um lugar especial, como acontece com os sonhos em análise, ao mesmo tempo que em conjunto, ou seja, o fato dela experimentar se constituiu no objeto da demanda que me dirigia, de lhe dizer se eram ou não o indicador de que estava louca – mesma demanda que surgira no nosso primeiro encontro. Contudo, na medida em que contribuía para o estabelecimento do dispositivo analítico, onde não se trata de realidade senão de discurso, minha proposta é defensível, porque estabelecia que as imagens, como suas idéias telepáticas ou premonitórias, seriam “material de análise” como qualquer outro, ao mesmo tempo que me ajudava a frustrar sua demanda, já que cada vez que aparecia permitia remetê-la à regra de associação livre.

Parte das três entrevistas transcorreram em um forcejar transferencial. Por exemplo: que garantia tinha ela de que o tratamento fosse funcionar? Eu não lhe dava nenhuma. E, por certo, tínhamos que adiantar à possibilidade de que ela se sentisse perseguida *por mim*. Sentia-se ela, nesse momento, perseguida por mim? Não. Bem. Agora podia escolher, porque mais adiante, se isso chegasse acontecer, ambas tínhamos que saber que se tratava da famosa transferência.

Ainda ligou para dizer que tinha dúvidas em começar o tratamento, porque mesmo que tenha gostado de mim, não estava segura de estar de acordo com a psicanálise. Disse-lhe que de parte da psicanálise não havia uma exigência de que o

paciente acreditasse nela, e que por outro lado, pode-se perfeitamente duvidar de se uma coisa vai funcionar, mas não ter dúvidas em lhe dar uma oportunidade... Mesmo assim, se não estar convencida da psicanálise era um obstáculo para ela, seria ela quem o teria de resolver. Pediu-me que lhe aconselhasse o que fazer... eu fiquei em silêncio. Ela acrescentou então, "Sim, já sei, é assim como são as coisas". Eu soltei um 'ah', ou algo parecido. Ela acrescentou meio brava: "Então vou ver se te ligo". Eu achei de bom prognóstico esta reação à frustração da demanda, – de sua parte bastante infantil – que permitia pensar em uma estrutura histórica em comparação ao tom reivindicativo e as numerosas quebras no *continuum* da memória que se manifestaram nas entrevistas. Levou ainda vários meses mais para terminar de se decidir por um tratamento de duas sessões semanais, às quais jamais faltou nem chegou atrasada.

3.2. PRIMEIRAS SESSÕES²

Na primeira sessão, o discurso de M leva-a a concluir que, na verdade, duvidar se percebe ou não o que os outros pensam, a tranquiliza. Ela lembra que internamente zombava-se dos que não sabiam que ela podia ler seus pensamentos, sobretudo durante sua primeira internação. Estende-se mais um pouco no relato de sua tentativa de suicídio. Ela começara uma relação romântica informal com um companheiro da escola. As férias os separaram em muitos quilômetros para a autonomia dos 15 anos, mas se escreviam, planejando uma viagem e um encontro. Ela crê que a mãe, que não aprovava a relação, interceptara algumas cartas. Finalmente proibira os encontros, mas muitas coisas ficam ainda no escuro: quanto tempo passou entre a proibição e a tentativa, porque o jovem não fez nada, etc. Acusa o psiquiatra de invadir sua intimidade. Eleva o tom da voz, está brava: "que direito tinha?". (Não fica claro o que foi que fez o psiquiatra para merecer a acusação)

Começa a segunda sessão com o relato de uma imagem dela **internada, os lençóis eram de cor verde. Ela comia couve de Bruxelas, sorvete, os pais a olhavam pela janela do quarto, ela tinha saudade do ar livre** (parece um simples fragmento de lembrança). Voltando para casa, as coisas foram fáceis demais... os pais estavam um pouco mais permissivos, mas começou a se angustiar ao estudar. Daí passa a falar da

mãe: não a reconhece nunca, a mãe acha que ela é tola. Volta a falar das injustiças que se cometeram com ela no curso, nos empregos.

Na terceira sessão, declara um apaziguamento da angústia e uma melhoria geral por uma diminuição da depressão – que sem formar parte do quadro, acompanhava os períodos de inibição (será o efeito comum da entrada em análise, ou realmente se passa algo novo?). Estava esperançosa e decidiu realizar coisas postergadas, como o curso preparatório para o exame de motorista. Tivera a imagem de **um rosto surpreendido**. Outra imagem de **seu irmão vestido de punk**. Associa a respeito da primeira imagem: seu próprio rosto ao ver o medo da professora que violara o segredo profissional, ou o rosto da professora mostrando medo ante sua loucura, já que reconhece que naquela hora reagiu com violência (é interessante pois a loucura aparece como limite). Eu não fiz comentários. Fala do esforço objetivo e subjetivo com que tivera que concluir sua carreira: "não se toma a sério a palavra dos loucos". Comenta que apesar de tudo poderia perdoar a professora.

Na quarta sessão começa falando da imagem de **uma figura com asas** que experimentara a noite anterior. Na tarde daquele dia participara de um seminário sobre terapia pela dança. Passa toda a sessão se perguntando-se o que são as coisas que percebe, se queixando de que não sabe o que são as imagens, perguntando qual é a força que permite os chineses quebrar tijolos, e esse tipo de coisas, e criticando os que pensam que são de origem divina, "não se precisa de Deus para explicar isto". Eu intervenho para lhe perguntar se ela não pode não saber, e se põe furiosa: se tivesse uma pergunta sobre medicina (?) lhe bastaria ir a biblioteca, mas destas coisas ninguém sabe nada (é claro: eu apontava a sua castração, mas ela fala da castração do Outro, ela não encontra inscrição no Outro).

Quinta sessão: relata seu noivado de quase um ano. O noivo era muito dependente da mãe e da irmã, não estando, na verdade, emancipado. Relata uma situação onde a futura sogra a criticou (então a relação se rompera por uma 'perseguição' da sogra?). Passa a falar da chefe do último emprego que a ameaçou com uma acusação quando M denunciara a maneira de contratar na empresa, porque impedia ser contratado em outra por seis meses. Eu intervenho para lhe perguntar se não fora um pouco ingênua, dirigindo sua reclamação às mesmas pessoas que a exploravam. Reage com ira: mas era

justo do que eu reclamava! (O problema é que ela se constitui no ponto em que é injuriada, não vou poder entrar por aqui).

Sexta sessão: Imagem de **seu próprio currículo em uma luz amarela**. Diz que isto traz para ela uma sensação de inteligência e loucura unidas. Então lembra outra imagem de tempos atrás: **Ela mesma vestida de noiva com um homem moreno sem rosto. Ela é baixinha e gordinha**. Não usa a cama só para dormir (?). **Uma luz rosa acima de uma cama rosa**. Rosa é uma cor de que não gosta, é muito ingênuo e infantil. Continua com uma série de idéias a respeito da feminilidade, ao que respondo: “falas que não aceitas essa significação da mulher como 'menos que', mas te sentes atacada quando alguém te critica, porque escutas ‘não está bem que uma mulher faça coisas’ e começa a brigar”.

Na sessão seguinte relata a imagem de **um homem (Papai Noel) tirando alimentos de uma sacola luminosa e os distribuindo**. Logo fala da possibilidade de que o pai lhe empreste o carro quando tiver sua carteira de motorista. Pensa que não, e se pergunta se o emprestaria ao irmão (resposta à interpretação da sessão anterior?).

Nas sessões que seguem consulta a um homeopata para lhe pedir que tire dela as imagens. Depois de tudo, pode ser que não sejam outra coisa que vaidade, para se sentir diferente, mas não lhe servem para nada. Na verdade, vem escutando vozes – não tinha relatado nada a respeito – escutava uma voz que dizia "Basta". Fala do esforço próprio, de pagar a sessões ela mesma, por exemplo, de fazer as coisas pelo próprio esforço (de que fala?). Na sessão seguinte conta que os pais exigem que ela pague sua comida, as despesas da casa. Pergunto se não é normal a colaboração que pedem: não é isso. Por exemplo, perguntou à mãe sua opinião sobre a possibilidade de o pai a levar de carro ao serviço, e a mãe lhe sugeriu que pagasse por isso. Passamos 20 anos morando em uma garagem, sem água quente³ e não só por pobreza, senão por desleixo deles. Comenta com tristeza: "é que não somos filhos para eles".

Nas sessões seguintes fala repetidamente da necessidade de defender o que é seu, sobre tudo perante os pais invasores. Por exemplo: “se eu sou mais inteligente que eles, tenho mais informação do que eles, também penso que sou menos louca, ou mesmo que não, porque não utilizo minha inteligência para me defender melhor?” Quer se afastar da loucura deles, do olhar deles, que ficam tristes ao vê-la como uma doente. Comenta

que acredita que a mãe boicota seus empregos, e que lhe mentiu a respeito das condições da nova colocação. Em seguida começa a desenvolver uma série de questões de consciência por ter mentido, então a interrompo para dizer que ela fez bem. Aí conta que ela vê que a mãe e o irmão se tocam. Que uma noite o irmão procurou meter-se na sua cama, que por isso ela se fecha no quarto para dormir. Que o pior de tudo é que os pais não a defenderam (ela tem que se defender por ela mesma!). Ela quer ir embora dessa casa. A mãe falou em voltar à cidade natal, mas não quer deixá-la só no apartamento com o irmão, que é meio *heavy* (minha intervenção parece ter tido efeito, aparece muito material). Quando M nasceu, não comia, ou seja, não aceitou o peito, embora sim a mamadeira, e os pais mudaram-se para Barcelona procurando tratamento para ela. Mas na verdade o pai tinha uma amante. Era meio mulherengo. De repente M comenta que sempre pensou neles como castradores, mas está se dando conta de que são pessoas muito limitadas, simplesmente não puderam fazer nada melhor.

Chega a uma sessão contando que está eufórica, com esperanças de se curar, que pela rua fala consigo mesma: tenho que fazer isto e aquilo (afirma não estar louca e manifesta desejos). Imediatamente se pergunta se não estará exagerando, se não terá de tomar lítio. Eu falo: o inconsciente não é loucura. Acalma-se, diz que ela está aceitando suas visões mais tranquilamente, que se propõe a levar as coisas com uma atitude mais positiva, agüentar as que sejam feias, ser indiferente às mais agradáveis. Volta ao namorado da adolescência: ao falar em tudo isto de novo sente como se o tivesse perdido pela segunda vez. Aos 15 anos ela fez as coisas por outros, deixou-se levar pelos outros, não sabia que teria tido outras opções, por exemplo, simplesmente escapar para vê-lo. Pensa que estava um pouco obcecada por este rapaz, mas se estava obcecada era porque era uma coisa que lhe tocava e não a deixaram experimentar (aponta mais no sentido da privação que da frustração: ela não diz “proibiram meu desejo”, senão, “proibiram meu direito a ter um desejo insatisfeito”). Agora quer fazer as coisas por si mesma. Também lembra que quando ela gostava dele, não sabia se ela era ela mesma. Por isso, seu quarto com suas imagens é o único lugar que tem para ela mesma... (Interrompo a sessão porque já não posso escutar, estou esgotada. Ela estava dizendo que seu interesse neste rapaz era em certa medida falso, produzido pela própria proibição. Acho que as imagens

diminuíram na medida que fala aqui. As imagens tem a ver com o que ela é como sujeito, que ela não o aceita.)

Em outra sessão conta que o homeopata lhe dissera que ela não estava louca. Está se sentindo tão bem que não acredita. Acha que já não estava interessada em trabalhar com pacientes psiquiátricos, que sua razão para trabalhar com eles era alguma coisa que tinha a ver com achar-se louca. No seu discurso percorre diferentes coisas que gostaria de fazer. Gosta de enfermagem, mas não vai estudar isso por causa das injeções, só de pensar nelas sente rejeição. Peço associações: é feio quando não acham a veia. Insisto: quando tinha 7 anos, extraíram sangue para saber se tinha ou não determinado hormônio. Ela tivera uma menarca precoce aos 7 anos (!). Peço que fale mais disso. Foi um caso atípico. A mãe estava angustiada, ela não se preocupava, era coisa de outros. Pergunto: sua feminilidade? Salta pelo ar: ela não sabia de nada. Por sua própria conta, foi ao ginecologista quando quis ter relações sexuais, já maior... não tivera problemas até que apareceu a mãe de seu noivo com as suas preocupações... sentiu muita vergonha quando cresceram seus seios, em torno dos 16 anos, os escondia, porque produziam o desejo dos homens, mas (sorrindo), quando ela começou a gostar dos homens, deixou de sentir vergonha...

Nas sessões seguintes passa elocubrando sobre as percepções, diferenciando-as da histeria que reconhece nela mesma, por exemplo: queria uns auscultadores e quando ganhou-os pensou que não os merecia, etc.; mas as percepções são psicológicas ou sensíveis? Será que a psicanálise vai ajudá-la? O homeopata falou que a ciência não podia fazer nada por ela. Tivera umas imagens de **uma criança correndo de skate e se chocando contra a parede. Um urso formigueiro e um hipopótamo comendo.** Sentiu coisas no seu corpo etérico, cutucavam-na, zombavam dela. Quer saber se são reais. Entram nela pelo sentimento, ela lhes perguntou quem eram, e lhe responderam que isso acontecia porque ela o pediu. Hoje deixou requerimentos de emprego em uma empresa de segurança. Achou que o porteiro ia ajudá-la: é isto percepção ou criação sua? Uma troca de perguntas e respostas sobre a situação com o porteiro resulta neste esclarecimento dela própria: o que ela faz não é outra coisa senão ler sinais, como o sorriso, a atitude das pessoas. Isto poderia ser uma maneira de ler a mente, mas a princípio é uma coisa comum, que todo mundo deve fazer sem o saber. Porém, as imagens são diferentes.

Confessa que lhe desagradam e fascinam ao mesmo tempo. O chocolate também lhe fascina, mas ela pode comer ou não, pode escolher comer ou não, mas as imagens não pode escolher. Ela quer saber se são coisas externas, pede-me uma resposta. Eu respondo que a pergunta é onde está seu desejo.

Na sessão seguinte relata com mais detalhes o noivado sério, que durara no total quase um ano. Era um rapaz de sua idade, tudo parecia ir muito bem, primeiro começaram a sair, ela freqüentava a casa dele, que morava com a família. Faziam planos para o casamento. Ela começou a observar que ele não fazia nada sem consultar a mãe dele, que não era tão maduro. Abandonou-o. Ela acha que a sogra e a irmã dele devem pensar que ela perdera um bom partido, que ela não soube cuidar de seu interesse: ele estava em uma boa posição, e briga sozinha dizendo que ela sabe muito bem porque o deixou, que não pensa em voltar com ele... que ela sabe que ele está noivando com outra moça, que não se importa... Logo relata um episódio com tapetes que costuma tecer: a mãe lhe pede tudo o que ela faz e ela não pode dizer não... Acrescenta com muita tristeza que a mãe é um abutre, come carniça...

Em uma sessão fala de uma imagem de **panelas e sacolas cheias de moedas e um Papai Noel que lhe diz que assine um papel. Alguém queria lhe mostrar uma coisa e ela fugia espantada.** Voltou a pensar no namorado. Ela deveria se conformar com que ele tenha uma boa lembrança dela, mas não. Alguma coisa que lhe falara o terapeuta jovem que a atendera no Hospital-Dia a respeito disso leva-a a contar da interrupção daquele tratamento: o mesmo terapeuta lhe confessou que tinha faltado às regras com ela e que já não podia ser seu terapeuta. Parece que lhe prestava demasiada atenção, que a atendia fora de hora. Ela lembra que estava muito dependente dele, perguntava-lhe tudo, fazia tudo o que ele dizia. Ela achou que o que ele fez – interromper o tratamento – foi uma coisa excepcional, e mesmo não entendendo muito bem, lhe agradece, apesar de que depois escutou dizer que ele era uma pessoa excessivamente interessada no dinheiro e meio neurótico. Finalmente comenta com resignação: ninguém te dá nada se não significas alguma coisa para ele.

Numa sessão que acontece nove meses depois de começado o tratamento, ao se deitar no divã, diz: "Diana, você irá embora de Barcelona" Tivera uma percepção na qual **me vê procurando um papel que não acho.** Eu senti um arrepio, um sentimento

singular. O pensamento que me ocorreu foi “puta que me pariu”. Suponho que devo ter reconhecido alguma coisa de mim mesma que tem a ver com a impossibilidade que todo imigrante defronta ao esquecer completamente a “mãe, terra, pátria”, porém na minha consciência no momento surgiu como o temor de uma vicissitude que me forçasse a partir. Esta elaboração foi muito fugaz, para não dizer instantânea, e respondi: “é claro que sendo estrangeira não é inverossímil que isto aconteça, mas no momento eu não tenho nem planos, nem desejos, nem possibilidades de ir embora”.

M diz que enquanto eu ficar, ela vai se analisar comigo. Peço associações: não tem nada a respeito do conteúdo da imagem, ela mesma pouco nítida; era mais forte a certeza de que em algum momento eu vou partir. A respeito de eu partir, associa: a mãe trabalhava o dia todo, deixava-a meio abandonada. Hoje de manhã angustiou-se pensando que para a mãe estava errado tudo o que ela fazia. “Mi madre me queria mal”, que em espanhol significa que não a queria como se deve, que a queria enquanto estivesse mal, e que desejava seu mal. Faz uma pausa. A mãe na verdade trabalhava procurando ficar longe do pai, que era muito teimoso e com quem a relação sempre foi ruim, discutiam. Porém, era o pai quem a levava a passeio, falava-lhe e mostrava-lhe a natureza, os pássaros, deve ser por isso que ela também se interessa por essas coisas. Pede-me então que a avise em tempo quando for embora. “Vale” respondo, uma bela expressão espanhola que significa aceitar a posição do outro, sem que implique necessariamente acordar com ela. Quando tivera a menarca aos sete anos a mãe proibira esses passeios e sair com o pai. Aí lhe marcou a relação desta proibição da mãe com aquela dos encontros com o rapaz antes da tentativa de suicídio.

Nas sessões seguintes aparece bastante material: ela está vendo **um círculo ao seu redor, que a protege**, tem o sentimento de que vai sair. Apresentara-se a uma fábrica para trabalhar como operária, deseja esse emprego, como se fosse voltar a um lugar próprio... (?), como se daí pudesse contatar, lembrar alguma coisa importante. Ela se defendia bastante da mãe, por exemplo, quando alguém dizia que M era bonita ou que fizera alguma coisa bem, ela perguntava a mãe, contestava: “e aí? Como é que ele diz que eu sou bonita?” e etc. A mãe se calava. Relata uma história em que a mãe não lhe comprava uma bolsa de escola, porém logo deu de presente a uma menina amiga da família que ficou doente (não é que a mãe não tenha o falo, mas que não o quer dar a ela).

Lembra de uma imagem que tinha quando, depois da tentativa de suicídio, sentia angústia ao estudar: **Uma criança frente a uma tela com o teorema de Pitágoras e três personagens sem cabeça.** Suas associações: as personagens parecem as de um programa de TV de perguntas e respostas; o triângulo é aquele entre ela, a mãe e o namorado. O pai gosta de matemática. Interpreto: “uma fórmula para te relacionar com o rapaz, mantendo tua mãe no circuito”. Ela responde que é notável que naqueles tempos, apesar da angústia, conseguira ainda estudar.

3.3. TELEPATIA E SEDUÇÃO

Depois de aproximadamente um ano de tratamento, M tomou a decisão de desenvolver uma vida social, freqüentando discotecas. Tinha que vencer medos, sensações de ataque e agressividade que experimentava, mas considerava seu esforço uma tentativa de cura. Nas suas experiências descobria que os outros não estavam tão menos loucos do que ela... encontrava-se com todos os tipos de pessoas e personagens. Eu achava que me encaixava no papel de uma confidente, que eu aceitava para oferecer com a escuta um espaço de inscrição, neste caso, de suas vicissitudes como sujeito feminino, sujeito – como diz Lacan – em segundo grau, enquanto objeto de desejo do outro.

Entretanto, ia situando seus poderes paranormais no processo da sedução: a telepatia era quase a capacidade de captar o desejo do outro que tem todo mundo. Na verdade a diferença é que a maioria das pessoas faz de conta não estar sabendo. Fazem-se de estúpidas, coisa que a ela não lhe resultava fácil. Mas se a telepatia podia ajudá-la a conhecer o desejo dos outros, ao mesmo tempo descobria que o mais difícil encontrava-se depois: o que fazer, como se colocar frente a ele... Arrumada, muitos homens se aproximavam dela e o dono da discoteca chegou a lhe propor um trabalho como dançarina. Não entrava no seus planos e não aceitou, mas a fez sentir-se valorizada.

Fazia-se manifesto que o desejo do outro não é necessariamente amor... Queixava-se de que, se queria manter sua sedução, não podia contar sua verdadeira história, tinha de submeter-se aos códigos do grupo que freqüentava a discoteca, com quem por outro lado não tinha interesse comum, etc. Descobriu que, às vezes tinha

procurado ela mesma uma rejeição dos outros, porque não gostava deles. Rejeitavam-na porque ela os rejeitava. Teve uma época em que explorou à invenção de personagens: dizia que vivia em outro bairro, tinha outros pais, outro emprego etc., cuja satisfação foi efêmera e amarga, e a abandonou. Eu esperava, observando que suas experiências eram do tipo que eu chamaria “de superfície”, de exercício duma superfície, em que todas as desvantagens de “não ser mais que uma imagem” para o outro, traziam junto as vantagens: ocultar e com isso proteger um espaço interno. Mesmo assim, minha escuta dizia que alguma coisa não estava bem.

Encontrou-se em situações perigosas, homens que a levaram de carro para consumir drogas, alcoolatras, etc., o que lhe valeu para aprender a se defender, porque ela não queria isso e não o fazia. Sendo seu propósito encontrar um namorado e uma relação permanente, encarou algumas relações durante as quais deixava de freqüentar a discoteca. Uma delas com um policial civil. Praticamente foi morar com ele em sua casa. Este homem saía às vezes durante a noite, alegando serviços profissionais que tinha de fazer, e em geral suas rotinas não eram nada comuns. Pela sua parte, M fazia planos de casamento. Um belo dia em que ele se ausentou encontrou um revólver numa gaveta. Descobriu que ele tinha mentido a respeito, e teve medo, o bastante para não querer voltar a se encontrar com ele.

Apareceram referências àquele tratamento anterior, de suposto corte psicanalítico: ela ia embora das sessões com a sensação de um vazio. Não podia, não queria pensar que o analista a considerasse louca. Agora pensava que ele escutava o relato de suas imagens com a benevolência com que se escuta os loucos. O mesmo que com a mãe: sem cura, caso perdido, fora de todo possível vínculo humano.

Finalmente estabeleceu uma relação com um rapaz que a princípio não parecia nem excêntrico nem marginal, e com quem começou a falar de matrimônio; relacionou-se também com um grupo de pessoas, e fez amizade especialmente com duas moças de sua idade daquele grupo. Tudo parecia ir às mil maravilhas até o desencadeamento de um episódio paranóide no emprego.

3.4. A PERSEGUIÇÃO

Enquanto desenvolve-se toda esta etapa de frequência da discoteca e saídas com homens, M trabalhava como empregada doméstica de uma mulher com três filhos. Permanecia na casa enquanto as crianças ficavam no colégio, mas eventualmente tinha que os levar ou trazer da escola. Apesar da acidentada vida de trabalho de M, eu observara que a necessidade de trabalhar como faxineira não parecia justificada, e esperava mais dados sobre esta circunstância, porém, durante muito tempo M não falara do serviço, e não chamava a atenção que não tivesse relatos a respeito de uma tarefa tão rotineira, enquanto parecia absorta em suas aventuras românticas.

No começo, M tinha se mostrado entusiasmada com sua patroa, com quem acreditava ter começado uma amizade. Ao ser contratada, tiveram algumas conversas, segundo M, a senhora era uma interlocutora culta, profissional – trabalhava como professora de biologia – e humana, que também valorizou a sensibilidade de M para compreender seus problemas matrimoniais. Mas comunicavam-se bem pouco, através de notas, porque geralmente quando M chegava, todo mundo já tinha ido embora da casa. Isto era tudo o que eu sabia até aquela hora.

Um belo dia uma das filhas de sua empregadora, de cinco anos, com quem M admitia identificar-se por ser uma menina com problemas, sofreu um acesso de raiva e M comentou que a mãe não soube ou não quis atendê-la. O tema fez-se mais freqüente na análise. Ela opinava que a menina precisava de atenção profissional: “come pedras e para a mãe está tudo bem?”. Dias depois, um mal-entendido com as funcionárias da creche provocou uma comunicação telefônica de sua patroa que resultou, entre outras coisas, em um informe à creche a respeito das atribuições de M: não tinha qualquer poder de decisão, e qualquer doença ou imprevisto devia ser comunicado à mãe no seu emprego. Em caso de dúvidas a decisão ficava nas mãos das autoridades da escola. M se ofendeu profundamente.

Começou cobrando – mesmo admitindo que a mulher estava em seu direito – que as relações eram puramente de trabalho e não existia amizade nenhuma. Toda a seqüência que estou relatando levou uns seis meses de desenvolvimento e cada tema podia ocupar mais de uma sessão. Seguiu-se uma série de queixas sobre pequenas situações em que se sentia deixada de lado. Isto por certo era ainda verossímil. A evidente

mudança da atitude da mulher a partir do problema da creche, autorizava suspeitar que M tinha feito – ou falado – alguma coisa inconveniente. A ênfase que ela costumava pôr em dizer que deixava claro na creche que ela *não* era a mãe das crianças podia entender-se como exatamente o oposto.

Chega o dia em que acredita escutar o comentário de um pedreiro, um dos que trabalhavam no prédio, a outro, ao vê-la passar “você viu como tratam esta pobre moça?”, ao que o outro teria respondido “mas é culpa dela por não fazer as coisas bem”. Logo afirma que os vizinhos têm ordens de vigiá-la. Perdera o bilhete de 200 pesetas de uma compra (equivalente a dois passes de ônibus) e passa dias falando dessa situação, como se fosse ser justificada por perdê-lo. A perseguição agudiza-se, os professores da creche, os vizinhos de todo o bairro ficam sabendo, a vigiam constantemente. Não come, não dorme, me telefona em diferentes horas do dia ou da noite para me contar de alguma nova perseguição ou ‘prova’ a que era submetida. Se eu conseguia me manter firme na minha posição é porque a experiência já tinha me mostrado o efeito terapêutico da escuta, acompanhando ao sujeito no decorrer dos processos delirantes.

Ela se permitiu fumar no trabalho, mesmo supondo que a patroa não gostava. Jogou a ponta do cigarro no vaso sanitário. Logo começa a encontrar objetos no vaso, cocô, absorventes femininos: mensagens pelas quais querem sugerir-lhe que estão sabendo de suas ‘faltas’. Porque não abandona esse emprego, pergunta-se. Boa pergunta, acrescento. Para demonstrar que não está louca, responde. “Como assim?”, pergunto. O que querem é demonstrar que ela não pode fazer esse trabalho porque está louca, como na sua infância, quando queriam demonstrar que sua prima era a linda e inteligente e ela tola e louca. Insisto para que especifique. Numa das tardes em que se reuniam para realizar trabalhos femininos, pedira à mãe e à tia que lhe ensinassem a bordar o ponto cruz. Ela acabara de começar a aprender e lhe disseram que era ainda muito pequena, que o ponto cruz era muito difícil, mas ela insistiu e ficaram num regateio por dias, até que escutou uma conversa atrás da porta, entre a mãe e a tia, em que combinavam para lhe ensinar um outro ponto, e lhe dizer que era o cruz, tudo isto não sem humor, mas para M se tratava de um engano malicioso. Isto iluminava o porquê de nas situações de M sempre aparecer duas mulheres, que se combinavam para judiciá-la.

Se no começo de toda esta seqüência M me demandava confirmação da realidade de suas idéias persecutórias, logo passou a uma posição de certeza que não precisava dela; outro indicador do diagnóstico estrutural de psicose da teoria lacaniana. A angústia e as idéias persecutórias iam *in crescendo*. Finalmente fica doente e abandona o emprego. Mesmo assim a situação paranóide não diminui. Crê encontrar mensagens que a inculpam na rua, por toda parte, inclusive um sinal na porta de meu consultório. Sem descartar a possibilidade de uma internação, eu esperava, e reunia os pedaços de informação que aqui e ali se podia recolher. Em uma sessão chora desconsoladamente dizendo que a mãe não a entende, jamais a entendeu, nem vai entendê-la porque para a mãe tudo se reduz a comer ou não comer. Que a mãe não a quer, que ela foi uma carga, um incômodo, mas que se não aceita o fato de não ter sido amada pela mãe, não vai conseguir viver. Finalmente confessa que está convencida de que se não foi apreciada pela sua última empregadora é porque ela é louca, incapaz. Esta afirmação parece 'reescrever' todo o episódio, o que ilustra bem o mecanismo de projeção paranóide. A partir desse momento em que ela mesma é quem diz que está louca, as perseguições desaparecem, e a angústia diminui. Então ela perdeu noivo, emprego, e inclusive as amigas com as que tinha discutido, e entra num período de relativa inibição e depressão, da qual tenta sair inscrevendo-se em um curso de artesanato de curta duração.

Não deixam de aparecer alguns sintomas paranóides isolados, por exemplo, escuta que a chamam de 'puta' pela rua, mas ela consegue manter distância dos sintomas e a angústia que os acompanha. Conta que começara a sair com dois homens ao mesmo tempo. Um cego, que a adorava, com quem gosta de transar, e outro porque tem dinheiro. Se culpava em se aproveitar do cego, sabendo que não o amava e não ia se casar com ele, de não ser honesta, de não lhe ser fiel, e do materialismo das relações com o outro. Ocupara muitas sessões cobrando de si mesma, sobretudo a relação com o cego. Pergunta-se porque está fazendo isto. Boa pergunta, porque na verdade não está realmente atormentada pela culpa à maneira neurótica. Diz de si mesma 'soy una buena pieza', em espanhol, maneira irônica de se referir a uma pessoa ruim.

Chamo sua atenção a respeito de ter deixado passar muito tempo sem falar dessas relações, agora pode-se entender os gritos que a chamavam de 'puta' na rua. Responde com um discurso em que, falando de 'M problema', 'M louca', etc. comete um

erro, um evidente ato falho; nomeia na série uma outra M, sua prima, que tem um nome muito parecido ao seu, apenas com duas letras diferentes. Finalmente diz que tudo isso tem que ter um limite, que ela tem que pôr um limite porque ‘la relación con el cieguito se está saliendo de madre’, literalmente, “está saindo de mãe”, está perdendo o rumo, que eu aproveito para marcar, e segue falando da necessidade de um limite nas relações com os outros em geral. Eu respondo que, na medida que ela fala de um limite, o limite já está aí.

3.5. A CENA TRAUMÁTICA

De repente me consulta-me sobre a possibilidade de se internar voluntariamente e, eventualmente, declara-se insana para obter um subsídio permanente (no começo do tratamento tinha mencionado esta possibilidade sugerida uma vez por um psiquiatra, que ela logo depreciara, após refletir que teria sido se dar por vencida). Respondo que não concordo, que não se entende o que procura, que tem de falar mais. Conta que se trata de uma instituição que trabalha com técnicas condutistas muito severas. Sabe que o tratamento da anorexia é realizado proibindo todo contato social, a menos que o paciente coma: mais bocados, mais tempo de contato com outros. Quer se defrontar com sua loucura, diz. Pergunta se eu iria visitá-la no caso de se internar. Não sei, respondo, e insisto em que deve falar mais disso.

Dois dias depois sou chamada por uma pessoa que me informa do pedido de M para eu ser informada do local de sua internação. Mais adiante M contará que esta pessoa era a mãe, que não se apresentou como tal, porém sabia muito bem quem era eu. O que estava em jogo na demanda de que a visitasse no hospital? Não sem duvidar bastante, decido não ir. Passam-se duas semanas sem ter notícias, até que numa madrugada ela telefona do hospital. Grita que está no inferno, que tratam os doentes muito mal, me cobra ter-lhe permitido internar-se. Lembrei para ela que eu não tinha concordado com a internação. Diz que quer sair dali, ao que respondo que é muito lógico. O problema é que não a deixam, explica-me, o acordo da internação inclui um período mínimo determinado. Mas, digo-lhe, se existe uma coisa que você sabe fazer, é entrar e

sair dos manicômios. Voltou a ligar mais duas vezes do hospital, não estava delirando, comentava comigo as vicissitudes da saída do hospital, e como ia se sentindo.

Poucos dias depois anuncia que virá à sessão. Eu tinha reservado seus horários. Depois de contar com mais detalhe de suas experiências hospitalares, diz que agora conseguia enxergar que a instituição manicomial está muito longe de ser um lugar onde achar uma cura. Confessa que, muito habilmente, conseguira a internação alegando sintomas que ela sabia como se diagnosticavam, e com as mesmas habilidades conseguiu encurtar o prazo de três meses que tinha acordado permanecer internada (no total ficou três semanas). Já no primeiro dia compreendeu que foi um erro monumental. Manifestou toda sua agressividade comigo, mas o paradoxo de sua demanda se fez evidente: se eu a tratava como louca, considerava-se injuriada, mas se não a tratava como louca, a abandonava. A agressividade foi se resolvendo com humor: tem-se de estar muito louco para se fazer internar num manicômio, sobretudo porque ninguém lá tem a menor idéia do que fazer com a loucura.

Na sessão seguinte relata sem mais um episódio alucinatório de sua infância: ela tinha uns 6 anos, mais ou menos. Sua mãe a levava às vezes à casas onde prestava serviço. A dona de casa, que estava ausente, possuía um joalheiro cheio de jóias, fundamentalmente fantasias, mas algumas eram de verdade, ou pelo menos era o que sua mente infantil achava. A mãe a incitou a brincar com elas. M perguntou se a patroa dava permissão. Claro que não, respondeu a mãe, “é questão de aproveitar”. Ela, presa em angústia, acreditou ver uma das jóias, um colar, voar até sua mão, apesar de não ter se aproximado do joalheiro. Depois só obscuridade. Não lembra o que aconteceu, mas sim que se confrontou com um vazio, que depois disso ficou estranha por bastante tempo.

Como acontece geralmente, o relato da cena traumática infantil produziu efeitos sem necessidade de muitas associações a respeito. Um alívio geral da angústia, completa desaparecimento das ideais persecutórias. Ao mesmo tempo, começou a observar, um pouco surpresa, que não tinha do que falar nas sessões. Fizera um balanço de sua situação: estava muito mais tranqüila porém um pouco triste; sentia-se diferente e não sabia bem o porquê. Mesmo que não tivesse conseguido concretizar um noivado formal, pensava que aquelas experiências com os homens foram positivas, e não perdia as esperanças de achar alguém com quem se casar. O mais importante é que aparece pela

primeira vez um discurso sobre a possibilidade de ser mãe: diz que antes nem pensava em ter filhos, achando que seus problemas psicológicos eram um impedimento e, portanto, nem queria pensar no assunto. Agora, mesmo reconhecendo que tem problemas, pelo menos se sente capaz de conceber a idéia, de imaginar o desejo de ser mãe. Fizera alguma referência humorística a respeito da quantidade de mães loucas que andam por aí: ela, afinal, também tinha direito de fazer uma ou outra besteira com seus filhos como qualquer mãe... De sua parte, as premonições e capacidades telepáticas não eram loucura, ela realmente às vezes percebia coisas que iam acontecer, mas aquilo tampouco era uma via fácil para converter-se em esotérica profissional: para isso teria de estudar e trabalhar, como em qualquer outra disciplina ou profissão, e nesse momento se achava muito esgotada para começar outra carreira. Talvez mais adiante.

O que se pode achar de diferente neste discurso é a marca da castração simbólica: não se pode ser uma mãe perfeita, as capacidades paranormais não são onipotência, todos estamos um pouco loucos, a ciência ainda não achou a cura para psicose, etc. O senso de humor também era uma novidade de bom prognóstico no seu discurso.

Pouco depois lhe foi oferecido um trabalho fora de Barcelona, a 300 quilômetros. O salário não era muito alto, o emprego não era muito interessante, mas lhe pagariam moradia e comida e M opinava que era uma oportunidade de tomar distância de sua família, um desejo acariciado desde sempre. O problema era que dificultava a continuidade do tratamento. Talvez pudesse me visitar uma ou duas vezes por mês, e fez cálculos de custos de passagem etc. Concordei com ela que era uma oportunidade que não convinha desaproveitar, mas que colocava certamente uma interrupção no tratamento. Porque não considerar a possibilidade? Seu medo era que surgisse outra 'crise'. Refletiu: mas se tiver outra crise, estaria em melhores condições de enfrentá-la. Aliás, poderia viajar para ter entrevistas, ou voltar para retomar o tratamento, se fosse necessário.

Eu pensava que logo do relato da cena alucinatória, o tratamento tinha alcançado seu ponto culminante, e me dispunha a observar a dissolução da transferência, que já tinha começado, o que eu lia no fato que M não tinha muito o que falar, e o material das sessões começara a resultar insignificante. Teria preferido continuar mais um

tempo, porém, não me parecia um momento completamente contra-indicado para uma interrupção. Concordamos em concluir o tratamento, deixando em aberto a possibilidade de que voltasse a me consultar.

3.6. EPÍLOGO

Não soube dela por meses, até que me telefonou, desejando me pagar umas poucas sessões que me devia. Jamais tinha se atrasado no pagamento até então, e eu achava na sua atitude, por mais que justificada na falta de dinheiro, um resto que ela queria deixar de meu lado, um protesto, talvez uma compensação pelas sessões a que não veio durante sua internação e que lhe cobrei, sim. Nossas previsões de que se sentiria muito melhor fora da casa paterna foram certas. Não só estava muito bem no serviço, também conhecera um rapaz e havia começado um noivado formal. Era uma relação em que se sentia muito melhor do que outras. O mais importante era que tinha achado um grupo espiritual que reconhecia suas capacidades paranormais com aplicação na medicina alternativa. O reconhecimento destas pessoas, as relações sociais, as relações com pares e a possibilidade de fazer alguma coisa com suas capacidades, mudaram sua vida. Confessou que poderia ter pagado antes, mas não fizera até aquele momento porque não tinha percebido o valor do tratamento comigo, e confessou que tinha ficado um pouco ressentida porque considerava que sua cura tinha acontecido no encontro com esse grupo espiritual, que eu poderia ter lhe aconselhado isso antes. Mas uma dessas pessoas com quem estava trabalhando mostrou-lhe que sem o tratamento comigo ela não teria chegado até lá. Dentro de sua nova forma de ver as coisas, que incluía uma leitura de vidas passadas, sua versão de sua história era agora a seguinte:

Ela tinha sofrido a causa da discrepância de nível intelectual com seus pais. Sua mãe, especialmente, era semi-analfabeta, sem capacidade de compreender as necessidades de uma menina inteligente e sensível como ela. Tinha perdoado esses pais carentes e frágeis porque seu nascimento nessa família tinha um sentido: em vidas anteriores, onde já tivera capacidades paranormais, tinha usado seus poderes para o mal. Ao aceitar a vida presente, não como punição, senão o fato de que estivesse 'desenhada' para lhe impedir qualquer aproveitamento de seus poderes, obrigava-se a crescer

espiritualmente. Não interessa discutir aqui a existência de vidas passadas ou a ideologia de M. Evidentemente ofereciam-lhe uma trama simbólica *socialmente compartilhada*, em que se apoiar para dar sentido a sua história. Diz Lacan em ‘Intervenção sobre a transferência’⁴ que “... no hay progreso para el sujeto sino es por la integración a que llega de su posición en lo universal: técnicamente por la proyección de su pasado en un discurso en devenir.”

Foi este o fim de uma análise? A demora em pagar não se devia a uma colocação da perseguidora na minha pessoa, por exemplo, com o que a série ia continuar? Ou já que não desconhecia sua agressividade contra mim, tratava-se nela da frustração do encontro com a “miséria neurótica” que acontece na fim da análise? Em todo caso pode-se dizer que, estando as questões de honorários perfeitamente estabelecidas, ela resolveu fechar suas contas comigo ‘dando a César o que é de César’.

3.7. EPÍCRISE

Existe uma interpretação sobre a atitude contrária ao instinto de bebês que rejeitam o peito materno, aceitando porém, a mamadeira, como uma rejeição à agressividade inconsciente da mãe. Eu a constatei em outros dois casos e pode ser válida também em M, mas insuficiente para explicar a psicose. Por outro lado coloca a questão de que a criança pode perceber o desejo materno sem mediação de atos ou palavras, tema sobre a qual voltaremos.

Este problema que se considera psicológico, uma vez que se esgota o diagnóstico de etiologias orgânicas, originou uma série de consultas médicas durante a primeira infância de M, que parecem responder menos a uma realidade que a uma preocupação da mãe com que M comesse, crescesse em estatura, e não manifestasse atrasos intelectuais, que pode ter sido uma obsessão delirante de quem fora criada na fome da guerra e pós-guerra civil espanhola e testemunhara de suas seqüelas endêmicas no desenvolvimento físico e intelectual das crianças daquele tempo.

O relato de M das consultas profissionais mostra como os procedimentos médicos e psicológicos – inclusive mais modernos – podem resultar em uma sofisticação da alienação da criança, que não consegue se libertar da posição de objeto que é para os

pais. Efetivamente, ela é um objeto para os pais que decidem sua vida, no nível dos fatos tanto quanto das significações. Temos aqui um primeiro nível de simbolização materna da rejeição de alimento de M como doença, que subestima a dimensão de demanda de amor que comporta, e que pode justificar a freqüente aparição do significante alimento nas suas imagens.

A menarca precoce que aparece aos sete anos pode ser considerada um sintoma psicossomático, que indica sempre uma carência simbólica. Por um lado, parece a mera afirmação ‘eu sou mulher’. Por outro, dado que acontece na entrada da latência, quando surgem as questões referentes à saída do complexo de Édipo feminino - em especial, a equação falo-criança pela qual a mulher se orienta para o desejo de um filho - fala da dificuldade de conceber esse filho na sua cabeça, quer dizer, no simbólico, por sua vez relativa à dificuldade de metabolizar o que ela mesma é para a mãe. Pode ter aparecido no nível do amadurecimento sexual orgânico um chamado ao que não tinha inscrição simbólica, o filho enquanto compensação da frustração do falo imaginário no sujeito feminino, e sua identidade feminina no sentido de potência geradora.

Ela corrige minha intervenção mencionando a feminidade, que ela entende como feminilidade (em espanhol, *feminidad* e *femineidad*, respectivamente), que para ela tem mais a ver com o desejo de provocar o desejo dos homens, quando diz que seu sintoma era “coisa dos outros”, marcando que seu ponto de conflito era sua rejeição da posição à que a destinava o desejo materno, ao mesmo tempo que materializava um objeto que ‘dava de comer’ à obsessão da mãe. Minha intervenção tivera efeitos, porém, porque eu estou lhe dizendo que ela não pode ‘lavar as mãos’ do que é para a mãe. Seu protesto pelo fato da mãe ter contado a toda a vizinhança de seu problema, mostra-nos o ponto exato em que se constitui como sujeito, aquele em que rejeita a significação que a mãe atribui a sua pessoa, ao mesmo tempo que fica alienada dele, e daí que seja o ponto da repetição: a cena em que se defende da lesão de ordem simbólica produzida por uma mulher anteriormente amada.

Não tivemos oportunidade de esclarecer a relação da cena traumática infantil alucinatória com sua menstruação precoce no decurso do tratamento, mas podemos supô-las relacionadas. A clínica lacaniana⁵ estabelece o trauma primordial constituinte do psiquismo no confronto do sujeito com o significante, ou seja, ao redor dos 3 a 5 anos,

que, quando tem caráter alucinatório, autoriza o diagnóstico de uma estrutura psicótica. Veremos em Freud, no artigo sobre a *fausse reconnaissance*, o exemplo do sujeito que achou que seu dedo fora realmente amputado, que Lacan toma junto com o caso do Homem dos Lobos e outros onde trabalha o tema, por exemplo, em 'Respuesta al Comentario de Jean Hyppolite':

...lo que no ha llegado a la luz de lo simbólico aparece en lo real. Pues así como hay que comprender la introducción en el sujeto y la expulsión fuera del sujeto. Es esta última la que constituye lo real en cuanto que es el dominio de lo que subiste fuera de la simbolización. Y por eso la castración aquí cercenada de los límites mismos de lo posible, pero igualmente por ello sustraída a las posibilidades de la palabra, va a aparecer en lo real.⁶

Ora, pode surpreender que na alucinação de M não apareça a castração como a percepção de uma amputação por exemplo, e ao contrário, apareça um falo presente na percepção de um colar voador. Eu penso que M ilustra que na alucinação infantil, no caso do sujeito feminino, pode aparecer o falo como conteúdo da alucinação.

Muito mais claro é o caso de uma mulher que realizara um breve tratamento comigo, que vou precisar apontar aqui. Trata-se de uma solteira de quase 60 anos, faxineira aposentada, que consulta por uma forte depressão experimentada pela primeira vez na sua vida. Nas entrevistas revela que se deve à perda de uma amiga que mudou de cidade. Por que isso? Confessa que na sua adolescência descobriu que tinha inclinações homossexuais, e achando-o patológico e moralmente inadmissível, decidiu renunciar a toda sexualidade ou relação amorosa, que compensava com outros tipos de atividades, culturais e turísticas, que realizava em geral com amigas. Ela mesma conclui que essa amiga, em particular, podia ter representado para ela um objeto amoroso, mesmo que ela não fosse consciente, nem experimentasse sentimentos eróticos por ela, nem sequer no momento presente em que o deduz. Surge logo uma série de lembranças das quais deseja falar. Em torno dos sete anos, uma visita de familiares fez com que ela tivesse que dormir na mesma cama com um primo, onde tivera que comprovar que o rapaz tinha um certo órgão, mas longe de achar uma diferença com a sua anatomia, passou vários dias experimentando a presença de seu "pinto"... Pode-se discutir que se tratava propriamente de uma alucinação infantil sobretudo porque não ficava claro que o episódio estivesse

acompanhado de angústia, embora apresentasse o sentimento de estranhamento que o caracteriza. Mas a negação da castração é bem clara, justamente na aparição do elemento fálico. Por isso eu penso que no sujeito feminino o não querer saber nada no sentido da castração pode se manifestar em uma alucinação na qual aparece um objeto fálico no real.

A cena traumática infantil é um momento em que a mãe de M articula com todas as palavras sua lei perversa: “é questão de aproveitar”, aproveitar a ausência do outro, de sua fraqueza em definitivo, que retorna a M como a descoberta angustiante de poder ficar presa ao Outro enquanto seu objeto de gozo perverso, e oferece ao mesmo tempo que dificulta uma identificação primordial com quem ‘desconhece’ a castração. Por outro lado, o joalheiro é um dos mais comuns símbolos do genital feminino. Curiosamente eu me dizia, no começo do tratamento, que M tratava suas ‘percepções’ como jóias ... elas tinham um prestígio fálico ao qual M não conseguia renunciar, porque era a única inscrição nela do significante do falo que estabiliza o sujeito.

A menarca precoce angustia a mãe, indicando um limite de sua onipotência na perspectiva de M, que por isso encarrega-se de marcá-la. Mas a mãe livra-se dela proibindo os passeios com o pai, o que dá para suspeitar uma psicose nela, pela confusão de planos que põe no manifesto: alude ao incesto, tratado como um perigo real; a proibição recai também sobre o pai, tratado como pai incestuoso incapaz de encarnar a lei; e ela se coloca no seu lugar, com o que o seu desejo, no lugar da lei, se torna onipotente. O pai, de sua parte, consente, inoperante para separar mãe e filha. Eis os elementos com que este sujeito deve constituir sua metáfora paterna.

A proibição de encontros com o pai, que indica uma leitura da mãe da menarca precoce como incesto, retorna a M como a significação de loucura no desejo feminino, a partir do qual se vê incitada a encarnar esse objeto, para gozo do Outro, mas também porque seu desejo feminino ficou alienado da loucura enquanto significante do sujeito.

Voltemos atrás. Os filhos não são para a mãe nem metáfora do amor pelo pai, nem metonímia de seu desejo de falo. Amãe de M era um dos últimos e numerosos intentos errados de um homem autoritário de ter um filho homem, o que, naqueles tempos fascistas da Espanha com os quais sintonizava, não tinha pudor em cobrar das meninas que de tais intentos nasciam, submetendo-as a uma espécie de regime militar, em

crescente crueldade na ordem de sua aparição, compensado pela solidariedade fraterna, cedo órfã de mãe, às vezes com uma sobreprotecção das mais danificadas, como era reconhecidamente a mãe de M, a caçula. O intento de M em perguntar à sua mãe qual era a coisa terrível que seu avô tinha feito com ela, que circulava na lenda familiar, chocavam-se com um impenetrável silêncio, e nada mais propício do que o silêncio para imaginar todo tipo de coisas, tais como o incesto. É muito possível que o que as irmãs da mãe de M estivessem protegendo fosse uma psicose assintomática. Esta mulher, esposa, mãe, ama de casa, cumpria um papel sem que se precisasse supor um sujeito, que não tinha outra função além de dar consistência à identificação imaginária na qual se suportava no olhar das irmãs. A aparição dos filhos pode ter sido para ela uma coisa bem enigmática, especialmente quando manifestavam demandas, que ela nem deve ter conhecido na relação com seu pai. Relatei que, quando M se internou, foi a mãe quem me ligou, sem se apresentar. Exemplo do que a mãe fazia, que M não conseguia tolerar, e que ilumina suas questões com a telepatia: o mecanismo atribuído à avestruz de esconder a cabeça, muito comum em débeis mentais, que não é outra coisa que uma projeção no outro de sua própria ignorância. O que se dispara na cena traumática infantil é que essa ignorância da mãe, do que o outro pode enxergar, ver, saber, mesmo sendo uma carência de ordem simbólica em sua pessoa, não exclui a possibilidade de um gozo perverso de um Outro que não conhece a castração.

O pai de M, de sua parte, tem em comum com a mãe o silêncio. Sabia-se que tinha perdido seu próprio pai ainda criança, e muito jovem também a mãe, e que após uma briga em que sofrera uma terrível ofensa separa-se definitivamente dos irmãos e da família na primeira juventude. Qual ofensa? Não se sabia, o tema era tabu. Logo da separação da família tivera muitas aventuras amorosas, e a fama de bom partido que tinha na cidade natal, pelo bom salário que recebia como funcionário, tornou-se a de um solteirão mulherengo, até que foi “assentar cabeça” (de uma maneira espanhola, como reza o poema de Miguel Hernández) casando-se com a mãe de M. Os dois sentiram-se rapidamente frustrados, ela era frígida, ele voltou a ter aventuras, e não progrediu na sua colocação até se aposentar. Não é surpreendente que os filhos tenham manifestado sintomas, destinados a eles pela herança da união convocada para os conter.

Mais adiante, quando M conclui com angústia, “mi madre me queria mal”, reconhece o desejo materno, que vai marcar um progresso da análise, porque sua mesma articulação em palavras é o que lhe permite tomar distância dele. É possível que a mãe não tivesse um desejo criminoso a respeito de M, senão simplesmente uma incapacidade de reconhecer a dimensão subjetiva nos outros, que nela mesma não tinha se constituído. Porém, o desejo materno no seu encontro com o Nome do Pai, vai ser decodificado pelo sujeito como desejo do mal, perante o qual o sujeito pode constituir-se precariamente – mas pelo menos se constituir, o que difere da esquizofrenia – na sua rejeição.

Mas se não consegue operar a castração simbólica, a figura do pai, porém, não fica completamente ausente. Outorga a M um nível de reconhecimento de seu ser feminino, o que explica sua possibilidade de manter relações amorosas e sexuais, e consegue transmitir um grau de amor ao conhecimento em que M se apóia para extrair alguns recursos sublimatórios. Aliás, também pode ter sido um modelo de identificação do estilo de projeção paranóide, que se pode deduzir da rejeição de sua própria família.

Os efeitos desta frágil constituição subjetiva, porém, não se desencadeiam até que uma proibição materna se repete na adolescência a respeito dos encontros com o rapaz. A tentativa de suicídio, que já na anamnese mostrara uma ausência de mediação imaginária característica do passagem ao ato, indica uma queda do Outro que o sujeito se vê atraído a materializar. Poder-se-ia dizer que a tentativa de suicídio se deveu à atração que a estrutura exerce para o sujeito encarnar seu vazio, quando ele não aparece no Outro. Quando a mãe de M proíbe, o desejo materno se superpõe com a lei, e no Outro isento de castração não fica espaço para o sujeito.

É essa situação subjetiva a qual responde a imagem do teorema de Pitágoras que aparece logo da tentativa de suicídio e antes da primeira internação psiquiátrica. Essa imagem, aliás, pelo que sabemos, é a primeira, ou pelo menos a primeira a respeito da qual M problematiza-se, e poderia ser fundante de uma série. Parece apresentar a metáfora paterna como um quebra-cabeças, um hieróglifo que o sujeito deveria decifrar. Esse tipo de imagem não é muito diferente dos sonhos (tenho-os visto aparecer em casos de fim da análise) nos quais o sujeito aparece junto com outros frente à exigência de resolver uma questão eminentemente simbólica que representa a metáfora paterna. Tampouco é diferente das imagens hipnagógicas ou hipnopômicas – aquelas que

aparecem justo antes e justo depois de atravessar a fronteira entre o sono e a vigília, geralmente antes de dormir, mas também em ônibus ou em outros momentos da vida em que a consciência se aproxima do estado onírico – que muitas pessoas podem experimentar sem lhes atribuir valor extraordinário como faz M. A singularidade de M não está no acontecimento desta imagem na sua subjetividade, mas sim na leitura que ela faz dela e o valor que lhe atribui.

A imagem responde a uma interrogação não formulada a respeito do sujeito, após sua tentativa falha de suicídio, quando aparece o sintoma da angústia ao estudar, e o representa perante o conhecimento na posição do aluno que deve introduzir o saber na sua cabeça. Este conhecimento é uma das leis do triângulo... edípico, podemos pensar, com a castração de lado nas figuras sem cabeça. A castração simbólica sempre se apresenta ao sujeito como um paradoxo, no sentido de que deve perder uma parte para não perder tudo; mas aqui não tem saída, porque perder a cabeça é perder tudo. Essas figuras são também seus pais e irmão carentes na ordem simbólica, incapazes de transmitir qualquer conhecimento ou estrutura. Trata-se de uma carência real, da ordem do real, cuja importância na determinação da estrutura subjetiva de M não vai ficar clara para mim até que M a articule no mito de sua origem, como nascendo em uma família que não lhe permite exercer seus poderes para o mal, etc.: não se trata da frustração imaginária do falo materno que desencadeia a entrada no Édipo feminino, mas sim da carência real da capacidade simbólica que as funções parentais requerem.

O problema que se coloca não é o teorema de Pitágoras, cuja fórmula sobre a equivalência do quadrado da hipotenusa e o quadrado dos catetos pode se achar em qualquer biblioteca como diria M. Ele representa a estrutura puramente simbólica que precisa ‘encarnar’ na ordem contingente da história, e na história de M trata-se de seres no real carentes do ponto de vista simbólico. Assim como a criança da imagem fica perante esses dois triângulos, aquele do teorema e aquele das três personagens, sem que se integrem, M fica perante a imagem do triângulo puramente simbólico do complexo de Édipo como estrutura, e aquele triângulo dos seres que o deveriam encarnar o complexo de Édipo na contingência de sua história, sem conseguir resolver a fórmula de sua relação. Ao meu ver, o sujeito fica em suspenso, olhando a série de imagens nas quais seus desejos se vêm representados, sem os assumir nem rejeitar completamente. São

desejos bastante simples, como se casar, receber o “alimento simbólico” que transforma o significante materno em um dom de amor. Mas o problema das imagens é sua posição metapsicológica. Não são alucinações em que o repudiado retorna no real, nem sonhos, em que o reprimido aproveita do levantamento da censura para satisfazer o desejo, mas alucinações intrapsíquicas, o que a psiquiatria considera parte da síndrome de automatismo mental⁷.

Uma segunda imagem na ordem histórica, a do rosto surpreendido, indica ao meu ver esse ponto de alienação ao Outro com que ela consegue se fazer reconhecer ao preço da loucura, que não se sabe muito bem de que lado está, ou melhor, que está dos dois lados. O significante da loucura é aquele que M recebe pela fórmula da metáfora paterna e cuja rejeição M repete nas cenas que ela mesma consegue montar. Todo sujeito procura encarnar o objeto do desejo materno pelo desejo de ser seu falo. A internação psiquiátrica posterior à tentativa de suicídio serviu, na minha opinião, para M dar consistência à essa identificação com que consegue satisfazer delirantemente o desejo do Outro. Ou seja, pode ter dado a M a oportunidade de construir o delírio de estar louca... Pode parecer engraçado, mas eu acredito que não existe inconveniente teórico em pensar que estar louco seja o delírio de um louco, na medida que implica uma identificação psicótica, ou seja, uma identificação fixa e não do jogo de identificações que pode suportar a função sujeito. M não consegue se liberar das imagens nas quais, por assim dizer, seu desejo está capturado em uma exterioridade do sujeito que os contempla, experimentando um gozo problemático, que procura integrar em seu sistema psíquico com a significação de “poderes paranormais”.

As imagens não são porém todas iguais: alguma mostrou fragmentos de episódios esquecidos, cuja lembrança fora induzida, a meu ver, pela transferência e o trabalho da análise. Só uma delas pode-se suspeitar de precognitiva, a que se refere à minha partida de Barcelona. Na verdade não se tratava só de uma imagem, senão de um saber que a acompanhava. Acertou, sobretudo porque tive que viajar, efetivamente, por uma questão de papéis, escrituras que devia assinar, embora não fosse como ela imaginou. Mas, além de se adiantar quatro anos na predição, sua relação com a transferência é evidente. Ela está elaborando a questão do rompimento com seu namorado, experimenta uma imagem em que alguém quer lhe mostrar uma coisa que ela

não quer ver: sua parte na perda desta relação, o que a levaria a reconhecer o sentimento de perseguição a respeito da futura sogra, da qual ela fugiu para evitar o confronto, etc., tudo o que ela está muito longe de ter consciência. Isso a leva a uma coisa que falou um de seus terapeutas a respeito, e daí a lembrar que ele colocou um limite ao tratamento, o que a leva a antecipar o limite da relação comigo. Está em jogo toda a questão do limite que a separa da mãe, da castração simbólica que o pai não pode operar, e que o sujeito não pode produzir por sua conta, pela ligação libidinal com a mãe. Eu estou ocupando nesse momento na transferência o papel materno, como permitem ver as associações, a mãe a deixava sozinha quando ia trabalhar, etc. A imagem ou saber sobre minha partida, tivesse ou não caráter precognitivo, responde à transferência. Minha partida, o limite do tratamento comigo, é trazido à tona pelo andamento da análise, mas é verdade que aponta um real, e é isso, seu caráter real, e não sua mera suposição intelectual o que a angustia, justamente por não estar bem simbolizada.

Interessa marcar aqui o que se refere a meus sentimentos, que não posso chamar contratransferenciais, porque na verdade não se referem a M, mas sim a minha pessoa, ou melhor, a meus próprios desejos inconscientes. Eu não desejava deixar Barcelona, mas no momento em que M falou eu o escutei como uma verdade, e tive um segundo de tempo para tomar consciência disso, e de que isso colocava para mim toda a questão de minha imigração, sem dúvida problemática como todas elas.

O fato de eu acreditar na capacidade telepática de M, aliás, de me sentir tocada pela sua afirmação, não foi impedimento para a escuta. A meu ver, M adiantava-se ao reconhecimento do real do analista, cuja função se mostra no fim da análise, na queda do sujeito suposto saber, quando o paciente reconhece traços reais da pessoa do analista. M não tinha chegado até lá, mas sua angústia indicava a presença desse ponto da estrutura, o momento em que a transferência se dissolve e o analista torna-se uma pessoa comum. A previsão de M. faz com que o fato de minha partida seja uma coisa minha. Não é uma fantasia sobre a castração do outro, é um encontro antecipado com ela. Não é que a abandonarei, mas sim que deverei partir por uma necessidade minha, uns papéis (pode existir coisa mais simbólica que os documentos?) que me faltam. Assim é que eu suporto no horizonte do futuro a castração simbólica para ela..

Lembremos que quando M faz sua predição eu respondi primeiro falando de minha pessoa “eu não tenho planos, desejos nem possibilidades de viajar e etc.”, lista exaustiva com que manifesto a exclusão de meu desejo, meu pensamento ou minhas circunstâncias de ter sido o ‘capturado’ pelas sua capacidade telepática, embora deixe - sobretudo no “vale” posterior - um reconhecimento da verdade *possível* de sua enunciação.

Minha hipótese é que existe uma *palavra oracular* como um tipo especial de discurso cuja verdade, manifestamente, não se garante em outra coisa que a enunciação mesma. (Retomarei este debate no capítulo de Psicanálise e Telepatia, na seção Freud e a Telepatia). A enunciação do adivinho precisa de alguém que a escute com fé, é dizer, que acredite que essa palavra testemunha um real, mesmo que seja um real ainda não acontecido. Penso que minha escuta de sua palavra como oracular, como real *possível*, talvez retornasse para ela como uma inscrição no simbólico de uma separação da mãe como *possível*.

Eu não descubro, até o fim do tratamento, que a demanda de M era a de ser considerada louca, quando ela no seu último esforço de ser escutada produz o *acting out* de sua internação. Mas a demanda de ser considerada louca é já uma histerização da psicose. Ora, minha hipótese é que o tratamento foi possível porque sendo eu uma analista que “entendia de espiritualidade”, estava em condições de suportar um sujeito suposto (fr. *sujet supposé savoir*) que tinha um saber sobre um campo ideologicamente intermédio ou duplo. Esta ambigüidade abriu a margem que permitiu o jogo da demanda nos termos “*te peço que rejeites o que ofereço porque não é isso*” com que Lacan (1969) parafraseia a demanda neurótica. De outro modo, quando M demandou o mesmo à psiquiatria, ou a um analista que pensava como a psiquiatria que a telepatia é uma manifestação psicótica, sua demanda foi simplesmente satisfeita, e a frustração da demanda que mobiliza o tratamento analítico não se estabeleceu, ficando ela identificada ao objeto da demanda com que imaginariamente satisfazia o gozo do Outro.

Pesando tudo, eu consegui *não* satisfazer sua demanda, o que mantinha o tratamento em andamento. E talvez fosse porque para mim, nem a telepatia, nem todas as manifestações de síndrome de automatismo mental significam nada em termos de diagnóstico, já que sendo lacaniana não me apoio no diagnóstico sintomático. O que

quero dizer é que a verdade de minha crença tivera efeito na subjetividade de M no momento em que ela se abria às re-significações que, sem dúvida, traz a análise. Eu não dei por assentado, mesmo quando seu delírio se desenvolveu com intensidade, que M fosse psicótica, porque para mim não ficara estabelecido até o aparecimento da cena alucinatória infantil, que é o elemento diagnóstico estrutural da psicanálise lacaniana, o que não tem nada a ver com a questão telepática.

Não estou dizendo que M não era psicótica porque sua telepatia era real, nem que seu caso demonstre a existência da telepatia. O que eu faço é apresentar um tratamento onde o analista acredita na telepatia para observar o que acontece. O fato verdadeiro de eu não acreditar na sua psicose, tivera o efeito de não satisfazer sua curiosa demanda de ser reconhecida como louca para poder lutar contra isso, se constituindo como sujeito na reivindicação contra tal injuriosa imputação.

Finalmente, gostaria de apontar que uma coisa é a telepatia como fenômeno natural e outra como objeto de uma análise. Como objeto de uma análise, não existe nenhuma exigência em considerá-la patológica para poder escutá-la. Para mim, telepatia e psicose não se implicam, nem se excluem uma à outra. Se o psicótico sofre mais fenômenos paranormais do que outras pessoas, é porque seu aparelho psíquico convulsionado está mais aberto à sua emergência, no entanto, se se problematiza mais do que outras pessoas com eles, pode ser porque os fenômenos paranormais, por colocar um paradoxo ao Outro da cultura, apontam à intolerável castração do Outro.

RESUMO: M. foi internada após uma tentativa de suicídio aos 15 anos, uma reação à proibição materna de namorar com um rapaz de sua idade. Inicia um caminho terapêutico infrutífero, com internações de cuja amnésia permite-se suspeitar crises de introversão iibidinal posteriores a situações de conflito insolúvel no confronto com uma mulher que parece fechar o caminho de sua realização profissional ou sentimental, como sua futura sogra, sua patroa, sua professora. Em análise desenvolve um daqueles conflitos, em que a perseguição se estende à maneira da esquizofrenia paranoide, até que se interna por sua conta por três semanas em um psiquiátrico. Cede a sintomatologia persecutória, possivelmente pelo encontro com o real do encerramento manicomial, e relata então a cena traumática infantil de caráter alucinatório, o que parece levar a um reposicionamento subjetivo que lhe permite aceitar a carência simbólica dos pais que marcara sua história, conceber o desejo de ser mãe que estabiliza o Complexo de Edipo feminino, e renunciar a identificação com a loucura que

satisfazia o gozo e a onipotência do Outro. A telepatia e os poderes paranormais perdem o prestígio fálico na economia subjetiva de M, que aparentemente libera sua possibilidade de trabalhar com eles e compartilhar com outros a forma de pensamento na que encontram explicação e sentido.

¹ Seguro de desemprego na Espanha, geralmente bastante generoso.

² Eu sou contrária à gravação ou anotações durante a sessão, e não estava pensando em apresentar um caso quando o tratamento aconteceu. Vou apresentar o material correspondente às primeiras sessões, levantado a partir de minhas notas recolhidas após as sessões concluídas, com alguns esclarecimentos, porque são aquelas em que aparecem mais exemplos de imagens. Entre parênteses, meus comentários e notas daquela hora; em negrito, o conteúdo manifesto das imagens.

³ O que na Espanha indica um nível entre a pobreza e a marginalidade.

⁴ LACAN, J. *Escritos*. Ed Siglo XXI, 1971, Tomo I, pág. 47

⁵ LACAN, J., *Le Seminaire III, Le Psychose*, Paris, Seuil.

⁶ *Idem*, pág. 149

⁷ Variedade de alucinações e pseudoalucinações que Clerembault reúne em uma síndrome, um conjunto de sintomas que se caracteriza por uma incoercível estranheza, uma produção espontânea e involuntária de idéias, lembranças, e sensações que se impõem à consciência do sujeito contra sua vontade (EY, Henri, *Tratado de Psiquiatria*, Ed Toray-Masson S.A. Barcelona, 1965)

Ilustração: *Uma página do I Ching, o Hexagrama 4*



4. MENG / A INSENSATEZ JUVENIL


Acima KÊN, A QUIETUDE, MONTANHIA.
Abaixo K'AN, O ABISMAL, ÁGUA.

Este hexagrama nos apresenta a juventude e a insensatez de duas maneiras. O trigramma superior, Kên, tem como imagem a montanha e o inferior, K'an, tem como imagem a água. A fonte que brota no sopé da montanha é a imagem da juventude inexperiente. O atributo do trigramma superior é a Quietude, o atributo do inferior é o Abismal, perigo. Manter-se imóvel e perplexo diante de um perigoso abismo é também um símbolo de Insensatez Juvenil. Mas os dois trigramas indicam ainda o caminho através do qual a Insensatez Juvenil pode ser superada. A água tende necessariamente a seguir fluindo. Quando a fonte brota, não sabe, a princípio, para onde se dirigirá. Entretanto, através de seu constante fluir preenche as depressões que impedem seu progresso e assim atinge o sucesso.

JULGAMENTO

A INSENSATEZ JUVENIL tem sucesso.
 Não sou eu quem procura o jovem insensato,
 é o jovem insensato quem me procura.
 À primeira consulta eu respondo.
 Se ele pergunta duas ou três vezes, torna-se importuno.
 Ao que se torna importuno não dou nenhuma informação.
 A perseverança é favorável.

Na juventude a insensatez não chega a ser um mal. Apesar dela, podemos chegar ao sucesso. Para isso é necessário encontrar um instrutor experiente e ter a atitude correta em relação a ele. O jovem deve em primeiro lugar reconhecer sua inexperiência e procurar o instrutor. Somente tal modéstia e interesse podem assegurar-lhe encontrar a necessária receptividade expressa na respeitosa aquiescência por parte do instrutor.

Este deve esperar tranqüilamente até ser procurado. Não deve oferecer-se espontaneamente. Só assim poderá a instrução se realizar no tempo certo e do modo adequado.

A resposta de um instrutor à pergunta do aprendiz deve ser clara e precisa como a que deseja obter aquele que consulta o oráculo. Ela deve então ser aceita como chave para solução de dúvidas e como base para decisão. A insistência em perguntas tolas e desconfiadas serve apenas para incomodar o instrutor que deve ignorá-las em silêncio, assim como o oráculo que responde apenas uma vez, recusando as questões movidas pela dúvida.

4. PSICANÁLISE E TELEPATIA

O mito é o nada que é tudo

Fernando Pessoa

4.1. FREUD E A TELEPATIA

Freud escreveu vários artigos curtos que testemunham um interesse nunca central e nunca abandonado ao longo de sua vida, por esclarecer os fenômenos que chama de maravilhosos e fantásticos, e por estabelecer suas diferenças com o ocultismo, com o que o leigo podia confundi-la. O primeiro é de 1899, porém não publicado até 1941, e o último de 1932, formando parte das Novas Conferências Introdutoras à Psicanálise, que na verdade, devido à sua avançada idade e um câncer, escreveu mas não ministrou. Um deles, de 1921, para circulação interna da jovem Associação de Psicanalistas, também foi publicado postumamente. Vamos resumir e comentar esses artigos em ordem cronológica e de maneira exaustiva. Em negrito aparecem sublinhadas as hipóteses principais que Freud foi elaborando.

4.1.1. 1899. UMA PREMONIÇÃO ONÍRICA CUMPRIDA ¹

É um artigo de apenas duas páginas. Uma senhora relata um sonho premonitório; encontra-se na rua com o Dr. K, antigo amigo e médico, e imediatamente lembra ter sonhado com o encontro na noite anterior. Freud logo constatou “que nenhum fato ulterior {ao sonho} veio a revelar o significado desta coincidência miraculosa, ou seja, que a mesma não pode ser explicada por nada acontecido no futuro”, e logo o analisa do ponto de vista da subjectividade e do desejo inconsciente: este Dr. K seria uma personagem encobridora de outro Dr. K com o qual a mulher no passado tivera amores aos quais sua

educação não lhe permitia se entregar, e com quem em tempos de namoro se produziu um encontro – ele chegou justamente no momento em que ela, emocionada, pensava nele.

Então formula a hipótese de que **a mente cria a idéia do sonho premonitório com posterioridade do sucesso supostamente antecipado**. A seqüência seria a seguinte: alguma coisa ativou o desejo, produzindo um sonho nostálgico, e, perante o encontro real com a personagem encobridora, produz-se a impressão de ter tido um sonho de carácter premonitório. O sonho premonitório seria uma transação entre o inconsciente que emerge na lembrança do sonho e a censura que o desloca em outra personagem. A idéia é então que **os sonhos premonitórios ou proféticos não existem como tais. São criações mentais produzidas pela emergência do inconsciente**.

4.1.2. 1900. CRENÇA NA CASUALIDADE E NA SUPERSTIÇÃO

PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA. Cap. XII ²

Freud estuda o esquecimento de nomes, de propósitos, atos falhos, etc., como fenômenos normais, momentâneos, e que não manifestam aparentemente sua verdadeira motivação a menos que sejam analisados. Neste capítulo de treze páginas fala da crença na casualidade e a superstição, com o fim de debater e fundamentar seu conceito de **determinismo psíquico**.

Começa com uma série de exemplos onde se constata que é impossível citar um nome, um verso, escolher um número ou dizer qualquer coisa, que não termine mostrando sua **sobredeterminação**, sua emergência de uma rede de idéias pré-conscientes cuja trama está organizada em última instância pelo desejo do sujeito.³

O conceito de **determinismo psíquico**, nesse momento de 1900, começa a se instalar como conceito científico essencial em psicanálise. Em termos filosóficos e também do homem comum, coloca o debate: **livre arbítrio ou determinismo psíquico?** Poderia pensar-se que o conceito freudiano questiona o livre arbítrio religioso, mas a solução de Freud ao problema ético é esta: **é precisamente no que deixa livre o livre arbítrio que**

se manifesta o inconsciente.⁴

Deste capítulo, interessa a relação que estabelece entre **superstição e paranóia que, segundo ele, são dois casos nos quais os sujeitos reconhecem, em certa medida, o determinismo psíquico.** É freqüente que os **paranóicos leiam de uma maneira delirante e persecutória fatos que para todo mundo são triviais.** Por exemplo: uma confabulação no gesto de despedida que as pessoas fazem ao partir o trem da estação. O paranóico, como Freud, rejeita a idéia de que existam atos acidentais ou não-motivados, e de certa maneira fica mais perto da verdade que o homem comum, que crê na casualidade. Só que **o que lê o paranóico nos outros se mostra o resultado de uma projeção de um conteúdo negado nele mesmo.**⁵

Para a superstição, toma-se um exemplo próprio; ao voltar das férias, visitando uma paciente de 90 anos que, confessa, se fazia monótono atender, e perguntandose quantas temporadas ainda restavam para recebê-lo, quando o condutor do veículo com quem se dirigia à casa dela errou de rua e o deixou no mesmo número de outra rua paralela. Freud diz que um supersticioso teria achado um sinal do Destino, mas ele não:

¿Debería tener alguna significación aquél hecho? Para mí ninguna; pero si yo fuese supersticioso hubiera visto en este suceso un aviso del destino de que aquél año iba a ser el último de la señora. Gran número de presagios conservados en la Historia no se muestran fundados en mejor simbolismo. Sin embargo yo considero este incidente una simple casualidad, sin más significado. El caso hubiera sido muy distinto si hubiera hecho el camino a pie, y “sumido en mis pensamientos” o distraído, hubiera ido a parar a una calle distinta de la verdadera. Esto no denominaría causalidad sino un acto llevado a cabo con intención inconsciente y necesitado de interpretación. Mi explicación de este error de dirección sería a de que esperaba no encontrar ya próximamente en su casa a la anciana señora.

Así pues, me diferencio de un supersticioso en lo siguiente: No creo que un suceso en el que toma parte mi vida psíquica me pueda revelar la futura conformación de la realidad, pero sí que una manifestación intencional de mi propia vida psíquica me descubre algo oculto, que también pertenece exclusivamente a ella. **Creo en accidentes casuales exteriores (reales) pero no en una casualidad interior (psíquica)** Por o contrario el supersticioso ignora en absoluto la motivación de sus actos casuales e funcionamientos fallidos e cree en la existencia de

casualidades psíquicas, estando, por tanto, inclinado a atribuir al accidente exterior una significación que se manifestará más tarde en una realidad, y a ver en lo casual un medio de exteriorización de algo exterior a él mas que permanece oculto a sus ojos. La diferencia entre el supersticioso y yo se manifiesta en dos cosas. Primeramente, **el supersticioso proyecta hacia el exterior una motivación** que yo busco en el interior, e en segundo lugar, **interpreta el accidente por un suceso real que yo reduzco a un pensamiento**. Pero en el supersticioso el elemento oculto corresponde a lo que en mí es lo inconsciente, y **a ambos nos es común, el impulso de no dejar pasar lo casual como tal, sino a interpretarlo.**⁶

Citamos o longo parágrafo para mostrar como Freud analisa a motivação que subjaz aos fenômenos. Não fica dúvida nenhuma de que Freud tem uma concepção materialista a partir da qual se ordena sua leitura. **A superstição seria uma manifestação deslocada no exterior de um conteúdo inconsciente.** Estende este mecanismo constitutivo à concepção mitológica: **a "realidade sobrenatural" é uma psicologia do inconsciente.** Propõe transformar a metafísica numa metapsicologia no intento de solucionar os mitos do Paraíso, o Pecado Original, o Bem e o Mal, etc.

Mas vejamos sua prudência; quando acrescenta na edição de 1907 do mesmo artigo, logo após estabelecer que **a superstição é originada em impulsos hostis e cruéis reprimidos:**

... no queremos dejar de examinar la cuestión de si ha de negarse siempre que a superstición no tenga raíces más reales y que existan presentimientos, sueños proféticos, experiencias telepáticas e manifestaciones de fuerzas naturales etc. **Nada más lejos de mi que rechazar, desde luego, y sin formación de causa, estos fenómenos, sobre los cuales existen tantas e tan penetrantes observaciones de hombres de alta intelectualidad,** y que deben, desde luego, seguir siendo objeto de investigación⁷

Finalmente põe em série os seguintes fenômenos: **sonhos proféticos, encontros singulares, o *déjà vu*, e o *déjà raconté*.** Para os sonhos proféticos ele utiliza o mesmo exemplo e hipótese do primeiro artigo citado, para reiterar que **não existem os sonhos proféticos, são uma produção mental que em uma determinada circunstância aproveita a emergência do inconsciente.**

Freud explica **os encontros singulares,** aqueles com a pessoa que ocupava justamente nosso pensamento, como uma **percepção subliminar** e dá um exemplo

próprio: logo após ser nomeado professor, em uma caminhada, teve a fantasia infantil de vingar-se de um casal que o rejeitou como terapeuta da filha, imaginando que, agora que é professor, é ele quem se rejeita a atendê-la novamente, quando o acordou de suas meditações, a saudação do tal casal. Conclui que toda a divagação deve ter começado com uma percepção subliminar não consciente, mas bem real, do casal que estava a poucos metros na mesma rua, no momento em que começava com suas divagações.

Sua hipótese sobre o fenômeno de *déjà vu* – **a sensação de viver uma coisa que já tinha acontecido antes** – é que se trata na realidade de um **juízo de reconhecimento**, ou seja, é efetivamente um reencontro, embora **um reencontro com uma fantasia inconsciente**. O sujeito teve um sonho ou uma fantasia diurna, cuja fantasia inconsciente subjacente é reconhecida na situação vivida como a sensação de *déjà vu*. A hipótese de Freud é muitas vezes citada por investigadores deste fenômeno singular, entre os que se contam ocultistas tanto quanto filósofos sérios.

Dentro do mesmo grupo está o *déjà raconté*, **a sensação de ter já falado uma coisa**, que se produz em análise quando o paciente tem a sensação de já ter contado algo: na realidade **pensou relatá-lo e não o fez pela intervenção da censura**. No segundo momento em que a cadeia associativa o leva ao mesmo tema, aparece a sensação *déjà raconté*.

Enfim, seu projeto para tratar o que ele mesmo qualifica de “**categoria do maravilhoso e o fantástico**” é o de tentar explicá-los totalmente a partir de sua teoria da subjectividade, mas **não se fecha à possibilidade de que encontrem outras fontes causais coincidentes**, o mesmo que para o ato falho em geral. Efetivamente, determinadas condições do sistema nervoso podem favorecer a emergência de atos falhos, contudo acontece que estas são oportunidades aproveitadas pelo desejo inconsciente. Esta série de fenômenos poderia ter alguma situação favorável por alguma condição, cujo estudo não se encontra na área de competência da psicanálise, no entanto, neste caso, seria também **aproveitada pelo desejo inconsciente**.

Em 1924, Freud ainda acrescenta numa nota em referência a um artigo de Ossipow que reclama a necessidade de fazer a distinção da explicação supersticiosa, psicanalítica e mística, de fatos como os encontros singulares. Vejamos o exemplo: na sua

viagem de lua-de-mel de trem a Moscou, o noivo perde o trem ao descer numa estação em que, anos depois, conheceria seu verdadeiro amor. Desta primeira esposa vai se separar pouco após o casamento. A interpretação supersticiosa seria aquela da tia do sujeito, que comentou: “este matrimônio não vai dar certo”. A interpretação psicanalítica seria que descer e perder o trem já mostrava um ressentimento com a recém-casada, e o fato de que na cidade onde descera do trem morasse a mulher que ainda não conhecia, mas que futuramente seria seu grande amor, é a explicação mística. É curioso que Freud não faça comentários.

4.1.3. 1912. TOTEM E TABU. ANIMISMO, MAGIA E ONIPOTÊNCIA DAS IDÉIAS⁸

O capítulo III de Totem e Tabu que vamos comentar, leva por subtítulo “Alguns aspectos comuns entre a vida mental do homem primitivo e os neuróticos”, e nele vai realizar uma leitura do **animismo**, sistema de pensamento que define como uma teoria das representações da alma ou uma **teoria dos seres espirituais**. Seu exemplo paradigmático seria o da crença na existência de espíritos em animais, plantas, forças naturais ou falecidos.

Considera o **animismo um estágio primitivo do pensamento, anterior ao religioso e científico e o relaciona com a ignorância da morte, cuja representação é uma aquisição cultural posterior. A superstição contemporânea seria um remanescente do animismo primitivo.** Analisa os procedimentos de feitiçaria e magia com os quais o animismo intenta influir nos espíritos, e que segundo Taylor procedem em forma contagiosa ou imitativa, isto é, utilizando objetos que estiveram em contato com o afetado, ou representações, como a boneca do vudu, sobre as que se realiza o que se deseja obter. Seu mecanismo seria, para Taylor, uma troca da conexão ideal (chamaríamos de simbólica) com o objeto, pela relação real. Ou seja, pisotear uma trança do inimigo, ou sua imagem, e esperar que realmente se veja maltratado, é tomar a relação com o símbolo como a relação com o objeto esperando que tenha o mesmo efeito. Tudo isto leva a pôr em **paralelo a experiência alucinatória infantil, via fácil de satisfação do desejo, com a magia**: é o desejo que move o homem primitivo a pensar e agir de modo mágico.

Habremos unicamente de admitir que **o hombre primitivo tiene una desmesurada confianza en el poder de sus deseos.** En el fondo, todo lo que intenta obtener por medios mágicos no ha de suceder sino porque él lo quiere. De este modo no tropezamos al principio sino con el deseo.

Freud vê na especificação do desejo que põe em jogo a magia, uma satisfação libidinal como a que intervêm no jogo das crianças. Logo relaciona o animismo com a

“onipotência das idéias”, expressão cunhada por um paciente seu obsessivo, para se referir à capacidade da mente de materializar seus conteúdos; se encontrar com uma pessoa na que se pensa, ou que morra alguém que tínhamos desejado mal, e exemplos semelhantes. A grande despesa energética dos rituais obsessivos procura conjurar a própria morte que está atrás dos pensamentos de agressividade para outros. Ainda acrescenta: **“Todos os doentes neuróticos em particular obsessivos são supersticiosos como este.”**⁹

Freud pensa que **a persistência de partes animistas da personalidade se manifesta junto com a de partes infantis que procuram a satisfação no sintoma.** Concretamente diz que **os atos obsessivos primários são propriamente de natureza mágica.** E volta com uma série de argumentos sobre esta idéia de que o animismo está determinado pela leitura narcicística da realidade na qual o primitivo, como o neurótico, sofre uma sobrecarga libidinosa do pensamento.

A fase animista corresponde à narcisista do desenvolvimento libidinal, em que o próprio eu é tomado como objecto. A fase religiosa está em paralelo com a de fixação da libido nos pais, e a fase científica à maturidade. Logo o texto vacila, parece querer achar justificativa para alguns aspectos do sistema animista e termina dizendo: **“O primitivo se inclinaria diante a fatalidade da morte com o mesmo gesto com que parece negá-la”**¹⁰

Então, por que supor uma negação da morte quando deve admitir no ritual um reconhecimento da mesma? Não é difícil comprovar que a diferença entre ritual primitivo e obsessivo é que o primeiro é socialmente compartilhado. Como ficaria a colocação de Freud, verificável na clínica, de que os rituais obsessivos parecem relíquias dos religiosos, numa concepção que não fosse europeocêntrica e desse por certo que o materialismo é superior ao animismo?

Esse perfil do homem primitivo como simbolicamente infradotado não seria aceita por uma antropologia moderna. O sistema animista manteve o homem adaptado a seu meio durante séculos, em razoável saúde psíquica, o que não se pode dizer do materialismo moderno. Este debate precisaria ser atualizado. Se o obsessivo manifesta restos de práticas e rituais religiosos abandonados pela cultura, nem por isso pode-se

afirmar que são a causa da neurose, e até pode-se pensar o contrário: que a neurose manifesta-se mais onde a cultura tem se privado de exutórios rituais ou cerimoniais.

O que põe em jogo o primitivo na magia é um mecanismo perfeitamente sofisticado e eficiente do ponto de vista simbólico. Não podemos discutir que o desejo seja o que está em jogo nos rituais religiosos e na magia, mas não pode-se dar por certo que seja um recurso de tipo inferior.

Pode-se formular outra hipótese sobre o fundamento psicológico do ritual. O que é o animismo senão supor um sujeito em todas as coisas? O ritual coloca em cena uma troca simbólica com elementos que por carentes de corpo não são menos merecedores de todas as prerrogativas do sujeito, isto é, de ter seu próprio ponto de vista, pensamento, desejos; e com os que negocia, com os que, em definitivo, deve entrar em termos de entendimento para obter a satisfação de seus desejos e necessidades. Nada tem de narcisismo ou onipotência no homem primitivo. O ritual é uma espiritualização da falta, um recurso frente ao mal-estar da cultura, uma colocção em ato da dívida simbólica: troca-se com os deuses oferendas e sacrifícios, ou se agradece o dom da vida tornando-o sagrado e mágico. Viver num mundo de sujeitos espirituais ou de matéria passiva e inerte é a significação em jogo das duas visões do universo, e as virtudes de cada uma ainda estão por se desvendar.

Não casualmente, os ocultistas e esotéricos também falam, como Freud, de uma capacidade primitiva na base dos poderes psíquicos. A diferença está no valor que lhe atribuem. Para eles, geralmente é a cultura moderna materialista o vilão do filme. O inconsciente tem coisas boas ou ruins, esse parece o espírito da oposição central entre estas duas formas de pensamento. Mas, a posição científica não exige escolher entre uma ou outra. Ambas poderiam ser estudadas na sua dialética histórica discursiva, tanto no indivíduo quanto na cultura.

4.1.4. 1914. A “FAUSSE RECONNAISSANCE” (DÉJÀ RACCONTÉ) DURANTE A ANÁLISE¹¹

Às vezes durante o tratamento analítico o paciente, ao relatar alguma coisa, comenta que já a tinha contado, enquanto o analista sabe que não é assim. A explicação deste fenômeno é a seguinte:

...parece ser la de que el sujeto tuvo realmente alguna vez la intención de contarnos aquello, e incluso se dispuso a iniciar en una ocasión y quizás en varias, su relato; pero no llegó nunca a cumplir su propósito por impedírsele una resistencia, y ahora **confunde el recuerdo del propósito con el de su realización**.¹²

Especialmente quando o material em jogo é muito importante na continuidade do tratamento, a afirmação dos pacientes de ter já contado aquilo é muito insistente, ao mesmo tempo que é fácil demonstrar que estão errados. Freud chama *fausse reconnaissance* o mecanismo na base do *déjà raconté* e o *déjà vu*.

Tal como Freud afirma, o fenômeno tem recebido muitas tentativas de explicação, que ele vai reunir em dois grupos; o primeiro, está centrado na idéia de que efetivamente se trata de uma lembrança, e o segundo argumenta em favor de uma ilusão da memória, ficando por investigar o que a produz. Estes dois grupos contemplam hipóteses tão variadas como as de Pitágoras, para quem é uma prova da existência de vidas anteriores, ou anátomo-fisiológicas, como a que sustenta ser produzida por uma dissociação da atividade dos dois hemisférios cerebrais, causada por fadiga ou distração.

Comentando sua menção anterior do tema, que já vimos, em Psicopatologia da Vida Cotidiana, desculpa-se por não ter conhecido e mencionado então o trabalho de Grasset, onde aparece uma hipótese muito parecida à sua. De sua parte, inspirou-se no caso de uma de suas pacientes, que aos doze anos foi de visita à casa de uma família onde um dos irmãos estava doente à beira da morte, sendo que seu próprio irmão passara pelo mesmo perigo poucos meses atrás. A interpretação que explica o **falso reconhecimento é o desejo inconsciente** de que seu irmão morresse.

Outro exemplo de outro de seus pacientes, que contou: “tinha por então cinco anos, e brincando com uma faca no jardim cortei o dedo menor, bom, eu achei... mas isto já contei a você uma outra vez”. Quando Freud nega, o paciente insiste, e só ao relatar novamente o episódio infantil, no qual experimentou pânico, acredita que não tinha falado

disso, porque Freud não teria deixado de aproveitar uma prova da existência do medo à castração.

O seguinte exemplo é de um correspondente que confessa que, após ter lido textos de Freud, e apesar de uma resistência inicial, foi lembrando fatos de sua vida sexual infantil. Castigado pela mãe, o sujeito ficara convencido de ter perdido um dedo da mão, até que, muito tempo após, comprovou seu erro. A clínica lacaniana considera este tipo de falso reconhecimento uma alucinação infantil de relevância no diagnóstico da psicose.

Em síntese, o *déjà vu* para Freud é um falso reconhecimento que acontece **quando uma situação tem elementos comuns com outra na qual se reprimiu um desejo inconsciente.**

4.1.5. 1921. PSICANÁLISE E TELEPATIA¹³

Este trabalho foi escrito para circulação interna da sociedade de analistas, e publicado só em 1941. Pode dever-se a isso a admissão de um ato falho, e um enfoque bastante político? Manifesta que acaba de deixar atrás dois inimigos, que são Adler e Jung, quando aparece um novo **perigo: o ocultismo**, que pretende demonstrar a existência real de poderes psíquicos. São perigos na elaboração de “nossa ciência” que ele evidentemente está construindo com muito cuidado.

Na sua opinião, o **crescente interesse em temas ocultos é uma consequência da guerra de 1914**, uma tentativa de **recobrar no ultraterreno o encanto perdido na terra**. Fala do “radium” e a Teoria da Relatividade como descobertas científicas que minaram a confiança na verossimilidade objetiva da ciência.¹⁴ Freud não toma uma posição sobre a teoria da relatividade, mas seu tom é indiscutivelmente crítico, como quem se lamenta da decadência da cultura.

Afirma que psicanálise e ocultismo compartilham só de uma coisa: o desprezo da ciência oficial. Mas fora disso,

... os ocultistas não procuram conhecimento, mas sim confirmações, justificativas para pregar abertamente sua crença que

não é senão o antigo credo religioso ou inclusive do homem primitivo [...] O analista é no fundo, um mecanicista materialista incorrigível e só lhe interessam os temas ocultistas porque espera poder enterrar definitivamente as humanas formações desiderativas da realidade material¹⁵.

Analisa um material sobre **profecias** que não se cumpriram. Uma **adivinha** predissera a morte do cunhado de um paciente, por intoxicação com ostras em determinada data. Não aconteceu, mas o certo era que o homem gostava muito de ostras e tivera uma intoxicação no verão anterior. Freud supõe que a adivinha, que realiza suas leituras a partir de cálculos astrológicos, possivelmente os utiliza **como manobra de distração, para ler a mente do sujeito**, quem efetivamente alimentava desejos criminais contra o cunhado.

Segundo exemplo: uma mulher se casa interessada na posição financeira do marido, que resulta ser estéril. Ao sabê-lo, informada por ele, consulta um famoso adivinho que lhe prediz um casamento (não sabe que já está casada, pois ela retirou seu anel do dedo e era ainda muito jovem) no qual terá dois filhos aos 32 anos. Agora tem 40, presa numa séria neurose em tratamento com Freud e os oráculos não se cumpriram, então Freud se pergunta: **por que a mulher ainda se maravilha?** A explicação de Freud é que a mãe da paciente teve dois filhos aos 32 anos e que “a profecia lhe oferecia o prazer daquela identificação materna que tinha sido o segredo de sua infância”. Para Freud o **júbilo da mulher se explica na expressão de um desejo inconsciente da profecia.**

O que a teoria de Freud não explica é o motivo das profecias também produzirem júbilo quando anunciam desejos perfeitamente conscientes, e também por que têm efeito inclusive em pessoas que não acreditam nelas ou nos adivinhos.

Menciona um terceiro exemplo, que confessa ter esquecido... Reconhece seu esquecimento como ato falho e logo conta que um paciente seu pediu uma análise grafológica de sua escrita, que o especialista considerou corresponder a um “ancião tirano insuportável”... Para Freud é suficiente prova do erro, se considerar a si mesmo de forma muito diferente...

4.1.6. 1922. SONHO E TELEPATIA¹⁶

Texto de quinze páginas onde começa fazendo uma referência a uma moda de fenômenos ocultistas, razão pela que se apressa a **delimitar campos e desiludir expectativas dos ocultistas**, que muitas vezes o convidaram a participar de suas publicações. Ele rejeita sempre estes convites.

Freud aponta que não vai revelar o enigma da telepatia e nem sequer deixar transparecer se ele acredita ou não nela... Ele não tem exemplos próprios de sonhos telepáticos verdadeiros, nem pessoais, nem de seus pacientes, e diz “quem o deseje pode tentar tirar uma explicação desta circunstância”¹⁷ sugerindo que bem poderia ser uma prova de que não existem. Não pode basear-se nos exemplos de outros, que não lhe faltam, e aqui ficamos sabendo que é sócio de a *Society of Psychical Research*, tanto inglesa quanto americana, das que recebe regularmente suas publicações! Segundo Freud, não pode-se basear naqueles exemplos porque, em geral, carecem do tipo de associações e dados que são precisos para a análise psicanalítica dos sonhos.

Então vai tomar duas comunicações epistolares de sua colheita. O primeiro trata de um senhor alemão cuja filha está esperando família em outra cidade, e que na mesma noite em que se produz o **parto de gêmeos**, sonha, sem ter ainda conhecimento deste nascimento que acontece um mês antes da data prevista:

Minha mulher (que é a segunda esposa) ganhou um par de gêmeos. Não posso estabelecer de qual sexo. Um deles, loiro, se assemelha a mim, o outro a minha mulher, a quem digo ‘o cabelo castanho de teu filho talvez se torne logo loirinho’. Minha mulher os amamenta. Ela fizera geléia em uma bacia e as crianças engatinham, lambendo o recipiente até deixá-lo limpo.

Durante a noite em questão, acordara muitas vezes se perguntando se era sonho ou realidade. Foi a esposa quem durante a manhã seguinte pensou que a filha podia ter ganhado gêmeos, o que foi confirmado por um telegrama. Na noite seguinte sonha ainda que a esposa falecida – que, diferente da atual, gostava das crianças – tomou a seu cuidado 48 crianças: “quando chega a primeira dúzia, eu protesto” conta o sonhante.

Freud não fica totalmente satisfeito com as associações que o senhor envia ante seu pedido: conversas sobre o sexo e traços do bebê esperado, o interesse do correspondente por temas de herança e semelhança entre familiares, um cachorrinho de estimação do casal que lambe os pratos, o desejo de ter filhos foi deixado de lado perante a impaciência da atual esposa, a ausência de contato sexual com ela. Também conta “outros sucessos telepáticos de sua vida”: tanto ele como seus três irmãos maiores souberam, ao receber respectivas cartas, que a mesma anunciava a morte prematura do caçula.

Mesmo que Freud coloque que estes casos têm dados suficientes, tenta uma explicação psicanalítica que começa com esta questão: este sonho pode ser considerado telepático? Já que não anuncia o mesmo acontecimento: no sonho é a mulher e na realidade foi a filha que teve os gêmeos. Por uma série de passos Freud interpreta o desejo do senhor alemão de ter a sua filha como segunda esposa. Logo especula estas possibilidades: **ou bem existe uma mensagem telepática que a elaboração onírica incorpora como qualquer outro elemento formador do sonho**, um estímulo externo ou interno, por exemplo um ruído ou uma imperiosa sensação orgânica, **ou bem não existe mensagem telepática, senão uma linha associativa** no sujeito que dorme, que começa pela elaboração pré-consciente da possibilidade de um erro de cálculo nas datas. Em ambos os casos, **a telepatia nada tem a ver com a essência do sonho** que consiste no enigmático processo da elaboração onírica que, com ajuda de um desejo inconsciente, converte idéias pré-conscientes ou restos diurnos em um conteúdo onírico manifesto.

Um outro exemplo do mesmo artigo é um sonho repetitivo de uma mulher que lhe escreve aconselhada pelo seu médico, na esperança de que uma interpretação a libere do mesmo, já que ao longo dos anos ele a vem fazendo cair da cama, chegando a causar lesões. Ela sabe que Freud baseia suas hipóteses na sexualidade, tema que, confessa, nunca lhe interessou muito. Segue o relato de sua vida, marcada por uma oftalmia sofrida aos cinco anos de idade, que deixou sérias perturbações na sua visão, muitas enfermidades e outros fenômenos curiosos. Por exemplo “visões”, que descreve como:

... a veces desaparece por unos instantes la realidad y veo algo totalmente distinto. En casa, por ejemplo, veo muchas veces un matrimonio viejo con un joven, y entonces la habitación tiene

unos muebles distintos ...

Estando em viagem escutou seu irmão – que tinha se alistado – gritar “mãe! Mãe!” por duas vezes consecutivas. Ao retornar à sua casa soubera que a mãe, nesse mesmo momento, escutou o mesmo chamado. Depois receberam a notícia de que o irmão morreria na linha de frente na guerra no mesmo instante dessas percepções.

Golpes misteriosos escutados no mesmo dia em que, assim soube depois, faleceu uma amiga; a ‘visão’ de uma senhora cada vez que passava pela casa de um viúvo, que com os anos, graças a uma foto, revelou-se como a defunta, são outros exemplos que cita. Também fala de sua capacidade para aprender um determinado idioma, sua compaixão pelos animais, e sua atitude reservada, por medo de sentir-se incompreendida (características que se enumeram dentre aquelas com que a literatura especializada, por exemplo a espírita, descreve as personalidades mediúnicas). Seu sonho repetitivo:

Veo una península rodeada de agua. Las olas rompen sobre la playa y refluyen violentamente. En la península hay una palmera, algo torcida hacia el agua. Una mujer está abrazada al tronco y se inclina todo lo posible sobre o agua, donde un hombre trata de alcanzar tierra. Finalmente la mujer se acuesta en el suelo, se aferra con la mano izquierda a la palmera y tiende cuanto puede la derecha hacia el hombre que está en las aguas, pero sin alcanzarlo.¹⁸

Então acorda. Ela finalmente reconheceu o homem do sonho que se repete desde a infância, e que durante anos não conseguira identificar: é um médico que a atendeu, já adulta, em um sanatório. Freud diz que este é um típico sonho de salvação das águas, que expressa o desejo de ser mãe do homem, ou de ser mãe graças a ele. Muitos elementos referem à idéia do parto, as ondas que avançam e retrocedem como contrações, o cair da cama etc. O homem do sonho não identificável durante anos é o pai, interpretação reforçada pela suposição de ciúmes dos onze irmãos que vieram depois dela. Com isto sustenta o diagnóstico de histeria, escreve à mulher que sua interpretação é uma forte ligação ao pai e identificação com a mãe, rival, sem grandes esperanças de que isto produza uma melhoria.

A partir de sua hipótese, a percepção da voz de seu irmão chamando “mãe, mãe” se explica pelo mesmo complexo: ela ~~teria criado~~ **a idéia de ter percebido o**

mesmo que a mãe, a quem estava identificada. Pontua que não pode afirmar nada a respeito do mesmo fenômeno experimentado pela mãe. Também põe em questão o carácter compassivo e nobre que a mulher declara ter tido na infância, freqüentemente cheia de **lembranças encobridoras** que são deslocamentos de lembranças traumáticas. A lembrança infantil dos cavalos que enxergara desde o berço, um dos quais a olhava fixamente lhe dando a impressão de ser um humano, a interpreta como uma "isca de *totemismo infantil*". A visão da morta e os ruídos no dia em que morrera a amiga, como originadas no desejo de morte da mãe.

Freud pensa que muitos sonhos proféticos são sonhos de morte, que pela sua vez se podem relacionar com os desejos de morte do sonhante, especialmente na neurose obsessiva. Voltando ao exemplo da avó de gêmeos, especula quantas vezes todos os irmãos teriam pensado que supérfluo era o caçula. Deve-se lembrar, porém, que se bem os desejos podem intervir na capacidade de percepção, não bastam para explicá-la. Em uma mãe que no seu intento de salvar seu filho fosse capaz de perceber a faixa de luz infravermelha, poderíamos explicar pelo desejo a motivação, mas não os mecanismos da tal capacidade. Quantas cartas recebera o senhor alemão, em tempos em que eram o principal meio de comunicação, sem lhes atribuir a mesma notícia da morte do irmão?

O sonho repetitivo de nascimento, incluindo a queda da cama, expressa efectivamente uma dificuldade de constituição do sujeito, mas isto não alcança a explicar os fenômenos paranormais que manifesta a mulher, ou autoriza supor que todas suas percepções sejam psicóticas ou patológicas. O fato de fenômenos paranormais aparecerem freqüentemente em derredor de surtos psicóticos não permite concluir que os primeiros sejam consequência dos últimos.

Enfim, o eixo deste artigo é o interesse de Freud em se diferenciar dos ocultistas e de autores como Jung, Silberer ou Stekel nisto: mais freqüentemente o inconsciente mostra paixões primitivas, egoístas e criminais, que elevadas qualidades do espírito.

4.1.7. 1925. SIGNIFICAÇÃO OCULTISTA DO SONHO¹⁹

Trata-se de um artigo de pouco mais duma página que começa afirmando:

El simbolismo no es un problema del sueño sino de nuestro **pensamiento arcaico**, (la lengua fundamental de Screeber) domina el mito e el ritual religioso en medida no menor que el sueño...

O simbolismo é para a teoria dos sonhos como o problema da angústia: não pertence ao campo do sonho. Rejeita a possível existência de sonhos ou fenômenos proféticos, em nome da ciência:

La presunción de que cualquier poder psíquico, salvo un cálculo agudísimo, sea capaz de prever en sus detalles los sucesos futuros, contradice por demás, por una parte, todas las hipótesis y los postulados de la ciencia, e por otra, satisface con excesiva fidelidad antiquísimos y bien conocidos deseos de la Humanidad, que la crítica se ve obligada a rechazar como pretensiones injustificables²⁰

Mas se antecipar o futuro lhe parece impossível, aceita a existência da telepatia, apesar de que a deixa fora da competência da psicanálise. Os sonhos telepáticos, como o simbolismo, não os considera uma questão própria do sonho, pois acontecem fenômenos telepáticos também fora dos mesmos.

Podemos deixar assentado por agora que seria muito possível que a telepatia exista realmente e que forme o núcleo verdadeiro de muitos outros pressupostos incríveis de outra maneira.

Os fatos ou comunicações telepáticas vão se manifestar no trabalho analítico justamente porque não produzem material de associação livre, do mesmo modo que quando aparece o que Freud chama símbolos, em particular nos sonhos, que têm certas características. Segundo Laplanche-Pontalis, no verbete do simbolismo do Vocabulaire da Psychanalyse:

- a) elementos “mudos” são aqueles em que o sujeito é incapaz de proporcionar associações sobre eles;
- b) a relação entre o símbolo e o que representa é constante (isto também se vê nos mitos, a na religião, até nas culturas muito distantes uma de outra);

- c) esta relação constante é uma analogia ou uma alusão;
- d) existem numerosos símbolos para poucas coisas simbolizadas: o corpo, a família, o nascimento, a morte e a sexualidade;
- e) o carácter inconsciente dos símbolos não pode explicar-se pela repressão;
- f) derivariam duma herança filogenética.

Não podemos entrar aqui no problema do simbolismo, que levou Jung a falar do inconsciente colectivo, sobre o que Freud, pela sua parte, nunca se pronunciou. memo que nesta questão do simbolismo é que se produz uma das mais importantes encruzilhadas que dividem o pensamento dos dois teóricos e suas escolas. Salientemos simplesmente que o carácter telepático de algum elemento que aparece no material, poderia se confirmar quando justamente não produz associações como os outros.

Freud logo retoma o mesmo exemplo da mulher sem filhos cuja explicação mais plausível é a da transmissão telepática ao adivinho, e fala de outras “experiências realizadas em circuitos íntimos” que **confirmam a existência da telepatia e até permitem afirmar, que seu momento mais propicio é aquele no qual surge uma idéia do inconsciente, ou seja, na passagem do processo primário ao secundário.**

Nas biografias e correspondências de Freud, vamos achar a resposta da pergunta de quais podem ter sido aquelas ‘experiências em círculos íntimos’. Na introdução à edição brasileira da Correspondência Freud-Ferenzi²¹, André Haynal comenta:

Terá sido a influência de Ferenzi que avivou o interesse de Freud e de Jung por fenômenos ocultos. Sem dúvida alguma, um fato é característico, a viagem é encerrada por Freud e Ferenzi com um desvio para Berlim, onde Ferenzi consulta uma vidente, Madame Seidler, dada a sua busca de uma maior compreensão da contratransferência. Aliás, Ferenzi realiza novas investigações com uma certa Madame Jelinek em Budapeste.

Posteriormente, ele encarrega o irmão de fazer uma nova consulta a Madame Seidler. Enquanto Freud dá conselhos sobre como devem ser entendidos esses experimentos, Ferenzi também faz experiências com seus pacientes, com Gizella²² e consigo mesmo. Para Freud tudo isso elimina “definitivamente” as dúvidas a respeito da existência da transmissão de pensamentos.

Peter Gay²³, biógrafo de Freud, comenta que os ‘experimentos em círculos

íntimos', incluíram sua filha Anna, quem parece, tinha este tipo de capacidades.

O fato de Freud ter incluído a filha caçula em suas experiências com a telepatia expressa o grau de intimidade que havia entre eles. Quando Freud, em 1925 disse a Abraham que Anna possuía "sensibilidade telepática", não estava apenas brincando. Como Anna Freud, certa vez observou com perspicácia a Ernest Jones, "o assunto devia fasciná-lo e em igual medida desagradá-lo"

Em síntese, Gay chega às seguintes conclusões (itálico meu):

Como cientista, Freud não estava disposto a defender a superstição e o abandono da razão. Mas também como cientista estava pronto para investigar fenômenos que pareciam misteriosos e esquivos a soluções terrenas. Praticamente todos esses fenômenos, argumentou ele, estão *abertos a explicações naturalistas*. As profecias surpreendentes, as coincidências assombrosas normalmente se revelam projecções de desejos intensos. Mas *algumas experiências ocultas, particularmente no domínio da transferência de pensamentos, podiam se mostrar autênticas*. Em 1921 Freud declarou-se disposto a deixar a questão em aberto – mas, ao mesmo tempo, *preferiu manter o assunto restrito a seu círculo mais íntimo, para que a discussão franca de telepatia não desviasse a atenção da psicanálise*.

4.1.8. 1927. UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA²⁴

Curioso artigo que ilustra o ateísmo de Freud. Conta que um jornalista publicou uma entrevista com ele completamente falsa, na que se declarava ateu. Em razão dela recebeu, entre outras, a carta de um colega médico que o queria 'salvar' da sua incredulidade, relatando a experiência que o levou a acreditar na existência de Deus: ao receber na sala de autópsia um cadáver de uma doce anciã, sofrera uma impressão que lhe fez pensar que Deus não existia, até que umas vozes divinas o incitaram a refletir, e os sentimentos dos dias seguintes o convenceram de seu erro. O colega então lhe convida a abrir seu coração para escutar também a voz de Deus no seu interior. Freud ironiza: nunca lhe aconteceu que Deus lhe falara, e dada sua avançada idade, se não se apressa, vai perder a oportunidade...

Freud deduz que se o cadáver da senhora o induziu a duvidar da existência de

Deus, é porque na realidade do inconsciente ela representou a própria mãe, e Deus, ao pai em comércio sexual com ela. Frequentemente a criança considera a relação sexual dos pais como uma violência do pai exercida contra a mãe, assim explica o decurso dos pensamentos do colega a partir do complexo de Édipo, e **considera as vozes uma manifestação do tipo da psicose alucinatória.**

... el conflicto parece haberse desarrollado con forma de psicosis alucinatoria, voces internas se hacen perceptibles para desaconsejar la rebelión contra Dios. El combate interior tiene de nuevo en el terreno religioso su desenlace, predestinado por el destino del Complejo de Edipo, una completa sumisión a la voluntad del Dios Padre. {...} ...no podemos rechazar la interrogación de si la comprensión de este caso nos habrá descubierto algo sobre la psicología de la conversión religiosa.

4.1.9. 1932. SONHO E OCULTISMO

Vou fazer uma leitura detalhada deste trabalho que é a segunda das oito *Novas Lições Introdutórias À Psicanálise*, que escrevera para acrescentar à série de 1916-17., em que justifica sua escolha do tema do ocultismo, porque muitos afirmam que os sonhos são a “porta de entrada ao mundo místico” e ainda há quem pense que são manifestações do oculto. Mas o que é o mundo oculto? Ele responde:

...no esperen de mí tentativa alguna de abarcar con definiciones estos dominios mal delimitados... de un modo general e indeterminado, todos sabemos de lo que se trata: es un espacio de Mas Allá, de aquél mundo luminoso, no regido por las leyes implacables que la ciencia ha edificado para nosotros.²⁵

Logo Freud denuncia o verdadeiro interesse ocultista: o religioso. Mas os ocultistas não se envergonham de ter um interesse religioso, pelo contrário, se orgulham de voltar à religiosidade com argumentos modernos. Pode-se criticar Freud por não tomar a definição dos interessados, os autores ocultistas, pecando da mesma falta que os críticos da psicanálise que se baseiam na versão vulgarizada de seus conceitos. O que interessa pontuar é que se Freud pode apelar ao conhecimento vulgar é pelo que tem de estrutural. Efetivamente, se todos sabemos do que se chama outro mundo, é porque está no nosso

interior. Sem necessidade que o outro mundo envie mensageiros, senão porque vem da estrutura. Registro, conceito de Lacan que se refere à categoria a que pertencem o real, o simbólico e o imaginário, os três registros, e um conceito que significa, antes de tudo, um espaço de inscrição. O registro simbólico vai indicar quais experiências e percepções são reais e quais imaginárias, quais devem se inscrever em um ou em outro dos outros dois registros.

Voltamos ao texto: Freud enumera dificuldades gerais que podem colocar os estudos ocultistas, entre elas, a histórica: a suspeita que desperta o fato de que no mundo ocultista não existe nada novo, “são os mesmos milagres, profecias e aparições dos tempos antigos”... Mas, ao meu ver, aí está o dado interessante: que sejam os mesmos fenômenos, permitiria estudá-los como são explicados ao longo dos tempos, por diferentes teorias e culturas, com diferentes recursos simbólicos. Depois de analisar todas as objeções que se podem fazer ao ocultismo, Freud quer continuar avançando porque elas não resolvem por si a questão:

Nosotros somos científicos e nos interesa explicar lo observable...
El ocultismo es un fenómeno singular, difícil de acceder, cuyo estudio se ha convertido en una ardua especialidad y sobre el que todavía no existen conclusiones definitivas {...}
 hasta que los investigadores a ella consagrados lleguen a una decisión, seguiremos abandonados a la duda y a nuestras opiniones personales.²⁶

Mas ele quer abordar esse “**nódulo real de hechos aún no descubiertos que ha sido envuelto por el engaño** y la fantasía en una maraña difícilmente penetrable”, o que quer dizer que ele pensa que existe um nódulo real de fatos em toda essa história. Propõe-se a abordar a telepatia, que define como o suposto fato de que **um sucesso chegue ao conhecimento de uma pessoa afastada, sem intervenção de meios conhecidos**²⁷. E acrescenta: “a única razão para investigar o sonho e a telepatia está em que **o dormir parece particularmente apropriado para a recepção da mensagem telepática.**”²⁸

Retoma os exemplos anteriores do avô de gêmeos e da mulher que não tivera filhos que consulta ao adivinho. Chama um pouco a atenção que Freud volte uma e outra vez aos mesmos poucos velhos exemplos. Afirma do primeiro “só a interpretação do

sonho nos mostrara que se tratava de um sonho telepático; a psicanálise descobrira um fato telepático que de outro modo não teríamos reconhecido”²⁹. Esqueceu que o correspondente escrevera dez anos antes pela curiosidade do caráter telepático do sonho e outros sucessos? Ou está dizendo que para ele só ficou estabelecido depois da análise do sonho com seu método? Aliás acrescenta logo uma especulação que explicaria como o senhor alemão poderia ter chegado ao mesmo sonho sem a mensagem telepática, e conclui que a interpretação onírica não pode decidir a realidade objetiva da telepatia. Parece-me que Freud por um lado quer mostrar sua coragem de cientista para indagar seus mistérios, mas como não pode dar provas não afirma nada definitivo, e por outro admite sua crença e comunica os fatos e especulações que o levam a ela, em que se pode observar como a psicanálise, seu método, aportara utilíssimos esclarecimentos.

Continuamos passo a passo com o artigo. Imediatamente verte sua opinião dos adivinhos:

Durante el tratamiento analítico de mis pacientes he experimentado a impresión de que a actuación de os adivinos profesionales encubre una ocasión muy propicia para realizar observaciones particularmente inobjetables sobre la transmisión de pensamiento. Tales adivinos son, por lo general, personas insignificantes e incluso de mentalidad inferior, que, con manejos distintos, -echando cartas, estudiando la escritura o las líneas de la mano, o haciendo cálculos astrológicos- predicen a sus visitantes el porvenir, después de haberles demostrado que conocen una parte de sus destinos presentes o pretéritos. Sus clientes se muestran, por lo general, satisfechos con su labor, e no les guardan rencor si sus predicciones no se cumplen.³⁰

[As profecías] todas ellas me han dado a impresión de que el adivino no había hecho más que expresar los pensamientos de sus consultantes y muy especialmente sus deseos secretos, estando así justificado **analizar tales profecías como si fueran productos subjetivos, fantasías o sueños de los interesados.**³¹

Finalmente aborda um caso de um de seus pacientes em análise, o senhor P. Freud nos diz que no outono de 1919, atendia-o porque tinha tempo de mais, apesar de que seu caso não prometia sucesso, já que P, a quem tinha proposto interromper a análise, desejava continuar, seguramente – como diz Freud – porque se sentia a gosto na ‘morna transferência’ com ele como substituto do pai... Não explica porque não prometia

sucesso, e não tem reparos em confessar que infringia as regras médicas, e o atendia naqueles tempos de guerra em que não circulava o dinheiro, sem lhe cobrar, porque lhe proporcionava estímulo e descanso.

No dia da sessão que vai comentar, Freud recebe a visita do Dr. Forsyth, pessoa que lhe interessa muito pelo que promete para o desenvolvimento da psicanálise, e mais tarde crê achar nas associações do paciente – a menção do apelido que lhe dá uma moça de *herr Vorsicht*, (Seu Prudêncio) que em alemão se pronuncia de maneira parecida – uma “captação” telepática do nome Forsyth. Intrigado lhe mostra o cartão de visita que ainda tem na sua mão. Isto pode parecer insignificante, comenta Freud, mas consigna então em uma série de elementos associativos: um Forsyte, personagem das novelas de Glasworthy das que costumavam falar, por exemplo *A Man of Property*, que Freud aceitara que P. lhe emprestasse, e que formava parte “da linguagem secreta que tão facilmente se desenvolve entre pessoas de trato constante”... do que conclui: “Isto já é outra coisa?”³²

Acrescenta ainda outras duas associações do senhor P do mesmo dia, nas quais aparecem os nomes Freund e *nightmare*, que poderiam ter, a primeira, origem na captação do nome da pessoa que Freud visitara por ocasião de uma ausência de P. à sessão – quem procurara os meios para a fundação da editora psicanalítica – que tem certeza não pronunciou “ao mencionar brevemente, zombando, que visitou a casa onde morava”. E a segunda, *nightmare*, uma referência aos trabalhos sobre o pesadelo do psicanalista inglês Jones, com quem P se cruzara na sala de espera tempos atrás.

Para facilitar o exame, apresento o material ordenado na ordem cronológica que podemos reconstruir a partir das afirmações do mesmo Freud.

- 1) P inicia um tratamento com Freud por causa de transtornos nas relações matrimoniais. Freud o considera em transferência homossexual passiva e incurável. Freud o atende sem lhe cobrar, até voltarem seus pacientes após o fim da guerra, pelo estímulo e descanso que lhe traz;
- 2) P se encontra na sala de espera de Freud, com Jones, autor de um trabalho em inglês sobre o pesadelo (*nightmare*);
- 3) P, quem passara os anos de juventude na Inglaterra e se interessa pela literatura inglesa, empresta a Freud livros da série *The Forsyte Saga*, de Galsworthy, por

exemplo, “*A man of Property*”;

- 4) P falta a uma sessão. Freud aproveita sua ausência para visitar Von Freund, pessoa que procurara os meios para a fundação da editora da Sociedade Psicanalítica, descobrindo que mora no mesmo prédio que P, o qual presumivelmente não saiba. Em uma sessão posterior Freud comenta (em zombando?) ‘você faltou mas eu estive na sua casa’ mas tem certeza de não ter mencionado o nome Freund;
- 5) Na semana seguinte, Dr. Forsyth, médico inglês de quem Freud espera ajuda para retomar a atividade profissional interrompida pela guerra, se apresenta no seu consultório. Só tivera tempo para lhe deixar uma saudação em seu cartão de visita, porque Freud estava atendendo um paciente;
- 6) P começa sua sessão no mesmo dia mais tarde, continuando a falar de suas tentativas de voltar a ter relações eróticas com as mulheres. Menciona novamente a linda e pobre moça, cuja virgindade lhe dava medo de avançar nos seus propósitos, e, pela primeira vez, o apelido de “Herr Von Vorsicht” (Seu Prudêncio) que ela lhe botou. Freud se sente intrigado (“sensação miraculosa”) e lhe mostra o cartão do Dr. Forsyht que tem ainda na sua mão. (Pode Freud ter pensado na sua filha Anna, pela sua vinculação com a telepatia?) Então P. pergunta “A senhorita Freund Ottorego, que ministra um curso de inglês na Universidade Popular, é talvez sua filha?” Freud interpreta um desprezo por parte de P, explorando uma deformação de seu nome Freund (amigo), mas não especifica se P cometera um ato falho em outro momento da sessão, ou se trata de esta menção da Sta. Freund;
- 7) No fim da mesma sessão P relata o sonho do qual despertara angustiado. O conteúdo não aparece consignado. P diz que foi um verdadeiro pesadelo, que tem dificuldade de lembrar a palavra pesadelo em inglês (*nightmare*), que chegou a confundir – o que é um disparate, afirma Freud – com *mare’s nest* (conto incrível). Freud relaciona estas associações de P com o seu encontro de tempos atrás com Jones, autor de trabalhos sobre o pesadelo, na sala de espera de Freud.

Seguidamente Freud ‘lê’ – ou seja, faz uma construção – das supostas idéias que cruzavam a mente de P, de quem afirma coloca-se numa posição homossexual passiva na transferência, da maneira seguinte: “volte a mim, eu também sou um Forsyhte, a moça de quem faláramos me chama assim”, procurando a mesma consideração que Freud outorgava ao médico inglês; ou desiludido, porque: “você veio à casa onde eu moro, mas desgraçadamente não para se encontrar comigo, senão com Freund”; e no erro que faz aparecer *mare’s nest* (conto incrível) por *nightmare*, e passando por Jones, que conseguia escrever trabalhos sobre os pesadelos além de os padecer, a confissão: “não sou um inglês verdadeiro, como não sou um verdadeiro Forsyth”; (O texto diz Forsyth, mas não deveria

aqui ser Forsyte?) dando consistência à hipótese de uma indução telepática motivada nos ciúmes de P. P teria levado a tecer nas suas associações, os nomes que ocupavam os pensamentos de Freud, que comenta, não eram exagerados nem incompreensíveis, porque sabia que ia abandoná-lo quando, liberados com o fim da guerra, chegassem seus alunos e pacientes estrangeiros.

Mas, o problema deste raciocínio para uma ciência materialista é que não se pode fundamentar uma hipótese com outra; a da transmissão telepática, com uma interpretação de um conteúdo inconsciente, que é também uma hipótese, ou vice-versa. Ponto delicado na argumentação de Freud: observemos que uma transmissão telepática em sua definição não exigiria que fosse consciente, ou seja que o receptor saiba que a esta experimentando, porém, nesse caso, se mostra bem mais difícil de estudar ou provar. No entanto é o ponto de interseção que constitui o campo desta investigação.

De lado de P, a menção do apelido Seu Prudêncio poderia ser bastante justificada pela sua própria cadeia associativa e preocupações. A menção do homônimo 'Forsyte' das novelas, mais do que fundamentar a hipótese telepática, a contradiz, já que se ambos dispunham desse nome na sua 'linguagem íntima', muitas outras vias associativas além da telepática poderiam justificar sua aparição. Finalmente, a menção da senhorita Freund (a menos que Freud, ao pensar em telepatia, lembrasse sua filha) pode se justificar como resposta à atitude de Freud de lhe mostrar o cartão de Forsyht, aproveitando para perguntar sobre o assunto que devia ter *intrigado* a ele: outro cartão, o da Sta. Freund e outro inglês, o de suas aulas, pela relação da significação da questão inglesa de sua subjetividade, com a transferência, e sem necessidade de que pensasse em Jones ou Freund. Tudo o que não satisfaria as exigências de um tribunal de parapsicólogos.

Não é mais evidente que se Freud se intriga quando P. pronuncia 'Vorsight', 'Freund' e 'nightmare' é porque de sua parte está interessado em 'Forsyth', 'Freund' e 'Jones', que formam parte da rede de *seus* pensamentos sobre o desenvolvimento da psicanálise, com a ajuda econômica conseguida por meio de Freund, e a logística que aportaria Forsyth, etc.? Se Freud pode afirmar que o sujeito lia seu pensamento é porque o reconhece na suas palavras, e as reconhecem *pelo que elas tem a ver com seu inconsciente*... Teria acontecido que reagisse com a 'sensação miraculosa' se Forsyth

tivesse sido um vendedor de tapetes ou um encanador que deixa seu cartão? É difícil decidir se aconteceu aqui um fenômeno telepático. Entretanto, a problema para a psicanálise não é o erro de diagnóstico do caso telepático, senão o engano do analista respeito do inconsciente que escuta.

Problema que se coloca, ao meu ver, de início nesta análise. Um tratamento que, no contrato de seus participantes, exclui uma esperança de cura, ao tempo que exclui o pagamento que garante a 'nada' que o sujeito recebe nela³³, deixa ao dispositivo como uma casca vazia fazer de 'como se' de uma análise; a 'compensação' que por não cobrá-lo o analista receba, seja qual for, anula o poder libertador de sua intervenção *sobre* a transferência, a respeito da que qualquer interpretação, pode ser escutada pelo paciente como uma demanda ou mandato, na confusão do que estaria 'pagando' com seu ser...

Vejamos este ponto de outra maneira. Freud diz que os ciúmes de P não são exagerados, pensando que ele está *na verdade* mais interessado nos pacientes e discípulos estrangeiros, mas o problema é que na entrada desta análise está colocado que aqueles pacientes são os *verdadeiros*, enquanto P., esta aí... recheando o vazio de uma ausência... A transferência homossexual passiva com que o diagnostica, poderia ser o lugar em que Freud quer que ele esteja, e o problema do sujeito P, não que Freud não o ame como a Freund, Jones, ou Forsyth, senão que o ame *nesse lugar de merda*...

Se um sujeito se coloca em uma posição na transferência, deve-se pensar primeiro o que ela satisfaz: por exemplo o gozo de um Outro sem falta, e se o analista não o descobre, pode se dever à sua fantasia inconsciente de satisfação do papel complementar, só na intimidade do estritamente imaginário – entende-se – onde não seria a de lhe introduzir o falo, senão seu significante *mestre*... que não resultaria surpreendente escutar retornando da boca do *escravo*....

Por que qual é o descanso que P. lhe proporciona, senão o que eu chamaria de 'descanso da castração', e que o estimula, senão a ilusão de aquele mundo onde graças à ignorância das leis da razão, seus animistas liberavam as baixas paixões – e que não se deve procurar em nenhuma realidade, na qual, se não tivessem respeitado as do mato, teriam sido massacrados há séculos – em que pode sonhar na conquista de novos territórios para a ciência, assim como ganhara os da pulsão de morte, psicologia das

massas, o fetichismo e o masoquismo, trabalhos que se consideram classicamente seu triunfo sublimatório sobre os horrores da Primeira Guerra Mundial que ocupavam sem dúvida seus pensamentos, talvez respondendo a seu Complexo de Édipo, segundo sua própria teoria: morte do pai e gozo da mãe, exclusão de Deus do corpo da ciência avançando sobre a telepatia e o oculto que até então se lhe haviam resistido? Ou qualquer outra fórmula de seu desejo inconsciente que em um momento de ‘como se’ de não castração, organize a dialética imaginária com as figuras de Forsyth, Freund, Jones, os adivinhos e os ocultistas com as que se mede.

Se acaso aconteceu a **indução de pensamento** no caso P, vejo-o mais relacionada com a experiência da que meu mestre Francisco González Cobreros³⁴ comentara em algum seminário, e que ele corroborara pessoalmente: a de pensar intensamente durante a sessão em uma palavra particularmente esquisita para que tivesse valor probatório – e sem relação com o desejo de ninguém – até que aos poucos o paciente a pronuncia, sem ter a menor idéia de sua origem, e tecida na mesma linha de seu discurso. Do que se trata é da condição geral da transferencia pela qual o sujeito está aberto aos significantes do Outro: o caso da criança, na que os significantes dos pais vão tomar parte na constituição de seu desejo, ou em geral, quando o desejo inconsciente gera transferencia respeito de um outro que poderia ter sua chave, seja um adivinho, um analista, um ator da TV, um namorado, um igual...etc. E a necessidade de o desejo de se fazer reconhecer o que leva ao sujeito a assumir o código do Outro, pelo mesmo motivo que no caso mais simples em que o desejo é consciente: por exemplo, eu devo falar em português se quero que me vendam um suco na lanchonete... Freud de sua parte não reconhecera a intensidade de seu próprio pensamento – interrompido a desgosto pela regra de atenção equiflutuante – na determinação do fenômeno.

Os erros de Freud se originam em não ter respeitado ele mesmo seus próprios princípios e conselhos, como desestimar a análise da ausência do sujeito à sessão, que, como ele mesmo argumentara em outro lugar³⁵, é sempre no limite teórico, uma resistência, mesmo quando causada na morte do pai do paciente! (aliás, se permitindo responder com a ‘broma’ de que o procurou na casa...) ou o conteúdo do sonho de angústia, – seja na sessão, seja na análise posterior – cuja aparição é sempre importante,

porque fala do desejo cuja expressão a censura fracassa em reprimir³⁶. A questão é que Freud não escutou o inconsciente de seu paciente enquanto este se viu induzido pelo seu... o que proporciona o exemplo magistral do que o psicanalista *não* deve fazer.

No combate aos perigos da distorção que imprimem os interesses pessoais em toda leitura que seja dos conteúdos de outra subjetividade, à apelação à ética no nascimento de uma técnica, não garante *per se*, sua correta aplicação. Refiro-me ao momento de fundação da psicanálise na separação da hipnose, quando Freud achou que não respeita o sujeito a quem se força com a *sugestão*, da qual aliás, se desconhece o mecanismo. Hoje em dia o mecanismo da sugestão continua obscuro e a psicanálise, como exemplifica ao meu ver o caso P., não está isenta do perigo de alienar o sujeito.

No momento do tratamento de M em que prediz minha partida de Barcelona, eu vou me encontrar numa situação parecida à de Freud, no sentido de ter que me perguntar se a paciente está manifestando uma capacidade paranormal, no caso, de prever meu futuro. Contudo, existe uma diferença, M sabe que esta falando de mim. E, a diferença de Freud, mesmo o eu não possa negar que a questão da migração me concernia, não ocupava meu pensamento consciente distorcendo minha atenção equiflutuante. A predição de M resulta de uma conjunção de um ponto da transferência e um ponto de sua estrutura psíquica, com um cálculo de probabilidades sobre o meu futuro realizado com a fórmula de um analista de seu passado, que pela sua vez abriu o caminho de bastante material. Aliás, eu não achava nenhum interesse no fenômeno cuja possibilidade de existência estava para mim suficientemente provada pelas experiências com seu Micheletti. Eu me perguntei então: “esta verdade que ela fala de mim, que é o que tem a ver com ela?” e, a meu ver, a admissão da existência do fenômeno não atrapalhou a escuta analítica. Não é, em definitivo, manter a escuta analítica, o que Freud se propunha trabalhando estes fenômenos ao longo de sua obra?

Voltamos ao texto de Freud que, apoiando a possibilidade da existência da telepatia no caso P, mas dando um salto no raciocínio, vai concluir:

No debéis olvidar que he tratado aquí estos problemas en cuanto es posible aproximarse a ellos desde el psicoanálisis. Cuando, hace más de diez años, surgieron por primera vez en mi campo visual, sentí también miedo a una amenaza contra nuestra concepción

científica del Universo, lo cual si el ocultismo se probaba, tendría que ceder su puesto al espiritismo o la mística. Hoy pienso de otro modo; opino que **no testimonia gran confianza en la ciencia el no creerla capaz de acoger e elaborar lo que de las afirmaciones ocultistas pueda demostrarse como verdadero.** En lo que se refiere particularmente a la trasmisión de pensamiento, parece favorecer precisamente la extensión del pensamiento científico -sus adversarios dicen mecanicista- a lo espiritual, tan difícilmente aprehensible. **El proceso telepático consistiría en que una persona estimula en otra el mismo acto psíquico. Lo que entre ambos actos anímicos existe puede muy bien ser un proceso físico,** en el cual se transforma lo psíquico en un extremo, e que en el otro extremo vuelve a transformarse en lo psíquico (...) Quiero hacer constar que con la interpolación de lo inconsciente entre lo físico e lo hasta entonces llamado psíquico, o psicoanálisis nos ha preparado para a aceptación de procesos tales como a telepatía. **Si empezamos por acostumbrarnos a la idea de a telepatía, podemos edificar mucho sobre ella,** si bien, por lo pronto, sólo con a fantasía. Como es sabido, se ignora cómo se establece en los insectos a voluntad colectiva. Posiblemente por una transferencia psíquica directa. Llegamos a la sospecha que no fue otro el medio original arcaico de inteligencia entre los individuos: método que luego, en el curso de la evolução filogenética, es desplazado por el método mejor de la comunicación con ayuda de signos recibidos por los órganos de los sentidos. Mas el método primitivo podría conservarse en último término y hacerse efectivo aún en determinadas condiciones, por ejemplo, en las masas apasionadas agitadas.. Todo esto es muy inseguro y está lleno de enigmas no resueltos peros no tiene porque asustarnos.³⁷

Em resumo, afirma que se o **ocultismo tiver alguma coisa de verdadeira não se deveria rejeitar; formula a hipótese do processo telepático por meio de um processo físico, o que quer dizer perfeitamente material e teoricamente contrastável; e considera a possibilidade de que se origine numa inteligência arcaica da espécie.**

E termina dizendo que este fenômeno é provavelmente muito freqüente especialmente na vida anímica da criança, que ilustra com a referência de um trabalho de Dorothy Burlingham que tinha em tratamento simultaneamente a uma mãe e seu filho: uma vez a mãe falou de uma moeda de ouro que desempenhara um certo papel na sua infância; esse mesmo dia o filho pede à mãe que guarde uma outra moeda que tinha ganhado de presente muito tempo antes. Na análise com a criança, segundo Burlingham, não foi possível explicação alguma, mas tempos depois, quando a mãe estava novamente pensando na moeda, escrevendo um informe, o rapaz pede de novo a moeda...

4.2. LACAN, TELEPATIA E DÉJÀ VU

Lacan fizera comentários sobre os seguintes temas: o *déjà vu*, os trabalhos de Freud sobre telepatia, e a questão do simbolismo. Se por um lado seria proveitoso fazer um percurso por eles, por outro as dificuldades de compreensão de seu estilo é bem conhecida; não pretendendo esgotá-los, minha proposta aqui será localizá-los, e colocá-los nas coordenadas conceituais em que se articulam e que são em geral nas relações dos três registros, real, imaginário e simbólico, e em particular, a questão da alucinação e o *acting out*.

4.2.1 DA RESSONÂNCIA EM REDES COMUNICANTES DO DISCURSO NA VIDA COTIDIANA

Lacan refere-se à conferência de Freud de 1932, quando diz (o negrito é meu, procurando marcar os significantes com que Lacan articula seu ponto):

Que el inconsciente del sujeto sea el discurso del otro, es lo que aparece más claramente aún que en cualquier otra parte en los estudios que Freud consagró a lo que él llama la telepatía, en cuanto que se manifiestan en el contexto de una experiencia analítica. **Coincidencia** de las **expresiones** del sujeto **con hechos** de los que no puede estar informado, pero que se mueven siempre en los nexos de otra experiencia donde el psicoanalista es interlocutor; **coincidencia** igualmente en el caso más frecuente constituida por una **convergencia puramente verbal**, incluso **homonímica**, o que, si incluye un acto, se trata de un **acting out** de un paciente del analista o de un hijo en análisis del analizado. Caso de **resonancia en las redes comunicantes de discurso**, del que un estudio exhaustivo esclarecería los casos análogos que presenta la vida corriente.³⁸

Lacan diz que o que Freud chamou de telepatia (nos exemplos de 1932, que não seria aplicável a outros trabalhos) é uma coincidência verbal, que produz uma

ressonância nas redes comunicantes do discurso. Redes comunicantes pode se referir aos tecidos de cadeias associativas que estão por trás do discurso concreto, onde se produz uma ressonância disparada por uma coincidência verbal. A palavra articulada por um dos interlocutores ressoa com significantes das redes preconscientes que estão nas vias associativas do desejo inconsciente do outro.

O curioso é que isto pode também acontecer com os significantes que possam achar no real, quando se o supõe enviando sinais como fazem os supersticiosos, os animistas, os que outorgam sentido às sincronicidades. Ou quando se reconhece a ‘pertinência’ do ditame de um adivinho, ou de um horóscopo, mesmo sem acreditar neles, porque ressoa com os significantes que formam parte das preocupações do sujeito. Tudo isto se deve à famosa preeminência do significante sobre o significado, e sem dúvida explicaria muitos casos da vida cotidiana, mas poderíamos dizer sem forçar o texto que Lacan afirme que toda telepatia é isso?

Esta citação, que parece uma explicação do fenômeno que nos ocupa, apresenta alguns problemas: primeira questão, não fica claro de quem é o inconsciente e de quem o discurso que o exemplo ilustraria. Vemos que P, o suposto sujeito da captação telepática, não declara perceber uma ressonância com tal ou tal palavra que passara pela cabeça de Freud: ao contrário, não tem idéia da origem dos vocábulos que incorpora como próprios (nem quando Freud lhe mostra o cartão de Forsyth). Portanto é uma palavra que pronuncia P a que ressoa em Freud. O que não é problema porque igualmente ilustra a relação do inconsciente com o discurso do outro, que é o ponto de Lacan. Para o significante, as fronteiras transpessoais não estão fechadas, como manifesta uma definição de inconsciente do mesmo texto³⁹: “aquela parte do discurso concreto enquanto trans-individual que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” resolvendo o paradoxo “que apresenta a noção de inconsciente, quando referida a uma realidade individual”.

Porém, Lacan não está explicando a telepatia em P, senão a sensação de Freud de que o outro lia seu pensamento. É dizer, está explicando porque Freud achou que P manifestava telepatia, mas não a telepatia. Levado a nível geral, poderia ser uma explicação de aparentes casos de telepatia..

Segunda questão, Lacan não diz ‘estudos que Freud consagrou à telepatia’ senão ‘ao que ele chamava a telepatia’ com o que não sabemos se ele pensa que a telepatia é outra coisa, ou que se poderia dar conta de todo o que parece telepatia como efeitos de discurso.

Finalmente, Lacan fala de *acting out* quando o fenômeno se manifesta em um ato, sem dúvida referindo-se à paciente de Dorothy Burlingham e ao filho da paciente, também em tratamento com ela. Apesar do meu empenho, não consegui encontrar este artigo, mas dificilmente encontra-se nele o argumento de Lacan para os avaliar como *acting out*, que por outra parte é um conceito difícil de teorizar: O Vocabulário de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis, diz do *acting out*:

término usado en psicoanálisis para designar acciones que presentan casi siempre un carácter impulsivo relativamente aislable en contraste com los sistemas de motivación habituales...
...una de las aportaciones del psicoanálisis ha consistido en relacionar la aparición de un determinado acto impulsivo con la dinámica de la cura y la transferencia. Es esta una via claramente indicada por Freud, quien subrayó la tendencia de algunos pacientes a llevar a la acción fuera del análisis los movimientos pulsionales develados por éste.

O *acting out* poderia ter sido que o filho ‘materialize’ uma moeda. A analista manifesta que não achou nada no material da criança que se pudesse escutar a respeito da moeda, mas talvez uma outra maneira de lê-lo, achasse vestígios, talvez não da moeda, mas sim de seu lugar na estrutura, que dê conta da coincidência de que fala Lacan. Na mãe o *acting out* poderia ser o fato de escrever um artigo, mas seria difícil estabelecê-lo com certeza. Seja como for, o *acting out* aparece onde falta um significante do Outro que permita articular o desejo, e no contexto da experiência analítica pode indicar um ponto que o analista não escuta. Nesse sentido o *acting out* da criança poderia ser um chamado ao Outro e sua lei, no ponto em que o desejo da mãe se movimenta na sua análise, onde também alguma coisa não escutada poderia se manifestar na escrita do artigo. Aqui a coincidência estaria dada no nível de um significante, a moeda, que circula em dois inconscientes.

Mesmo assim, o fato da criança reagir ao inconsciente que se mexe na sua mãe, com a precisão do significante, poderia se considerar telepático. Não existe

'ressonância' de cadeias associativas, nem qualquer palavra proferida a respeito. Podemos pensar que na criança o inconsciente e o desejo estão se constituindo com os significantes do Outro por meio de toda a relação que eles mantêm, na qual mais de uma vez a criança procura identificar o desejo do outro para desenhar seu ego à sua imagem, etc. Mas então surge a pergunta relativa à diferença entre a constituição do inconsciente e a indução de pensamento.

4.2.2. ENTRE O RECONHECIDO E O VISTO

Existe uma referência de Lacan ao *déjà vu* no Seminário I⁴⁰ no Capítulo V parte 4, em que fala da alucinação como a manifestação no real daquilo a respeito do que não existe afirmação primordial ou *bejahung*, onde diz do *déjà vu*:

lo no reconocido hace irrupción en la consciencia bajo la forma de lo visto. Si ustedes profundizan esa particular polarización, les resultará mucho más fácil abordar ese fenómeno ambiguo denominado “*déjà vu*” que se situa entre esos dos modos de relación: lo reconocido y lo visto. En el caso del “*déjà vu*” algo es llevado a su límite último en el mundo exterior y surge con una pre-significación especial. La ilusión retrospectiva remite ese percepto, dotado de cualidad original, al dominio del “*déjà vu*”. Freud no nos habla de otra cosa cuando afirma que toda prueba del mundo externo se refiere implícitamente a algo que ya había sido percibido en el pasado. Esto se aplica al infinito; de cierto modo cualquier percepto implica necesariamente una referencia a un percepto anterior.

Muito parecida é a citação de “En Respuesta al Comentario de Jean Hyppolite”,⁴¹ onde Lacan trabalha a mesma questão, e também se refere ao mesmo fenómeno, quando fala do carácter extratemporal da rememoração, como selo de origem do memorado, e diz:

Y no encontramos en este carácter algo no idéntico, pero que podríamos llamar complementario de lo que se produce en el famoso sentimiento de *déjà vu* que, aunque ha llegado a constituir la cruz de los psicólogos no por ello ha quedado esclarecido a pesar del número de explicaciones que ha recibido, y que no por azar ni por gusto de la erudición recuerda Freud en el artículo de que hablamos por el momento? {se refiere ao artigo sobre o *déjà raconté*} ... Podría decirse que el sentimiento de *déjà vu* sale al encuentro de la alucinación errática, que es el eco imaginario que surge en respuesta a un punto de la realidad que pertenece al límite donde ha sido cercenado de lo simbólico.

Quiere decir que el sentimiento de irrealidad es exactamente el mismo fenómeno que el sentimiento de realidad, si se designa con este término el 'clic' que señala la resurgencia, difícil de obtener, de un recuerdo olvidado. Lo que hace que el segundo sea sentido como tal es que se produce en el interior del texto simbólico que constituye el registro de la rememoración, mientras que el primero responde a las formas inmemoriales que aparecen sobre el palimpsesto de lo imaginario, cuando el texto interrumpiéndose deja al desnudo el soporte de la resminiscencia.

Em suma, o *déjà vu* pode se iluminar pensando em duas formas de relação com o real, o reconhecido e o visto. Mas qual é o ponto da realidade que pertence ao limite onde tem sido cerceado do simbólico? Se a realidade se reconhece na percepção como a identidade com uma inscrição simbólica anterior, e a irrealidade na emergência do carácter mítico da inscrição primordial na medida que o real não responde a ela, e o *déjà vu* é a manifestação de uma lembrança onde deveria existir uma simples percepção, não seria uma emergência do ponto onde o real é estruturalmente impossível de ser simbolizado? Para mim não fica nada claro.

RESUMO: Freud estuda poucos exemplos de sonhos premonitórios, superstição, *déjà vu*, *déjà raconté*, encontros singulares e um caso de vozes divinas procurando explica-los como produtos psíquicos, criações da mente que justificam projeções ou servem o desejo inconsciente. A respeito da telepatia, reconhece que pode existir algum tipo de comunicação mental cuja via de transmissão não é conhecida, e que os adivinhos lêem o pensamento das pessoas que por sua vez, costumam experimentar júbilo ao escutar predições que se relacionam com seus desejos inconscientes. Diz do paranóico, que concorda com a psicanálise na existência do determinismo psíquico, mas não reconhece que aquilo que encontra no outro é o projectou nele negando-o em si mesmo. Apresenta o caso do Sr. P., cuja suposta 'leitura' do pensamento de Freud

é duvidosa, e de se apoiar na análise de sua transferência, fala mais do inconsciente de Freud que de P.: seu desejo de ganhar o campo da telepatia para a psicanálise. Lacan procura explicar o *déjà vu* com a noção dos três registros, em paralelo ao retorno do forcluído no real da psicose, como algo visto que aparece no real como reconhecido, e a telepatia de que fala Freud, como uma ressonância nas redes comunicantes do discurso, em que o discurso de uma pessoa ressoa com os significantes inconscientes da outra, o que responde à sua fórmula "o inconsciente é o discurso do outro". O futuro de especulação teórica que, segundo Freud abre para a psicanálise a telepatia, poderia estar dado pelo estudo do *significante* tanto no individual quanto no seu funcionamento social.

¹ FREUD, S., *Obras Completas*, Ed Biblioteca Nueva, Madrid, 1973, Pag 753.

² Idem, Pág. 906

³ No começo deste capítulo, cita um artigo de R.M. Meyer, historiador da literatura, da a revista *Zeit*, segundo o qual é impossível escrever algo totalmente desprovido de sentido, que foi um dos pivôs da inspiração de Freud para inventar o dispositivo analítico.

⁴ A introdução do conceito de determinismo psíquico freudiano teve conseqüências na cultura e na sociedade, como pode-se ver numa nota do artigo que comentamos, onde Freud menciona que a administração de justiça se interessou no teste para estabelecer a culpabilidade dos suspeitos, desenvolvido a partir dos experimentos de Jung sobre associação de palavras. Ou seja, na prática a jurisprudência coincide com Freud: a motivação ajuda a estabelecer a culpabilidade, mas o fato de ser inconsciente não livra o sujeito da responsabilidade pelos seus atos.

⁵ A descrição coincide perfeitamente com os sintomas que apresenta nossa M.

⁶ Idem pág 917

⁷ Idem pág. 919

⁸ Idem pág. 1794

⁹ Idem pág 1795

¹⁰ Idem pág. 1795

¹¹ Idem pág. 1679

¹² Idem pág. 1679

¹³ Idem pág 2648

¹⁴ Efetivamente, foram retomadas por muitos autores da Nova Era como hipóteses científicas para basear a possibilidade da existência de outra natureza por trás da conhecida; porém a teoria de Einstein deixou de ser um escândalo científico como no momento em que Freud escreve.

¹⁵ Opus cit.pág.2648

¹⁶ Idem pág. 2631

¹⁷ Idem pág.2631

¹⁸ Idem, pág 2641

-
- ¹⁹ Idem pág. 2887
- ²⁰ Aqui temos a citação onde Freud fala em cálculos, como o parapsicólogo mencionado na apresentação.
- ²¹ Editada no Brasil por Imago, 1994, Introdução do volume I.
- ²² Paciente pela qual Ferenzi se apaixonou, filha da mulher com quem finalmente casou... foi também paciente de Freud.
- ²³ GAY, Peter, *Freud*, Ed., pág 389
- ²⁴ Opus cit pág. 3001
- ²⁵ Idem pág. 3116
- ²⁶ Idem pág. 3118.
- ²⁷ Idem pág. 3118
- ²⁸ Idem pág.3119
- ²⁹ Idem pág. 3120
- ³⁰ Idem pág.3121
- ³¹ Idem pág. 3123
- ³² Idem pág.3127
- ³³ Aqui venho a descobrir que se eu escrevi alguma coisa sobre a necessidade do analista se ganhar a vida, como tendo uma função na engrenagem do tratamento – que se refere a um real do analista, que pelas funções do pai real na conclusão do Complexo de Édipo, aponta à castração do Outro, que se bem na cura aparece tarde, a nível da fim da análise, se antecipa na instalação do dispositivo pela estrutura – foi porque eu, como psicanalista proletária, tive uma experiência que não seria freqüente em um Lacan ou um Freud, de precisar uma conceitualização para que essa necessidade de minha pessoa não me atrapalhasse com sua jamais completamente neutralizada angústia econômica argentina á que nenhum Goldman pode estar imune, á hora de responder a situações bem concretas que se apresentam a um analista, como responder a um paciente do serviço social, que nos pergunta por que pela nossa parte trabalhamos aí, tendo em conta o que significa em termos do estabelecimento do sujeito suposto saber na transferência para ele. E do que resulta em que uma experiência analítica pode se ver assim, mas não seja pragmaticamente iluminada pelas vicissitudes de uma condição social... sempre que se possa processar ao geral, a fórmula de seu caso particular. Porque os humanos desejos do analista podem se articular na hora de sua circunstancial aparição na dialéctica da cura, com a função ‘desejo do analista’, mas eles não são essa função, do mesmo jeito que os limites impostos pela sua condição de humano podem se articular com as da função do real do analista no fim da cura, sem que eles mesmas devam ser confundidas com essa função.
- ³⁴ Psicólogo argentino que formou grande quantidade de analistas nos seus seminários privados em na Escola Argentina de Psicanálise, o Hospital Penna e outros.
- ³⁵ FREUD, A. *Intervenção sobre a Transferência*. Op cit. pág 1648
- ³⁶ Ver *A Interpretação dos sonhos* Op. cit.
- ³⁷ Idem.pág.3131
- ³⁸ LACAN, J., “Função e campo da palavra”. *Escritos*. Ed Siglo XXI, 1975 T.II Pág 85
- ³⁹ Idem, pág. 79
- ⁴⁰ LACAN, J., *Seminário: Los escritos técnicos de Freud 1953-54* Ed Paidós 1981 pág.. 97
- ⁴¹ LACAN, J. *Escritos*, Ed.Siglo XXI, 1975, pág.. 152

6. CONCLUSÕES

Cada psicanalista deve achar a maneira de inventar a psicanálise
Jacques Lacan

Vimos que Freud, partindo duma posição que ele mesmo denomina materialista mecanicista, abordou em diversas oportunidades com sua teoria o estudo dos fenômenos que chama de 'maravilhosos e fantásticos', entre os quais inclui a telepatia, a adivinhação do por vir, os sonhos premonitórios, os encontros singulares, o *déjà vu*, o *déjà raconté* e as premonições. Inicialmente, sua proposta é incluí-los nas série das formações do inconsciente, como os atos falhos, chistes e lembranças encobridoras, quer dizer, formando parte da chamada psicopatologia da vida cotidiana. Sua hipótese explicativa geral seria a de que se originam em uma regressão à qual chama de pensamento primitivo, cuja expressão paradigmática seria dada pelo animismo, equivalente do que a nível individual, (pela relação ontogenia - filogenia) é, para ele, o estágio narcísico infantil da evolução libidinal.

Por volta de 1919-20, analisa o material em seus artigos considerando a possibilidade das duas hipóteses: a de que existiu e a de que não existiu mensagem telepática. No primeiro caso, a mensagem telepática seria processada pelo psiquismo como um dado do real, ficando por pesquisar a maneira que tivera de entrar nele. No segundo caso, os acertos telepáticos poderiam explicar-se por uma série de cálculos que a mente seria capaz de realizar antecipando a probabilidade do acontecimento de certos fatos ou deduzindo pensamentos de outra pessoa (curiosamente, é a hipótese do parapsicólogo mencionado na introdução para explicar a previsão do futuro). Finalmente, reconhece que experiências em círculos íntimos o convenceram da existência da transmissão de pensamentos. Seus biógrafos e sua correspondência permitem estabelecer que se tratava de experimentos realizados com sua filha Anna e com Ferenzi, além de um caso de um de seus pacientes em análise em 1919.

Em 1922 escreve um artigo em que reconhece a possibilidade da existência da telepatia perante a comunidade analítica. Pode-se pensar que se escolhe calar seu reconhecimento público, é para evitar confusões entre a psicanálise e o chamado ocultismo,

não sendo, evidentemente, estratégico, aliar-se com quem procurava o mesmo reconhecimento, mas com uma metodologia cuja cientificidade é o primeiro a criticar. Porém, pode-se deduzir que percebera que não era intrinsecamente imprescindível que a psicanálise aderisse ao acordo de que não existem esses fenômenos quando declara não ser preciso retroceder até eles, e que admitiam uma abordagem científica.

Só em 1932, mais seguro de sua teoria e de seu prestígio, libera-se para publicar o caso de um paciente, tratado em 1919, que teria apresentado manifestações telepáticas. Reconhece então a possibilidade da existência positiva da telepatia, e chega a declarar-se entusiasmado com as vias de especulação que possa abrir para a investigação psicanalítica. Entretanto não acredita na predição do futuro e não esclarece sua posição final ao respeito dos outros fenômenos. Propõe uma hipótese ampla que poderia explicar a telepatia, a de que os conteúdos psíquicos encontrem uma via de transmissão física de um sujeito a outro.

O ponto interessante que se pode levantar é que, no percurso de sua análise, Freud observa que a mensagem telepática aparece quase sempre deformada e misturada com outros elementos impulsionados pelo desejo inconsciente. Embora a telepatia não encontre uma explicação causal no desejo inconsciente reprimido (pertenceria a outro campo) ele intervém em maior ou menor medida na sua manifestação, como acontece com qualquer outra percepção. Seu paciente P., por exemplo, teria ‘captado’ os nomes que ocupavam seu pensamento (de Freud). Não sabemos como, mas sim o por quê: pelo desejo de ser amado por Freud na posição que ocupava na transferência.

Lacan dirá que a telepatia da qual Freud falava exemplifica sua fórmula “o inconsciente é o discurso do outro”. O certo é que Freud testemunha ter percebido um sinal intrapsíquico “este homem lê meu pensamento”, quando o paciente mencionar os significantes de seu inconsciente (o de Freud). Poderia parecer que Lacan formula uma hipótese geral a respeito do fenômeno telepático, mas o que está explicando são os casos em que o sujeito percebe esse sinal intrapsíquico (que pode surgir perante o discurso do outro e podemos acrescentar também quando disparado por qualquer coisa – um acontecimento, um fenômeno natural, etc. – que faça sinal ao seu desejo inconsciente). Porém, isto não é o que Freud chama de telepatia em outros artigos, por exemplo, no sonho do nascimento de gêmeos, e também não é o que a parapsicologia exige para considerar a

presença de um fenômeno propriamente telepático. Não se pode afirmar, portanto, que Lacan tenha resolvido o problema, ficando pouco claro o que pensava do mesmo, embora poderia explicar muitos casos de aparente telepatia.

Por outro lado, sua formulação dos três registros, especificamente da constituição do real no psiquismo na articulação com o imaginário e com o simbólico, é uma hipótese fecunda para iluminar a questão: se existem coisas que vão se considerar sobrenaturais é porque o registro simbólico estabelece as regras do que é real, tanto em nível individual quanto social. Trata-se de uma forma de pensar que não exige um comprometimento com tal ou qual real, senão que procura responder a questão de como o que se chama real é *produzido* pela articulação significativa. Assim, a realidade que responde à física newtoniana, que enuncia que o tempo tem uma direção única e constante, e os objetos se desenvolvem nas três dimensões espaciais sem poder ocupar dois lugares ao mesmo tempo, etc., resulta de um acordo social, tanto quanto a crença em espíritos desencarnados e da natureza do animismo primitivo; e do ponto de vista da constituição do real, não existe inferioridade ou superioridade em qualquer que seja o caso: ambas realidades submetem-se à ordem simbólica que obedece a suas próprias regras.

A teoria lacaniana do significativo poderia resultar também na realização do futuro da especulação teórica que Freud preconizara para a psicanálise no que diz respeito da telepatia. Lacan descreve, em diferentes lugares de sua obra, por exemplo no Seminário das Relações de Objeto¹, que ao nascer, a criança se encontra submetida aos significantes do Outro para processar suas necessidades. A mãe atribui uma determinada significação ao choro do bebê, o que se poderia considerar uma 'leitura' de seu pensamento: é fome, é sono, é dor, etc. Mas, desde que o bebê humano precisa dos significantes do Outro para constituir seu psiquismo, a simbolização da mãe é tanto uma 'leitura' quanto uma 'escritura' de seu pensamento. É justamente quando essa leitura está alienada demais a respeito das necessidades (biológicas e simbólicas) da criança que se desenvolve a patologia. Nossa paciente provê um exemplo, quando manifesta que para a mãe tudo se reduzia a comer ou não comer.

Por outro lado, quando a mãe deve frustrar a criança do seu objeto, por exemplo enquanto prepara seu alimento, oferece-lhe palavras, ou simplesmente sons, onde o sentido é menos importante do que a instalação da estrutura da linguagem. Assim, as palavras

uma contingência do caso M., sua singularidade bem que poderia se abrir à generalização.

A respeito do fim da análise a pergunta continua sendo: atingiu este tratamento um fim de análise? Tratava-se de uma histeria psiquiatrizada ou de uma verdadeira psicose? Cura-se total ou parcialmente? Ao meu ver, a cura se constata na possibilidade de M construir um mito de sua história, onde a carência simbólica dos pais toma o sentido de um aprendizado a respeito de fazer o bem com os poderes. Ora, para isto M. precisou ou tomou os significantes da Nova Era, aqueles que se pode comprar no mercado...

Finalmente, o que me interessa marcar no que diz respeito à predição de M de minha partida de Barcelona, é que ela confirma a hipótese freudiana: uma premonição ou um fenômeno telepático pode ser uma informação objetiva, e ao mesmo tempo disparada no sujeito por causa de seu desejo inconsciente, ou melhor, pelas necessidades de sua estrutura psíquica. Por que M. precisaria antecipar minha partida, minha ausência, o limite da relação comigo? Porque a separação da mãe, o limite entre ela e a mãe era seu problema. Porém, é comum que os sujeitos em análise imaginem separações de seu analista. O singular em M. é que o caráter de predição outorga no seu psiquismo um valor real ao acontecimento. É o real de uma separação não simbolizada pelo psiquismo, o que se antecipa na predição.

Pode-se pensar também que eu tenha distraído minha escuta; tratava-se, para mim, da separação da mãe também (da minha, da pátria, da terra mãe). Mas também pode-se pensar que justamente porque o escutei como verdade retornou para M como real, e não como mera idéia intelectual, e que a aparição da série de associações posteriores foi possível porque eu me comprometia, assumindo o real de nossa separação, de não usufruir como a mãe de sua loucura.

A predição de minha partida, embora possa se considerar um retorno do repudiado, já que está no mesmo ponto estrutural de aparição no real daquilo que não tem inscrição simbólica, ao ser articulada como 'previsão' pelo psiquismo, estabeleceu uma continuidade na sua economia psíquica.

Em resumo, apresento um tratamento analítico onde o analista acredita na existência da telepatia, e procuro demonstrar que não é um impedimento para a escuta analítica.

Finalmente a respeito da *palavra oracular*, quero acrescentar que pode ser

reconhecida como verdade pelo ouvinte, primeiro porque ela dá nome ao desejo inconsciente, tal como pensa Freud, mas quando produz o mesmo efeito a respeito de desejos conscientes, põe de manifesto que seu efeito não provém de remontar à censura ou resistência, mas sim de remontar à *inexistência*. Os efeitos da palavra oracular podem se considerar da ordem da escrita. O que o adivinho testemunha e o ouvinte dá fé, está escrito no destino, ou seja, na ordem simbólica. Por outra parte é circulando no discurso, que o desejo se mantém no revés do real ou simplesmente: se o desejo se reconhece na sua predição, sua realização se antecipa na sua enunciação. Talvez o ilustrem os sistemas oraculares como o I Ching, que são diretamente textos - transmitidos oralmente ou escritos. Ainda uma opinião sobre eles: parecem-me máquinas de produção de sentido, onde a combinatória significante, colocada em relação ao desejo do sujeito, impulsiona um movimento à produção de sentido.

¹ Jacques Lacan, Seminário das Relações de Objeto, Inédito.

6. BIBLIOGRAFIA

PSICANÁLISE E PSICOSE

- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, Ed Biblioteca Nueva, Barcelona, 1973
- Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia autobiográficamente descrito* (Schreber) 1910
- Los dos principios del funcionamiento mental* - 1911
- Introducción al narcisismo* - 1914
- El duelo y la melancolía* - 1915
- Un caso de paranoia contrario a la teoría psicoanalítica* - 1915
- Lo siniestro* - 1919
- Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina* - 1920
- Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos, la paranoia y la homosexualidad.* - 1921
- Neurosis y Psicosis* - 1924 (Esquema del Psicoanálisis)
- La pérdida de la realidad en la neurosis y la psicosis.* 1924 (Esquema del Psicoanálisis)
- La negación* - 1925
- La escisión del Yo en el proceso de defensa* - 1938
- Proyecto de una psicología para neurólogos* - 1985 (Cap 8 e 15 ao 18)
- El aparato psíquico y el mundo exterior* 1938 (Compendio sobre Psicoanálisis)

LACAN, Jacques

- La psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*, Siglo XXI Ed 1976
- Escritos I y II.* Siglo XXI Ed. 1975 (“*La agresividad en psicoanálisis*” e “*De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis*”)
- Le Seminaire. Livre III - Les Psychoses-* Ed. Seuil- 1955-56
- El Seminario. Libro 7. La Etica del Psicoanálisis.* Paidós Baires 1959-60
- El Seminario. Libro 17. El reverso del Psicoanálisis.* Paidós Baires 1969-70
- El Seminario. Libro 20. Aun.* Paidós. Baires 1972-73
- Radiofonía y Televisión* Ed Anagrama, 1974

PSICANÁLISE E TELEPATIA

- FREUD, Sigmund (op.cit.)
- Una premonición onírica cumplida.* - 1899
- Determinismo, creencia en la casualidad y en la superstición.* Em *Psicopatología de la vida cotidiana* 1901
- Psicoterapia. Tratamiento por el espíritu.* - 1905
- Totem y Tabu.* Cap III Animismo, magia y omnipotencia de las ideas.-1913
- La “fausse reconnaissance” (Dejà raconté) durante el análisis.* - 1914
- Psicoanálisis y telepatía*- 1921
- El sueño y la telepatía* - 1921
- Las significación ocultista del sueño.-* 1925
- Una experiencia religiosa* - 1927
- Sueño y ocultismo* - Lección XXX de Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. - 1933.

FREUD, S - FERENCZI, S - *Correspondência*- Tomo I, Imago, 1999 (F 75, 78, 308, 436 y Fer 76,83,160,180,182,189)

OUTROS

- AGUIAR, F. *Le transfert analytique. Approches épistémologique et éthique de la clinique freudienne.* Tese de doutorado, Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, 1995
- AMARAL, Leila, *O Carnaval da Alma.* Ed. Vozes, SP 2000.
- BEROIZ, E.A, *Psi y Libido.* Em *Gaceta de Parapsicología.* Inverno 1981, (pag.12-21) Buenos Aires

- BOYER, L. BRYCE. *La contratransferencia. Historia y problemas clinicos*. Revista de Psicoanalisis. Vol 49(3-4), May-Aug 1992, 423-441
- BOUILLARD, Henri. *Logica da fe*. Ed. Herder. São Paulo, 1968
- CORONA SOSA, M.A. *La Magia del Psicoanálisis: Psicoanálisis de la magia*. Cuadernos de Psicoanálisis XXVII, 3 e 4, julho-dec. 1994
- DEUTSCH, Helene. *Procesos ocultos durante el psicoanálisis*, Imago 1926, v. 12
- EY, H. Bernard P e Brissett, CH. *Tratado de Psiquiatria*, Toray Masson, Barcelona, 1965
- SANDOR FERENZCI. *Psicoanálisis*, Tomos I a IV Espasa Calpe, Madrid, 1984
- FLEIG, MARIO. *A vidência e a interpretação do desejo*. Em *Ato e Interpretação*, ano 8 / 14 março 1998.
- FOUCAULT, Michel, *Histoire de la Sexualité*. Tomos I, II e III. Ed. Galimard, Paris, 1984
- FOUCAULT, Michel, *A Ordem do discurso*. Aula Inaugural do Collège de France o 2-12-1970 Ed. Loyola SP
- GEVEROVICH, Eduardo - *Une douleur irresistible* - Seuil- 1989- Edição do autor.
- GOLDMAN, Diana. *Ética, Institución y Psicoanálisis* – Encontros Clínicos, APBA, 1986
- HELMAN, Jorge M. *La creencia ocultista en la telepatia y la lectura teórica del Psicoanálisis*. Rev. Argentina de Psicología. XXIV, Buenos Aires, 1986, (pag. 43-56)
- ISAIA, Artur C. *Espiritismo, Utopia e Conciliação Social*, em Cadernos de CEOM, Ano 14 n 13 Unoesc-Chapecó, Junho 2001
- JUNG CARL G. *Simbolos de Transformación*. Paidós 1982
- JUNG. CARL G. *Aion*. Paidós, 1986
- JUNG. CARL. G. *Autobiografía*. Paidós, 1998
- JURANVILLE, A. *Lacan e a filosofia*. J. Zahar Ed. SP 1987
- KRAMER, Wim, *Parapsicología clínica y experimentación en Holanda*. Em Rev. Argentina de Psicología Paranormal, Vol 9 – 3/9/98 (pag. 175-189)
- MALUF, Sonia. *Les cultures therapeutiques el spirituelles aux sud du Brasil*- Tese de doutorado - Paris 1994
- MIJOLLA, Alain de, *Pensamento de Freud*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985
- MOREAU, Chistian, *Freud y el Ocultismo*. Gedisa, Bs. As. 1983
- LAPLANCHE J. PONTALIS, J.B. *Diccionario de Psicoanálisis*, Ed Labor, Barcelona, 1971
- RIFFLET-LE MAIRE, Anika, *Lacan*, Edhasa, Barcelona 1971
- GREGORY ZILBOORG. *Psicoanálisis y Religión*, Ed Troquel 1962
- DAVID ZAIDENWERG - *Magia y Psicoanálisis* – Em Gaceta Psicológica, Baires, 1987

GERALES DA NOVA ERA

- BOHM, David, *La totalidad y el orden implicado* Ed Kairòs, Barna 1980
- BRENNAN, Barbara Ann, *Hands of Light*, Bantam Books, 1988
- BRENNAN, Barbara Ann, *Light Emerging*, Bantam Books, 1993
- CASTANEDA, Carlos. *The teachings of Don Juan; A separate reality; Journey to Ixtlan, Tales of power; The second ring of power; The eagle's gift, the inner silence*, Ed Pooket Books, NY.
- CAYCE, Edgard, *Encyclopedia of healing*, Warner Books, 1986
- CONAN DOYLE, Arthur, *Historia do espiritismo*, Ed Pensamento SP
- DEUTSCH, David, *La estructura de la realidad*. Anagrama. Barna 1997
- FERGUSON, Marilyn, *La conspiración de Acuario*, Ed Kairos 1980
- GERBER Richard, *Medicina vibracional*, Ed Cultrix SP 1988
- GROF, Stanislav, *La mente holotrópica*, Planeta, Baires. 1992
- GROF, Stanislav. *The adventure of self discovery*, State Univ of NY Press, 1988
- LEADBEATER, C.W.. *Los chacras*. Ed Kier Baires 1990
- HURTAK, J.J. *Las claves de Enoch*. Ed Ciencia Futura, 1982
- KARDEC, Alan, *O Cèu e o inferno*, Fed Espirita Brasileira, 1865
- KRISHNAMURTI, J. *El libro de la vida*, Edaf - Madrid, 1995
- FOUNDATION FOR INNER PEACE, *El curso en Milagros*, USA 1992.

- JOST DE MORAES, Renate, *As chaves do inconsciente*, Ed Agir, Rio de Janeiro, 1998
 JOST DE MORAES, Renate. *O inconsciente sem fronteiras*. Ed Santuario 1995
 MARCINIAK, Barbara *Mensajeros del alba*. Obelisco, España 1995
 PIERRAKOS, E. y THENSEGA, D., *No temas el mal*. (Pathwork) Ed Pax Mexico 1995
 REDFIELD, James, *The Celestine Prophecy* Ed Atlantida Baires
 REDFIELD James, *La décima revelación*. Ed Atlántida Baires 1996
 SHELDRAKE, Rupert y FOX, Mathew, *Ciencia y Espiritualidad*. Ed Kier 1996
 STEINER, Rudolf . *Tratado de ciencia oculta*. Ed Dedalo Baires 1976
 SUZUKI - FROMM, E. *Budismo zen y psicoanálisis*. Fondo de Cultura Mexico ,1964
 TART, Charles T e outros. *Psicologias transpersonales*, tomos I y II Ed Paidós 1979
 TOYNBEE A, KOESTLER A e outros: *La vida despues de la muerte*. Ed Sudamericana Baires 1978
 VEIRA, Waldo *Projeciologia* , Ed do Autor, Rio de Janeiro 1986
 WILBER, Ken e outros. *El paradigma holográfico*. Ed Kairós-Troquel 1992

PARAPSIKOLOGIA

- FRIDERICHS, E.A. "Panorama da Parapsicologia Ao Alcance de Todos". Edições Loyola SP 1991
 GUIMARAES ANDRADE, Ermani *Parapsicologia Experimental*, Ed. Calvario SP 1997
 PADRE QUEVEDO, *La cara oculta de la mente*. Ed. Loyola, SP. MANN, W. Eduard. Orgone, Reich and Eros. Touchstone Book, NY
 RICHET, Charles, *Tratado de Metapsiquica*, Tomo I, LAKE, SP.
 RHINE, J.B. e Breier, R. 'Parapsicologia Atual', 1968, Fondation on Research on the Nature of Man, 1968